



R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

PQ 9697 L59 C5 1926 LAC

**LIBRARY
USE ONLY**

THE
ESTABLISHED IN 1908
THE UNIVERSITY OF TORONTO
LIBRARY



3/20/73
TJ

MONTEIRO LOBATO



O CHOQUE

ROMANCE DO CHOQUE DAS RAÇAS
NA AMERICA NO ANNO DE 2228.

COMPANHIA
Rua dos Gusmões, 33
SÃO PAULO.

EDITORA
1926

NACIONAL
Rua Sen. Dantas
RIO DE JANEIRO

R. B. ROSENTHAL
LIVROS
.isboa 2 — Portugal

MONTEIRO LOBATO

O Choque das Raças
ou
O Presidente Negro

Romance americano
do anno de 2228

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 33 1926 RUA SEN. DANTAS, 105
S. PAULO RIO

OFF DA S. PAULO-EDITORIA LTDA.
RUA BRIG. TORIAS, 88

A
ARTHUR NEIVA
E
COELHO NETTO,

DOIS GRANDES MESTRES
DO TRABALHO, NA
SCIENCIA E NAS LETRAS.

O CHOQUE DAS RAÇAS
ou
O PRESIDENTE NEGRO

CAPITULO I

O DESASTRE

A CHAVA-ME um dia defronte aos *guichets* do London Bank, á espera de que o pagador gritasse a minha chapa, quando vi, a cochilar num banco ao fundo, certo corretor de negocios, meu conhecido. Fui-me a elle, alegre da oportunidade de illudir o fastio da espera com uns dedos de prosa amiga.

— Esperando sua horinha, hein ? disse-lhe, com um tapa amigavel no hombro, enquanto me sentava ao seu lado.

— E' verdade. Espero pacientemente que me cantem o numero, e enquanto espero philosopho sobre os males que traz á vida a deshonestidade dos homens.

— ?

— Sim, porque si não fosse a deshonestidade dos homens tudo se simplificaria grandemente. Esta demora no pagamento do mais simples cheque, donde provem ella ? Da

necessidade de controle em vista dos artificios da deshonestidade. Fossem todos os homens sérios, não houvesse hypothese de falsificações ou abusos e o recebimento de um dinheiro far-se-ia instantaneo. Ponho-me ás vezes a imaginar como seriam as cousas cá na terra si um sabio eugenismo dêsse combate á deshonestidade pela eliminação completa dos deshonestos. Que paraíso !

— Tens razão, concordei eu, com os olhos parados de quem pela primeira vez reflecte numa idéa. A vida é complicada, existem leis, policia, embaraços de toda a especie, burocracia e mil peias, tudo porque a deshonestidade nas relações humanas constitue, como dizes, um elemento constante. Mas é mal sem remedio...

E por ahi fomos, no philosophar vadio de quem não possui cousa melhor a fazer e apenas procura matar o tempo. Passamos depois a analysar varios typos alli presentes, ou que entravam e saham, na azáfama peculiar aos negocios bancarios. O meu amigo, frequentador que era de bancos, conhecia a muitos e foi-me enumerando particularidades curiosas relativas a cada qual. Nisto entrou um velho de apparencia distincta, já um tanto dobrado pelos annos.

— E aquelle velho que alli vem ? perguntei.

— Oh ! Aquelle é um caso sério. O professor Benson, nunca ouviste falar ?

— Benson... Esse nome me é desconhecido.

— Pois o professor Benson é um homem mysterioso, que passa a vida no fundo dos laboratorios, talvez á procura da pedra philosophal. Sabio em sciencias naturaes e sabio ainda em finanças, cousa ao meu ver muito mais importante. E tão sabio que jamais perde. Dou-me com esses rapazes todos que trabalham nas secções de cambio e por elles sei deste homem cousas impressionantes. Benson joga no cambio, mas com tal segurança que não perde.

— Sorte!

— Não é bem sorte. A sorte caracteriza-se por um affluxo de paradas felizes, por uma media mais alta de lucros do que de perdas. Mas Benson não perde nunca.

— Será possivel?

— E' mais que possivel, é facto. Deve possuir hoje enorme fortuna. Mora em um complicado castello lá dos lados de Friburgo, mas não cultiva relações sociaes. Não tem amigos, ninguem ainda viu o interior do casarão onde vive em companhia de uma filha, servido por criados mudos, ao que dizem. Sabes que depois da guerra o mundo inteiro jogou no marco alemão.

— Sei, sim, e fui uma das victimas...

— Pois o mundo inteiro perdeu, menos elle.

— Absurdo ! Só si fabricava marcos para vender.

— Ao contrario, comprava e revendia marcos já feitos. O marco, talvez te lembres, teve em certo periodo uma oscillação de alta. Renasceram as esperanças dos jogadores e o movimento de compras foi enorme. Benson vendeu nessa occasião. Logo em seguida começou o marco a desandar até zero e para nunca mais se erguer.

— Vendeu no momento exacto, como quem *sabe* qual o momento exacto de vender...

— Isso mesmo. Com o franco fez cousa identica. Comprou exactamente nos dias de maior baixa e vendeu exactamente nos dias de maior alta. Tem ganho o que quer ganhar, o raio do homenzinho...

— E para que necessita de tanto arame ?

— Ignoro. Não leva a vida commum dos nossos ricos, não dá festas, não consta que seja explorado por mulheres. E' positivamente mysterioso o professor Benson e afigura-se-me um magico que vê atravez do futuro.

Ri-me da expressão do meu amigo e, qual um philosopho barato, murmurei com superioridade :

— Como pode ver atravez do que não existe ? O futuro não existe...

O corretor respondeu-me com uma phrase que naquelle momento não comprehendí:

— Não existe, sim, mas vae existir *necessariamente*. Dois mais dois — é o presente. A somma quatro é o futuro. Portanto...

— “Vinte e dois!” gritou uma voz da pagadoria.

Era o meu numero.

— Dois mais dois tambem pode ser vinte e dois, grancei eu, despedindo-me do philosopho. Adeus, meu caro. Na proxima oportunidade continuarás a tua demonstração.

Recebi o dinheiro e sahi para o torvelinho das ruas, onde breve se me apagou do cerebro a impressão do professor Benson e das palavras do meu amigo.

Mas dá a vida mysteriosas voltas e um bello dia, ao despertar de um somno lethargico, quem vi deante dos meus olhos, qual um espectro? O professor Benson !...

Não antecipemos, porém e, antes de mais nada, permittam-me que fale um bocado da minha pessoa.

Era eu um pobre diabo para toda a gente, excepto para mim mesmo. Para mim tinha-me na conta de centro do universo. Penso e sou, dizia commigo, repetindo certo philosopho francez. Tudo gyra em redor do meu ser. No dia em que eu deixar de pensar, o mundo acaba-se. Mas isto parece que não

tinha grande originalidade, pois todos os meus conhecidos se julgavam da mesma fórma.

Eu vivia do meu trabalho, recebendo d'elle, não o producto, mas uma pequena quota, o necessario para pagar o quarto onde morava, a pensão onde comia e a roupa que vestia. Quem propriamente gosavam do meu trabalho eram os socios da firma Sá, Pato & Cia, gordos e solidos negociantes que me enterneciam a alma nas epocas de balanço, ao concederem-me a pequena gratificação constituidora do meu lucro. Com elles trabalhei varios annos, conseguindo reunir o modesto peculio que transformei em marcos e, com grande dor d'alma, vi reduzirem-se a zero absoluto, apesar da theoria de que tudo é relativo.

Continuei no trabalho por mais quatro annos, d'ahi por deante já curado de jogatinas e megalomanias.

Mas, todos nós possuimos um ideal na vida. Meu amigo corretor sonha dirigir a carteira cambial de um banco. Aquelle pobre que alli passa, tocando um realejo que herdou do pae e ao qual faltam tres notas, sonha com um realejo novo a que não falte nota nenhuma. Eu sonhava... com um automovel. Meu Deus! As noites que passei pensando nisso, vendo-me ao volante, de olhar firme para a frente, fazendo, a berros de klaxon, disparar do meu caminho os pobres e assustadiços pedestres! Como tal sonho me enchia a imaginação!

Meu serviço na casa era todo de rua, recebimentos, pagamentos, commissões de toda a especie. De modo que posso dizer que morava na rua e o mundo para mim não passava de uma rua a dar uma porção de voltas em torno da terra. Ora, na rua eu via a humanidade dividida em duas castas, pedestres e rodantes, como os baptizei, aos homens acima do commum que circulavam sobre quatro pneus. O pedestre, casta em que nasci e em que vivi até aos 26 annos, era um ser inquieto, de pouco rendimento, forçado a gastar a sola das botinas, a suar em bicas nos dias quentes, a molhar-se nos dias de chuva e a operar prodigios para não ser amarrotado pelo orgulhoso e impassivel rodante, o homem superior que não anda, mas deslisa veloz. Quantas vezes não parei nas calçadas para gosar o espectáculo do formigamento dos meus irmãos pedestres, a abrirem alas inquietas á Cadillaç arrogante, que por elles se mettia a reluzir esmaltes e metaes ! O ronco de porco do klaxon parecia-me dizer : — “Arreda, canalha !”

Sonhei, portanto, mudar de casta e por minha vez levar os pedestres a abrirem-me alas, sob pena de esmagamento. E o novo peculio, com tanto esforço accumulado depois do desastre germanico, não visava outra cousa. Foi, pois, com o maior enlevo d'alma que entrei certa manhã na verdureira da esquina

e comprei a machina que me mudaria de situação social. Um Ford.

Os efeitos dessa compra foram decisivos na minha vida. Ao verem-me chegar ao escriptorio fonfonando, os patrões abriram as maiores bocas que ainda lhes vi e vacillaram entre porem-me no olho da rua ou dobrarem-me o ordenado. Por fim dobraram-me o ordenado, quando demonstrei o quanto lhes augmentaria o renome da firma o terem um auxiliar possuidor de automovel proprio. E tudo correria pelo melhor, no melhor dos mundos possiveis, si eu me não excedesse na furia de fordizar a todo o transe, com o fito de embasbacar pedestres. A paixão da carreira grelara em mim e, depois de um mez, já não contente com a velocidade desenvolvida por aquelle carro, puz-me a sonhar a aquisição de outro, que chispasse cem kilometros por hora. O augmento de ordenado permittiu-me varias excursões de maluco, nas quaes me embriagava, aos domingos, na delicia de devorar kilometros. Paguei diversas multas, matei meia duzia de cães e cheguei a atropelar um pobre surdo que não attendera ao meu insolente — “Arreda !”

Tornou-se-me o pedestre uma creatura odiosa, embaraçadora do meu direito á rapidez e á linha recta. Pensei até em representar ao governo, suggerindo uma lei que prohibisse a semelhantes trambolhos o transitio pe-

las vias asphaltadas. Adquiri, em summa, a mentalidade dos rodantes, passando a desprezar o pedestre como cousa vil e de somenos importancia na vida.

Por essa epoca um dos meus patrões encarregou-me de liquidar pessoalmente certo negocio com um freguez morador perto de Friburgo.

Muito facil me seria lá ir de trem, mas um rodante da minha marca sorria dos trens. Fui no meu auto, apesar das ruins informações que me deram do caminho. Metti boa reserva de gazolina e atirei-me, qual um doido, por estradas de tropa por onde, creio, nenhum automovel jamais se arriscara a passar. Numerosos contratempos soffri nessa minha viagem de Damasco, mas mesmo assim tudo acabaria sem novidade si a estrada infame não desembocasse de improviso numa optima, recém feita e tão bem conservada como a melhor das pistas de corrida. Mal me vi naquelle setimo céu de macadam, dei toda a força á machina e desforrei-me da lentidão de até alli com uma chispada a 60 por hora, o maximo que o meu fordzinho permittia.

A região que eu atravessava era de maravilhosa belleza. Serras azues ao longe, quaes muralhas de saphira a sopesarem um céu de cobalto. Dia de limpidez absoluta. Paizagem das que vibram de nitidez. Desaffeito aos formosos quadros da natureza, distrahi-me

com a novidade do espectáculo e... catrapuz!

.....
Dormi um longo somno. Quando acordei achava-me num quarto desconhecido, tendo na minha frente... o velho jogador de cambio que vira no banco — o professor Benson !

Foi grande a minha surpresa, e muito maior seria si uma horrivel dôr no meu braço direito me permittisse pensar em alguma coisa alem da lesão soffrida nesse appendice do eixo central do universo.

— Onde estou ? murmurei, olhando muito espantado para o professor Benson.

— Em minha casa, respondeu elle. Um dos meus homens o encontrou sem sentidos no fundo de um despenhadeiro, ao lado de um Ford em pandarecos.

— O meu Ford em pandarecos ! Desgraçado que sou... gemi.

A dôr do braço offendido era grande, mas a minha dor moral muito maior. Creio até que entre perder aquelle carro e perder um braço, eu não vacillaria na escolha. Custara-me tanto a conseguil-o... E, além disso, dada a psychologia dos meus patrões, o certo era reduzirem-me o ordenado, já que eu voltaria a servil-os a pé, como outróra...

Tão negra noticia me sombreou de crépes a alma. Não podia conformar-me com o desastre. Delirei. Soube mais tarde, pelo professor, que nesse delirio uma obsessão unica

transparecia : o desespero ante o meu retorno á miseravel casta dos pedestres...

Mas tudo passa. A dôr do braço foi-se atenuando e a dôr moral acompanhou-a nesse amortecimento, de modo que pude erguer-me da cama ao cabo de quinze ou vinte dias.

Vi então desenhar-se um problema terrível na minha frente. Davam-me alta em breve e, não havendo mais razão para permanecer naquella casa estranha, forçoso me seria regressar á cidade. E teria de me apresentar deante dos senhores Sá, Pato & Cia, a pé, murcho, resignado ás suas pilherias e á logica reduçção de salario. Deliberei mudar de vida. Quando na manhã seguinte o professor Benson me appareceu no quarto, abri-me com elle.

— Professor Benson, não sei como agradecer o bem que me fez !...

— Fiz o meu dever apenas, declarou com simplicidade o velho.

— Salvou-me a vida, professor. Não fosse a sua preciosa assistencia e o provavel era estar agora esvoaçando pelo outro mundo, como froco de paina psychica. Minha gratidão é immensa. Mas seria infinita si o professor me ajudasse a resolver o problema muito sério que vejo armar-se deante de mim.

— Diga qual é. Já resolvi diversos, tidos como insoluveis, e ser-me-ia grato resolver mais um...

Animado pela bonhomia do velho, abri para com elle o meu coração. Conteilhe a mediocridade da minha vida, os meus esforços para juntar o peculio empatado no automovel, a transformação que as quatro rodas operaram -- me na mentalidade e o horror com que agora via o regresso obrigatorio ao pedestrianismo.

— O professor é opulento e pelo que vejo possui uma grande e linda propriedade. Precisaré, portanto, de homens que trabalhem nella. Eu não queria sahir daqui. Arranje-me uma occupação qualquer, seja lá no que for. Tenho algumas aptidões e, como a boa vontade é grande, para isto ou aquillo sempre hei de servir. O que não desejo é voltar á cidade e ter de apresentar-me, assim decahido, ante os meus terriveis patrões...

O professor Benson pareceu meditar. Tirou do nariz os oculos de ouro, limpou-lhes os vidros num lenço de linho e depois disse :

— Não necessito aqui de ninguem. Posuo o numero de criados estrictamente precisos para a conservação desta propriedade e não vejo nella funcção que o amigo possa desempenhar. E não o admittiria em hypothese alguma, si de dias a esta parte não sentisse, cá no coração, prenuncios de que minha vida está no fim. Isto me faz sahir da politica que tenho levado até hoje e acceital-o em minha companhia como... confidente.

— Confidente? repeti, sem comprehender o alcance da expressão.

— Sim, confidente. Aproveito-me do acaso tel-o trazido ao meu encontro, afim de confiar-lhe a historia da minha vida. Mas desde já lhe dou um conselho: guarde segredo de tudo, depois que eu morrer. Não que seja caso de segredo, mas vae o amigo ouvir e ver cousas tão extraordinarias que, si o fôr contar lá fóra, o agarram e o mettem no hospicio, como doido varrido. Digo-lhe que guarde segredo para bem seu apenas. Agora váia. Dê pelos campos o seu primeiro passeio de convalescente e antes do almoço procure-me no gabinete.

Dizendo isto o professor premiu o botão duma campainha. Sem demora vi surgir um criado.

— Acompanhe este moço num passeio pelos arredores e, de volta, conduza-m'ó ao gabinete.

CAPITULO II

A MINHA AURORA

PELA primeira vez, depois de recolhido áquella mansão, punha eu o nariz fóra do meu quarto de doente.

Senti-me surpreso. A casa do professor Benson não era ao typo da casa vulgar. Dava antes idéa de uma especie de castello, não pelo estylo, que não lembrava nenhum dos castellos classicos que eu vira reproduzidos em cartões postaes, mas pela massa e pelo estranho da construcção. Olhei para aquillo com marcado espanto. Alem do corpo fronteiro, evidentemente moradia familiar, erguiam-se pavilhões extensos, galerias envidraçadas, torções e varios minaretes altissimos, ou, melhor, torres de ferro enxadrezado, entretecidas de fios de arame.

— Que diabo de casa é esta? perguntei ao criado, voltando-me para elle.

O criado, um forte mulato de mysterioso aspecto e mais com ar de automato do que de gente, permaneceu immovel atrás de mim, sem mostras de ter ouvido.

Repeti-lhe a pergunta, e nada. Lembrei-me então da minha conversa com o corretor, quando me deu elle informes sobre o sabio Benson e contou que vivia mysteriosamente, servido por criados mudos. Sem duvida era aquelle um dos taes. Isto fez-me estremecer. O pouco que vira, já me provara não ser o morador do castello um homem commum - e o viver servido por mudos inda mais me aguçava a ponta do enigma.

Prosegui, entretanto, no meu passeio, conformado em fazel-o em silencio, uma vez que era o mutismo a senha da casa.

Em redor do castello estendiam-se campos e florestas. Região montanhosa, mas de relevo suave, coxillas mansas que ao longe ganhavam corpo até se erguerem na morraria de um dos contrafortes da serra do Mar. Nos valles, bellos capões de matta virgem, e, nas lombas, um tapete de gramineas crioulas, naquella epoca revestidas de florinhas roseas.

Notei logo que a natureza não era alli trabalhada. Tudo vivia em estado selvagem, sem sombra de intervenção humana alem da impressa nos caminhos. Nem gado nas pastagens, nem sombras de cultura - porteiras ou cercas. Um pedaço de natureza virgem

onde o homem só abriera passagens que lhe dessem o gozo das perspectivas naturaes.

Compreendi que não estava numa fazenda. Homem de posses, o professor Benson teria aquillo apenas para recreio dos sentidos, sem o menor recurso ás possibilidades do solo. Unicamente em redor da casa havia algo beneficiado : bello jardim todo garrido de rosas e, aos fundos, o pomar.

Caminhei por espaço de meia hora e, ao alto de uma collina, sentei-me no topo de um cupim para admirar a vista soberba dalli descortinante. Impressionava estranhamente aquelle castello de inexplicavel architectura, em meio duma natureza rude e calma, onde só uma ou outra ave silvestre rompia o silencio com o seu piar.

Afeito que estava a viver em cidade, no tumulto das ruas, aquelle silencio e aquella solidão punham-me novidades n'alma. Senti no cerebro um referver de idéas novas, a sahirem da casca como pintos.

A impressão geral que tive deante da natureza liberta da presença e acção do homem, cousa que via pela primeira vez, foi da minha absoluta nihilidade – e da nihilidade absoluta dos meus patrões, naquelle momento a se esbofarem no escriptorio e a maldizerem do empregado desaparecido sem licença. Para elles era eu o *empregado* – e tambem vinte dias antes eu me considerava apenas um empregado, isto

é, humilde peça da machina de ganhar dinheiro que os senhores Sá, Pato & Cia houveram por bem montar dentro de uma certa agglomeração humana. Mas alli não me via empregado de ninguem, e sim um ser egual ás hervas que esverdeiam as collinas, ás arvores que frondejavam nas grotas e ás aves que piavam nas moitas. Sentia-me deliciosamente integrado na natureza.

A minha loquella desaparecera. A necessidade de falar a todo o transe, tamanha que me fazia ás vezes falar sozinho, se substituiu pela necessidade do silencio. Cheguei a agradecer a finura do velho sabio em dar-me um companheiro mudo, comprehendendo que, si em vez delle alli estivesse o meu barbeiro, terrivel autofalante de foot-ball e jogo do bicho, bem certo que eu chegaria ao extremo de amordaçal-o. Talvez até nem fosse mudo de nascença o criado, mas apenas emmudecido por influção local. Commigo vi que tambem emmudeceria, si permanecesse algum tempo naquelle deserto.

O ar livre abriu-me o appetite e o appetite aberto fez-me lembrar do almoço e da ordem de apparecer antes delle no gabinete do professor Benson. Tratei de voltar — e ao pôr pé no castello já me sentia bem outro homem, varrido das preocupações de outróra e abso-

lutamente exonerado, por incompatibilidade psychica, das funcções de factotum chronico dos senhores Sá, Pato & Cia.

CAPITULO III

O CAPITÃO NEMO

QUANDO o criado me fez entrar no gabinete do doutor Benson, o velho não se achava alli. Aproveitei o ensejo para correr os olhos pelas paredes e admirar, ou antes, embasbacar-me com as estranhas coisas que via. Devo dizer que não comprehendí nada de nada. Conhecia o gabinete de trabalho dos meus patrões e o de muitos outros negociantes. Também conhecia consultorios medicos, salas de advogado, salões de hotéis e facilmente tomava pé num delles. Os moveis, os quadros das paredes, os objectos de cima da mesa, os bibelots, as estatuetas, essas cousas todas me valiam por marcas digitas das que revelam a profissão do dono. No gabinete do professor Benson, porém, tudo me era desnorteante e, fóra as poltronas, nas quaes o corpo afundava, como nas do Derby Club, onde estive uma vez á procura dum

figurão, tudo mais valia por citações em caracteres chinezes numa pagina em lingua materna. Pelas paredes, quadros - não quadros communs, com pinturas ou retratos, mas quadros de marmore, como os das usinas electricas, inçados de botõezinhos de ebonite. E reintrancias, afunilamentos que se mettiãem pelos muros como cornetas de gramophone, lampadas electricas dos mais estranhos aspectos, grupos de fios que vinham parallellos aos quatro, aos cinco, aos vinte e, de repente, se sumiam pelo muro a dentro. Todavia, o que mais me prendeu a attenção foi, ao lado da secretária do professor, um enorme globo de crystal, e sobre ella, apontado para o globo, um curioso instrumento de olhar, ou que me pareceu tal por uma vaga semelhança com o microscopio.

Eu lera em creança um romance de Julio Verne, "Vinte mil leguas submarinas", e aquelle gabinete mysterioso logo me evocou varias gravuras representando os aposentos reservados do capitão Nemo. Lembrei-me tambem do professor Aronnax e senti-me na sua posição ao ver-se prisioneiro no Nautilus.

Nesse momento uma porta se abriu e o professor Benson entrou.

— Bom dia, meu caro senhor... Seu nome? Ainda não sei o seu nome.

— Ayrton Lobo, ex-empregado da firma Sá, Pato & Cia, respondi, fazendo uma reve-

rença de cabeça e carregando no *ex* com infinito prazer.

— Muito bem, disse o professor. Queira sentar-se e ouvir-me.

O habito de sempre falar de pé aos ex-patões impediu-me de cumprir a primeira ordem dada pelo meu novo chefe, e vacillei uns instantes, permanecendo perfilado. O professor Benson comprehendeu a minha attitude ; poz-me a mão no hombro e, paternalmente, murmurou na sua voz cansada :

— Sente-se. Não creia que o vou reter aqui como a um subalterno. Disse que iria ser o meu confidente e os confidentes não se equiparam aos homens de serviço. Sente-se e conversemos.

Sentei-me sem mais embaraço, porque o tom do mysterioso velho era na realidade cor-deal.

— O senhor Ayrton, pelo que vejo e adivinho, é um innocente, começou elle. Chamo innocente ao homem commum, de educação mediana e pouco penetrado nos segredos da natureza. Empregado no commercio : quer dizer que não teve estudos.

— Estudos ligeiros, gymnasiaes apenas, expliquei com modestia.

— Isso e nada é o mesmo. Eu preferia ter para confidente um sabio ou, melhor, uma organização de sabio, intelligencia de escol, das que *comprehendem*. Em regra, o homem

é um bipede incompreensivo. Alimenta-se de idéas feitas e desnorteia deante do novo. Mas costume respeitar as injuncções do Acaso. Elle o trouxe ao meu encontro, seja pois o meu confidente. E saiba, senhor Ayrton, que é a primeira creatura humana aqui entrada desde que conclui a construcção deste laboratorio.

— O castello, quer dizer?

— Sim, o castello, como romanticamente lhe apraz chamar esta officina de estudos onde realizei a mais extraordinaria descoberta de todos os tempos.

Sem querer dei um recuo na poltrona, pensando logo na pedra philosophal e no elixir da longa vida.

— Não se assuste, nem arregale dessa maneira os olhos. Nem tente adivinhar o que é. Saiba apenas que tem deante de si um homem condemnado a levar comsigo ao tumulo o seu invento, porque elle excede á capacidade humana de adaptacção ás descobertas. Si eu o divulgasse, pobre humanidade! Seria impossivel prever a somma de consequencias que isso determinaria. Si houvesse, ou antes, si predominasse no homem o bom senso, a intelligencia superior, as qualidades nobres, em summa, sem medo eu atiraria á divulgacção a minha maravilhosa descoberta. Mas sendo o homem como é, vicioso e máo, com um pendor irreductivel para o despotismo, não posso deixar entre elles tão perigosa arma.

— Quer dizer, atrevi-me a murmurar, que si o doutor quizesse...

— Si eu quizesse, interrompeu-me o velho sabio, tornar-me-ia senhor do mundo, pois me vejo armado de uma potencia que até hoje os mysticos julgaram attributo exclusivo da divindade.

Dei novo recuo na cadeira, desta vez meio na duvida si falava a um homem sadio dos miolos ou a um maluco. O ar sempre sereno do professor Benson accommodou-me, porém.

— Mas não quero. A dominação sobre o mundo não me daria prazeres maiores que os de que goso. Não me faria ver mais azul e limpida aquella serra, nem respirar com mais prazer este ar puro, nem ouvir melhor musica que a do sabiá que todas as tardes canta numa das laranjeiras do pomar. Alem disso, estou velho, tenho os dias contados e nada do que é do mundo consegue interessar-me. Vivi demais, satisfiz demais a minha outróra insaciavel, mas hoje saciada curiosidade de sabio. Só aspiro morrer sem dôr e desfazer-me na vida do universo transfeito em atomos. Quem sabe si cada um desses atomos não levará consigo a capacidade de goso que ha em mim, e si com esse desdobramento não multiplico ao infinito as minhas possibilidades?...

Não comprehendí muito bem, lento que sou de espirito, a alta philosophia do professor ; mas calei-me, cheio de admiração pelo homem

que podendo ser imperador, presidente da republica, rei do aço, sultão ou o que lhe dêsse na telha, visto que podia tudo, contentava-se com ser um mysterioso velhinho, ignorado do mundo e á espera da morte naquelle sereno recanto da natureza.

Nisto um criado surgiu á porta e fez um signal.

— Vamos ao almoço, senhor Ayrton. Depois continuarei nas minhas confidencias, disse-me o professor, erguendo-se com esforço da poltrona.

CAPITULO IV

MISS JANE

NA sala de almoço tive uma nova surpresa. Estava lá, e recebeu-nos com gentil sorriso, a mais encantadora creatura que ainda viram meus olhos.

— Minha filha Jane, apresentou-m'a o velho.

Como esperava tudo, menos encontrar alli uma figura feminina, atrapalhei-me e gaguejei, visto que sou timido deante das mulheres formosas. Já com as feias, ou velhas, sinto-me desembaraçadissimo. Mas cabellos louros como aquelles, olhos azues como aquelles, esbelteza e elegancia de porte como as de miss Jane, eram ingredientes fortes demais para que não produzissem a ruptura do meu equilibrio nervoso. Gaguejei, já disse, e fui logo tropeçando num pé de cadeira, o que muito me vexou, embora não fizesse rir á moça. Esta contensão de sua parte provou-me que estava

deante de uma creatura finamente educada e generosa.

Correu sem incidentes o almoço, e nada vi nelle de mysterio. Pratos simples, servidos em baixella fina, tudo despido dos excessos que caracterizam a mesa dos ricos amigos de, nas menores cousas, exhibirem o seu dinheiro.

Miss Jane falou ao pae de tres filhotes de pintasilgos que encontrara no pomar, num ninho feito de raizes de capim.

— Gosta de passaros, senhor Ayrton? perguntou-me com gracioso sorriso.

Confesso que até ignorava a existencia de passaros no mundo. A minha vida de cidade, no corre-corre das ruas desde menino, sem nunca umas férias passadas no campo, impedia-me de prestar attenção a essas vidinhas aladas, que constituem um dos enlevos dos contemplativos.

— Gosto, sim senhora, respondi eu, si bem' que em materia de passaros só me lembre dum periquito victima duma menina, filha lá da firma.

— Pois aprenderá aqui a adoral-os. O sabiá que todas as tardes canta numa das laranjeiras do pomar com certeza já lhe attrahiu a attenção. Temos tambem varios outros amiguinhos que de lá não sahem, pintasilgos, sanhaços, rolinhas, sahiras...

— O senhor Ayrton, interveio o professor, vae ficar aqui comnosco. Tem muito

que ouvir e aprender. Vou revelar-lhe os segredos da natureza, e tu, Jane, lhe revelarás a poesia. Estes homens da cidade teem a visão muito restricta ; o mundo para elles se resume na rua, nas casas marginaes e no torvelinho humano.

— Realmente, professor. A impressão que tive hoje durante o meu passeio pelo campo abriu-me a alma. Verifiquei que o mundo não é só a cidade e que o centro do universo não é a firma Sá, Pato & Cia, como toda a vida o suppuz.

— O mundo, meu caro, é um immenso livro de maravilhas. A parte que o homem já leu chama-se passado ; o presente é a pagina em que está aberto o livro ; o futuro, as paginas ainda por cortar. E a uma creatura que nem conhece a pagina aberta ante seus olhos, como o senhor, vou eu revelar o que a ninguem foi ainda revelado : algumas paginas futuras !

Olhei para o professor Benson com ar palerma, porque sempre me apalermava o que elle dizia. Tinha o sabio uma linguagem nova para mim, da qual eu apprehendia apenas o sentido formal, não o sentido intimo. . . Animei-me, entretanto, a uma phrase :

— Miss Jane, com certeza, conhece tambem essas paginas futuras.

— Sim, eu e ella, respondeu o professor. Só nós dois, no mundo inteiro e desde que o mundo é mundo, gosamos deste privilegio

maravilhoso. Enviuei muito cedo e minha familia está hoje reduzida a Jane. ^{EM} ^{RA:} E' a minha companheira de estudo dos córtes anatomicos do futuro.

“Córtes anatomicos do futuro”... A expressão soou-me como outróra a do senhor Sá, quando pela primeira vez me falou em “lançamento por partidas dobradas”, cousa que hoje não ignoro, mas que, na epoca, valeu por um “córte anatomico”.

Nesse ponto do almoço se fez notar certa zoada distante, vinda não sabia eu de onde.

— Deixaste o chronizador aberto, Jane?

— Sim, meu pae. Deixei-o em marcha para 410 annos, focalizado a 80 grãos de latitude por 40 de longitude. Experiencia ao acaso, pois nem verifiquei onde fica esse ponto.

— Groenlandia. O córte não revelará cousa nenhuma, supponho. Não creio que em 410 annos as condições do mundo se alterem a ponto de haver lá outra vida alem da dos esquimãos, ursos e phocas.

— Em todo o caso, vejamos, disse a moça. Temos tido tantas surpresas...

— Minha filha, senhor Ayrton, possui mais frieza de sabio do que eu. Não perde tempo em formular hypotheses quando tem ao alcance meios de verificar experimentalmente.

Ri-me. Acho que a melhor maneira de figurar numa roda onde se falam cousas acima da nossa comprehensão é sorrir para o inter-

locutor que nos dirige a palavra. Si o riso não engana a elle, engana a nós, e livra-nos de uma replica verbal, que sae asneira infalivelmente. De todo o dialogo da filha com o pae só me evocou uma imagem já classificada no cerebro a palavra Groenlandia. Lembrei-me dos meus tempos de geographia e da impressão que me causara a descripção da Terra Verde, ou Groenlandia, feita pelo meu barbaçudo professor Maneco Lopes. E por associação me vieram á mente ursos brancos, phocas, leões marinhos, pinguins, esquimãos. Querendo contribuir com uma nota para a conversa, e fingindo entender o que elles haviam dicto, arrisquei :

— Não ha duvida, a Groenlandia é um caso sério. Uma piririca !

Foi a vez do professor Benson franzir os sobrolhos, no gesto classico da incompreensão. Vi que aquelle homem, que sabia tudo e lia o futuro, ignorava alguma cousa do presente — a gyria da cidade, e firmei-me na resolução de dar com a gyria em cima delle para vel-o refranzir a testa muitas vezes.

— Quê ? indagou o velho sabio.

— Sim, expliquei eu, sem erguer os olhos para miss Jane, com medo de desnortear. A Terra Verde é um caso, um numero. Quando o pinguim scisma p'ra cima do peixe, e o urso gréla a phoca...

Mas o professor Benson cortou-me as vasas.

— Não reflectiu, nunca, meu caro senhor Ayrton, na oportunidade do silencio? O silencio é sabio, é uma das mais altas fórmulas da sabedoria. Foi silenciando que Jesus deu ao “Que é a verdade?” de Pilatos a unica resposta acertada...

— Papae, interveio a moça, evidentemente apiedada da minha situação, está ahi uma experiencia que inda não fizemos! Involuir a corrente e operar um córte no anno 33, a ver si apanhamos essa scena historica...

— Realmente é uma idéa, minha filha, e mais curiosa do que o exame da Groenlandia, onde, como diz cá o amigo, o *urso gréla a phoca*...

CAPITULO V

TUDO ETHER QUE VIBRA!

SAHI daquelle almoço com as idéas mais desnorteadas do que antes. Um elemento novo contribuia para isso : miss Jane, creatura singularmente perturbadora, pois, alem de agir sobre meus fragilimos nervos como todas as moças bonitas, inda me tonteava com a sua mentalidade de sabio. De tudo quanto a joven disse só me ficou claro no espirito a historia dos passarinhos do pomar. Até alli pareceu-me uma creatura tal as outras, mas depois do "côrte anatomico" tudo se complicou e passei a vel-a qual um mysterioso idolo de divindade dupla, mixto de Aphrodite e Minerva.

Depois do almoço levou-me o professor a ver os laboratorios. Atravessei numerosas salas e pavilhões cuja composição entendi menos que a do gabinete. Quanta machina exquisita, tubos de crystal, ampolas, pilhas

electricas, bobinas, dynamos – extravagancias de sabio! Eu conhecia varias officinas mechanicas, mas nellas nunca me tonteava. Tornos, machinas de cortar e furar, bigornas, martellos automaticos, laminadores, frezas, tudo isso eu via e comprehendia, pois, apesar de complicados na apparencia, evidenciavam logo uma funcção esclarecedora. Mas alli, santo Deus! Que chaos! Não consegui entender cousa nenhuma e, mesmo depois que o velho sabio m'as explicou, manda a verdade confessar que fiquei na mesma.

— Isto aqui, disse elle na primeira sala, são apparatus electro-radio-chimicos, na maioria creados ou adaptados por mim e que constituiram o ponto de partida da minha descoberta. Si o amigo Ayrton fosse um tecnico, eu lh'os explicaria um por um, mas será difficil fazer-me entendido por quem não possui uma solida base de idéas scientificas. Resumirei dizendo que neste velho laboratorio consumi os trintas annos da minha mocidade em pesquisas pacientissimas, culminantes na construcção daquella antena que o amigo lá vê ao alto da torre.

Olhei e vi uns fios entrecruzados, formando um desenho geometrico.

— Parece uma teia de aranha! murmurei.

— E é de facto uma teia de aranha. A aranha sou eu. Com essa teia apanho a vibração atomica do momento.

— “Vibração atomica do momento”... repeti, fazendo um furioso esforço mental para comprehender a novidade.

— Sim. A vida na terra é um movimento de vibração do ether, do atomo, do que quer que seja *uno e primario*, entende?

— Estou quasi entendendo. Já li um artigo de jornal onde um sabio provava que só ha força e materia, mas que a materia é força, de modo que os dois elementos são um, como os tres da Santissima Trindade tambem são um, não é isso?

— Mais ou menos. Nomes não veem ao caso. Força, ether, atomo : denominações arbitrarías de uma cousa una, que é o principio, o meio e o fim de tudo. Por commodidade chamarei ether a esse elemento primario. Esse ether vibra e, conforme o gráo ou intensidade da vibração, apresenta-se-nos sob *formas*. A vida, a pedra, a luz, o ar, as arvores, os peixes, a sua pessoa, a firma Sá, Pato & Cia : modalidades da vibração do ether. Tudo isso foi, é e será apenas ether.

Não pude deixar de sorrir lembrando-me da cara que fariam os senhores Sá, Pato & Cia, si ouvissem as palavras do sabio. Ether, elles...

— Mas não ha somente ether no mundo. Si só houvesse ether e fosse de sua essencia vibrar, a vibração seria uniforme e tornaria im-

possivel a manifestação de fórmãs de vida. Seria o estatismo eterno.

— Sei, um zum-zum, uma zoada de não acabar mais.

— Muito bem, está comprehendendo. A vibração do ether, pois, soffreu a interferencia... Sabe o que é interferencia?

— Uma cousa que se insinua pelo meio ; intrometter a colher torta na conversa dos mais velhos deve ser, scientificamente, uma interferencia.

— Perfeitamente. Soffreu a interferencia do que, cá no vocabulario que creei com minha filha, chamo - o Interferente. Isto de palavras não tem importancia, como já disse. Só vale a idéa. O Interferente poderá para outros ter o nome de Deus, por exemplo, ou de Vontade. Os philosophos que philosopham com palavras passam a vida a debater qual a melhor palavra a applicar ao meu Interferente, como si palavras jamais esclarecessem alguma cousa.

— Vae indo muito bem, professor. Ha o ether que vibra e ha o Interferente que se mette no meio...

— Isso. Interfere e provoca a variação vibratoria. Essa variação crea correntes que se chocam umas com as outras, modificam-se e dão origem a todas as fórmãs de vida exis-

tentes. A vida, pois, não passa da vibração do ether modificada pela acção do...

— Interferente ! conclui, glorioso.

Parece que o professor Benson mudou a idéa que formava de mim. Viu que o discipulo aprendia depressa e, voltando atrás, como si valesse a pena instruil-o mais a fundo, passou a explicar-me dezenas de cousas do seu laboratorio, na intenção de confirmar-me nos principios que o levaram á deducção da formula: Ether + Interferencia = Vida.

Depois que me viu já bem seguro das suas theorias, proseguiu :

— Preste attenção agora, que este ponto é capital. O Interferente não interfere sempre. O Interferente interferiu uma só vez !

Parei um pouco atordoado.

— Espere, doutor. Dê-me tempo de assentar as idéas. O Interferente veio, interferiu e parou de interferir. E' isso ?

— Perfeitamente. Quebrou a uniformidade da vibração, perturbou o unisonismo...

— O zum-zum !

— ...e desde então o phenomeno vida, que tambem podemos denominar universo, desenvolve-se por si, automaticamente, por *determinismo*. As cousas vão-se *determinando*...

— Uma puxa a outra...

— Isso. Uma determina a outra. Dahi vem falarem os velhos philosophos em lei

da causalidade, “todo o effeito tem uma causa”, “toda a causa produz effeitos”, etc.

— Aristoteles... ia arriscando eu.

— Deixe Aristoteles em paz. Estamos na determinação universal, e a vida, ou o universo, é para nós o momento consciente desta determinação.

— “Momento consciente”... repeti forçando o cerebro.

— O senhor Ayrton, por exemplo, é um momento consciente da determinação universal, ás 13 horas e 14 minutos do dia 3 de Janeiro do anno de 1926, aos 22° e 35' de latitude e 35° e 3' de longitude da superficie do globo terraqueo.

— Admiravel! exclamei eu com enthusiasmo e cheio de orgulho, comprehendendo afinal a minha verdadeira significação na vida. Mas o futuro, doutor? Muito mais do que a definição scientifica do que eu sou me interessam as suas visões do futuro.

— Para lá chegar temos que ir por este caminho. Começamos do ether inicial, admittimos a Interferencia e estamos na Determinação, que é o que os philosophos chamam presente. O futuro é a pre-determinação.

Franzi os sobrolhos. A palavra era nova para mim e a idéa muito mais. O professor Benson expol-a com luminosa clareza e mostrou-me a belleza do determinismo. Em certo ponto da sua exposição lembrei-me do amigo

corretor e da sua comparação do $2 + 2 = 4$. Fingi que era minha a imagem e arrisquei :

— Dois mais dois igual a quatro.

O professor Benson entreparou, com a physionomia radiante. Em seguida estendeu-me a mão.

— Meus parabens ! Vejo que o senhor Ayrton é muito mais intelligente do que supuz a principio. Nessa imagem está toda a minha philosophia. $2 + 2$ significa o presente ; 4 significa o futuro. Mas, desde que escrevemos o presente $2 + 2$, o futuro 4 já está predeterminado antes que a mão o transforme em presente, lançando-o ao papel. Aqui porém, são tão simples os elementos que o cerebro humano, por si mesmo, ao escrever o $2 + 2$, vê immediatamente o futuro 4 . Já num caso mais complexo, onde em vez de $2 + 2$ temos, por exemplo, a Bastilha, Luiz 16, Danton, Robespierre, Marat, o clima de França, o odio da Inglaterra alem Mancha, a herança gaulleza combinada com a herança romana, o bilhão de factores, em summa, que faziam a França de 89, embora tudo isso predeterminasse o quatro *Napoleão*, esse futuro não poderia ser previsto por nenhum cerebro em virtude da fraqueza do cerebro humano. Pois bem : eu descobri o meio de predeterminar esse futuro — e vel-o !

— Mas é assombroso, professor ! E' a mais espantosa descoberta de todos os tempos !

exclamei, de olhos arregalados. Entretanto, permitta-me uma duvida. Si esse futuro ainda não existe, como o póde ver ?

— O 4 antes de ser escripto tambem não existe, no entanto o amigo o vê tão claro no presente $2 + 2$ que o escreve incontinentemente.

O argumento calou fundo. Pisquei sete vezes, com a testa fortemente refranzida.

— O futuro não existe, continuou o sabio, mas possuo o meio de produzir o momento futuro que desejo.

Tonteado pelo tom categorico daquella affirmativa, não me atrevi a duvidar, e estava ainda apalermado com a maravilhosa revelação quando miss Jane appareceu, esplendida de formosura.

Esqueci toda aquella altissima sciencia, que já me fazia dôr de cabeça, e regalei os olhos na sua imagem perturbadora.

Saudou-me com um gesto amavel e disse, dirigindo-se ao professor :

— Tinha razão, meu pae. Já fiz o córte e só lá vi as eternas brancuras.

E, voltando-se para mim :

— Tem aprendido muita cousa, senhor Ayrton ?

— Mais que em toda a minha vida, miss Jane, e começo a bemdizer o acaso que me fez victima de um desastre.

— E está tão no começo ainda ! Quando entrar no segredo de tudo e puder ver dire-

ctamente uns córtes, o seu assombro vae ser illimitado.

— Já prevejo isso, senhorita, e...

E engasguei-me. Miss Jane olhara-me nos olhos e eu não era creatura que supportasse de frente um olhar assim. Cheguei a corar, creio, o que inda mais augmentou a minha perturbação. Felizmente a boa menina, vendo que eu me calava, voltou-se para o professor Benson e disse:

— Mas agora, meu pae, tregoas ás revelações. O café está na mesa e com uns bolinhos tentadores que eu mesma fiz. Senhor Ayrton, vamos...

CAPITULO VI

O TEMPO ARTIFICIAL

QUANDO de novo me encontrei com o professor Benson no laboratorio, proseguiu elle na exposição interrompida.

— Onde estavamos, senhor Ayrton?

— Na pre-determinação.

— Sim. Foi nesse ponto que Jane nos interrompeu. Pois bem : si tudo inexoravelmente se determina pela influencia reciproca das vibrações, si é isto pura mechanica, embora duma méta-mechanica inaccessible ás forças da intelligencia do homem, é logico que a pre-determinação é possivel em theoria.

— E na pratica tambem ! aventei eu, illuminado de subita idéa. Homens ha que adivinham occurrencias futuras. Eu mesmo já tive occasião de observar commigo um curioso caso de presentimento, lá nos negocios da firma. Veio-me, não sei de onde, a idéa de que um freguez ia fallir. Disse-o ao se-

nhor Sá, que me chamou tolo. Um mez mais tarde esse freguez abria bancarrota! Nunca me pude explicar isso, pois nada conhecia dos seus negocios, nem cousa nenhuma ouvira falar a respeito.

— Esse caso pode ser visto de outra maneira. A idéa de requerer fallencia podia estar em acção no cerebro do freguez. Idéa é vibração que repercute em ondas, como tudo mais, e certos cerebros possuem bella faculdade emissiva ou receptora. Emittiu esse freguez uma vibração da idéa e o cerebro do senhor Ayrton agiu como polo receptor.

— Mas a leitura das linhas da mão? A chiromante que na Martinica predisse a Josephina, então simples burguezinha crioula, que seria imperatriz de França?

— Ahi já o caso é diverso, como no de todas as prophcias comprovadas. Havemos que conceber certas organizações possuidoras d'uma faculdade pre-determinante. E não me custa admittir isso, já que realizei o pre-determinador.

— Que significa essa nova palavra, professor?

— Vamos ao pavilhão vizinho que lá me comprehenderá melhor.

Passamos á sala immediata, salão enviaçado e em fórma de funil, cujo bico constituia uma das taes torres de ferro enxadrezado,

— Aqui tem o meu amigo o nervo optico do futuro. Chamo a este conjuncto o grande collector da onda Z.

Eu andava de novidade em novidade e, por mais alerta que puzesse o cerebro, tinha de fazer paradas constantes, pedindo ao professor explicações parciaes.

— Onda Z, professor Benson? Inda não me falou nella.

— Só agora chegou o momento. A multiplicidade infinita das fórmás, isto é, das vibrações do ether, produz turbilhões, ou ondas, que consegui classificar uma por uma e captar por meio deste conjuncto receptor, que as polariza...

— ? !...

— Polarizar é reunir tudo num só ponto, num polo.

— Comprehendo.

— Este conjuncto receptor polariza os turbilhões e os funde numa especie de corrente continua, ou, usando de imagem concreta, de um jacto. Supponha milhões de gottas de chuva a cahirem num immenso funil e a sahirem pelo bico sob forma continua de um jorro crystallino. Todas as gottas estão no jacto, mas fundidas e sob outra fórmula. Assim o meu collector. Apanha o turbilhão das ondas e as polariza naquelle aparelho.

Olhei para o aparelho que o dedo do professor apontava e apenas vi um emmara-

nhado de fios e grandes carreteis de arame, que, em calão, eu definiria muito bem com a palavra *estrumela*. Mas guardei o vocabulo, visto que a lição da Groenlandia inda estava muito fresca em minha memoria.

— Consigo assim, proseguiu o sabio, concentrar nas minhas mãos o presente, isto é, o momento actual da vida do universo, como immensa paizagem panoramica que toda se reflecte numa chapa photographica e nella se conserva latenté até que vá ao banho revelador. Quer isto dizer que na corrente continua, invisivel como o fluido electrico, que gyra naquelle cahos apparente de fios, seletoides e bobinas, está *tudo* quanto constitue o momento universal!

Apesar da segurança do velho sabio e da solidez das suas deducções, eu permanecia numa vaga duvida. Na minha curteza mental, eu achava excessivo estar tudo quanto existe reduzido a tão homeopathicas proporções e, inda mais, impalpavel e invisivel. O professor Benson adivinhou a minha indecisão e esmagou-a como quem esmaga uma pulga.

— Sabe o que é isto? perguntou, mostrando-me uma sementinha de minusculas dimensões.

— Uma semente, respondi.

— E que é uma semente? Uma predeterminação. Aqui dentro está predeterminada uma arvore de colossaes dimensões que

se chama jequitibá. Se o amigo admitte que desta semente, que, analysada, só revela a presença de um bocado de amido, saes, graxa, etc., surja sempre e de um modo fatal um majestoso jequitibá, porque vacilla em admittir um phenomeno semelhante, qual a polarização do momento universal numã semente, que no caso é o fluido que circula no meu aparelho?

O simile matou-me de vez todas as veleidades de scepticismo e foi como quem ouve a voz de Deus que dalli por deante me entreguei sem reservas ás palavras do sabio.

— Prosiga, professor.

O professor Benson proseguiu.

— Obtenho, pois, neste aparelho, uma corrente continua, que é o presente. Tudo se acha impresso nella. Os cardumes de peixes que neste momento agonizam no seio do oceano ao serem colhidos pela correnteza calida do Gulf-Stream; o juiz bolshevista que neste momento assigna a condemnação de um mugik relapso num tribunal de Arkangel; a palavra que, em Zorn, neste momento, dirige o kronprinz ao ex-imperador da Alemanha; a flor de pecego que no sopé do Fushiana recebe a visita de uma abelha; o leucocyto que envolve um microbio malevolo que penetrou no sangue dum fakir da India; a gotta dagua que

espirra do Niagara e cahe num lichen de certa pedra marginal ; a matriz de linotypo que em certa typographia de Calcuta acaba de cahir no molde ; a formiguinha que no pampa argentino foi esmagada pelo casco do potro que passou a galope ; o beijo que num studio de Los Angeles Gloria Swanson começa a receber de Valentino...

— A factura que neste momento o senhor Sá está acabando de sommar... Comprehando, professor. Toda a vida, todas as manifestações polyformes da vida, tudo está alli, como o jequitibá com todos os seus galhos e folhas e passarinhos que pousam nelle e cigarras que o elegem para palco de suas cantorias estão dentro da sementinha. Não é isso? conclui radiante.

O professor Benson riu-se do meu entusiasmo e pareceu-me na realidade satisfeito com o discipulo.

— Perfeitamente, amigo Ayrton. Tudo está alli. Pela primeira vez, desde que o mundo é mundo, consegue o homem esse espantoso milagre — mas só eu sei o que isso me custou de experiencias e tentativas falhas l... Fui feliz. O Acaso, que é um Deus, ajudou-me e hoje me sinto na estranha posição de um homem que é mais do que todos os homens...

Sua physionomia irradiava tanta luz - a luz da intelligencia, que só a poderia supportar um innocente da minha marca. Estou convencido de que si outro sabio o defrontasse naquelle instante estarreceria de assombro, siderado como o propheta diante das sarças ardentes quando dellas trovejou a voz de Jehovah. A minha ingenuidade, a minha innocencia mental salvou-me. Hoje estremeço quando penso em tudo isso, como estremeceu Tartarin de Tarascon ao saber que os abysmos, que com risonha coragem arrostara nos Alpes, eram de facto abysmos e não scenographia como, illudido por Bompard, no momento suppoz. Hoje que já nada mais existe do professor Benson a não ser uma lapide no cemiterio, e nada existe sinão cinzas do seu maravilhoso laboratorio, si me ponho a analysar esse periodo da minha vida tenho a sensação de que convivi com um Deus humanizado. O professor Benson falava das suas invenções com tanta simplicidade e me tratava tão familiarmente que jamais me senti tolhido em sua presença, como me sentia, por exemplo, na do senhor Pato, o socio commendador lá da firma. Sempre que me cruzava pelo commendador, tremia, tanto se impunha aos subalternos aquella formidavel massa de banhas vestida de fraque, com anel de grande pedra no dedo e uma corrente de relógio, toda berloques, que nos esmagava a humildade sob a ar-

rogancia e peso do ouro massiço. Deante do commendador Pato eu tremia e balbuciava ; mas deante do professor Benson, um deus, sempre me achei como em face de um equal. Comprehando hoje o phenomeno e sei que a verdadeira superioridade num homem não o extrema dos "innocentes", como dizia o professor — e por isso chamava Jesus a si os pequeninos. Até na indumentaria aquelles homens eram antipodas. Na do commendador o fraque propunha-se a impressionar imaginações, a estabelecer categorias, a amedrontar os paletós saccos com a imponencia da sua cauda bipartida ; na do professor Benson tinha a roupa por unica função vestir um corpo a modo de resguardal-o das bruscas variações atmosphericas.

Mas voltemos atrás. Ao ouvir dizer ao professor Benson que todo o momento universal estava alli, olhei para a maranha de fios e bobinas com um sentimento mixto de orgulho e piedade. Orgulho de saber o Tudo escravizado deante de mim. Piedade porque havia nisso uma certa humilhação para o Tudo...

A voz pausada do velho sabio tirou-me de taes cogitações.

— Até aqui permanecemos no presente. A onda Z, alli captada, só diz respeito ao presente, e si eu ficasse nessa etapa de pouco valeria a minha descoberta. Mas fui alem.

Descobri o meio de envelhecer essa corrente á minha vontade.

— Envelhecer?... murmurei, refranzindo a um tempo todos os musculos da cara.

— Sim. Faça-a passar pelo apparelho que tenho no pavilhão immediato e ao qual denominei *chronizador*. Vamos para lá.

O professor tomou a deanteira e eu o segui, ainda repuxado de musculos faciaes. O pavilhão immediato possuia ao centro um novo apparelho, tão incomprehensivel para a minha intelligencia como os anteriores.

— Eil-o cá, o *chronizador*, disse o meu cicerone, apontando para o exquisito conjuncto. Este mostrador, que lembra o dos relógios, me permite marcar no futuro a epoca que desejo estudar.

— ?!

— Perca o habito de assustar-se, porque sinão acabará cardiaco. A corrente penetra por este fio, soffre um turbilhonamento e envelhece na medida que eu determino com o movimento deste ponteiro. E' como se tomasse a semente e por um golpe de magica della fizesse brotar a arvore aos dez annos de idade, aos cincoenta, aos cem, ao arbitrio do experimentador. Comprehende?

— Comprehando...

— E dest'arte a evolução, que com o decorrer do tempo *necessariamente* vae ter a vida actual do universo, eu a apresso e a de-

tenho no momento escolhido. Este meu chronizador, em summa, é um apparelho de produzir o tempo artificial com muito mais rapidez do que pelo systema antigo, que é esperar que elle transcorra. Obtenho um anno num minuto de turbilhonamento; penetro no futuro, no anno 2.000, por exemplo, em 74 minutos. Opera-se durante a chronização uma zoada, que é o som dos annos a se succederem, som muito semelhante á harmonia das esphearas dos antigos gregos...

— Sei. O que ouvi na hora do almoço.

— Exactamente. Quiz Jane visualizar o futuro no anno 2.336, ou sejam 410 annos deste em que estamos. Para isto collocou aqui o ponteiro e abriu o commutador. A corrente envelheceu e automaticamente parou no ponto marcado, isto é, no anno 2.336.

A minha curiosidade crescia. Percebi que chegara ao ponto culminante da descoberta do professor Benson.

— E depois? indaguei ansioso. Para ver, ou, como diz o professor, para visualizar esse futuro, como procede?

— *Piano, piano!* Consigo, como ia dizendo, envelhecer a corrente até o ponto desejado. Ao dar-se isso, a *evolução determinista, que rigorosamente vae dar-se no universo com o decorrer normal do tempo, dá-se artificialmente dentro do apparelho.* E, chegada ao termo da chronização que visamos, a corrente turbilho-

nada torna-se estatica, por assim dizer congelada. E fico eu na posse dum momento da vida universal futura — com o 4 da nossa primitiva imagem do $2 + 2$. Resta-nos agora a ultima parte da operação, a qual, por commodidade, executo no meu gabinete. Não notou lá uma especie de globo crystallino?

— Foi a primeira cousa que me impressionou neste castello.

— Pois é o *porviroscopio*, o aparelho que toma o córte anatomico do futuro, como pittorescamente diz Jane, e o desdobra na multiplicidade infinita das fórmulas de vida futura, que estão em latencia dentro da corrente congelada.

— Porque córte anatomico? indaguei, para não deixar ponto obscuro atrás de mim.

— Nunca esteve num laboratorio de microscopia? Com uma navalha afiadissima o anatomista opera um córte na ponta do seu dedo, por exemplo. Tira uma lamina de carne, a mais fina que possa, e estuda-a ao microscopio. A essa fatia do seu dedo chamará elle córte anatomico. E' Jane uma menina muito viva e gosta de falar por imagens, algumas dellas extraordinariamente pittorescas...

A evocação de miss Jane veio perturbar a contensão de espirito com que eu acompanhava as revelações do mestre. Meu espirito cansado repousou nesse gracioso oasis, e foi com infinita innocencia que indaguei :

— Que idade tem ella, professor ?

Mas o velho sabio talvez nem me ouvisse, porque entrou a dar explicações sobre a segunda funcção que possuia o chronizador : involuir a corrente, rodar para trás, o que permittia córtes anatomicos no passado.

— Mas isso não interessa, aventei leviamente. O passado é velho conhecido nosso.

— Engano. E' tão desconhecido como o futuro e o presente.

Desta vez abri a boca, e lá por dentro me soou como tolice a phrase do sabio. Mas vi logo que o tolo era eu.

— Do presente que é que sabe o amigo Ayrton ? Sabe apenas que está neste minuto conversando commigo. Mais nada. Não sabe siquer si os senhores Sá, Pato & Cia estão a esta hora de fallencia aberta.

— Impossivel ! Aquella gente é solida como as montanhas !... Só vendem á vista...

— Quantas planicies não marcam hoje o logar outróra occupado por montanhas !... Do presente o amigo Ayrton só sabe, isto é, só tem consciencia do que, no momento, lhe affecta os sentidos.

— Na verdade ! reflecti eu. Nem o meu Ford, que era tudo para mim, sei onde pára...

— E si ignoramos o presente, que dizer do passado ?

— Mas a Historia ?

O professor Benson sorriu meigamente um sorriso de Jesus.

— A Historia é o mais bello romance aneddotico que os homens veem compondo desde que aprenderam a escrever. Mas que tem com o passado a Historia? Toma delle factos e personagens e os vae estylizando ao sabor da imaginação artistica dos historiadores. Só isso.

— E os documentos da epoca? insisti.

— Estylização parcial feita pelos interessados, apenas. Do presente, meu caro, e do passado só podemos ter vagas sensações. Ha uma obra de Stendhal, *La Chartreuse de Parme*, cujo primeiro capitulo é deveras interessante. Trata da batalha de Waterloo, vista por um soldado que nella tomou parte. O pobre homem andou pelos campos aos trambolhões, sem ver o que fazia, nem comprehender cousa nenhuma, arrastado ás cegas pelo instincto de conservação. Só mais tarde veio a saber que tomara parte na batalha que recebeu o nome de Waterloo e que os historiographos pintaram de maneira tão suggestiva. Os pobres seres que, inconscientemente, nella funcionaram de actores, confinados a um campo visual muito restricto, nada viram, nem nada podiam prever da tela heroica que os scenographos de historia iriam compor sobre o thema. Eis o presente... Vamos agora ao

gabinete, concluiu o professor. O mais interessante se passa lá.

Acompanhei-o, literalmente apatetado. Pensava aquelle homem de modo tão differente de todo o mundo que suas idéas me davam a impressão de algo novo e operavam em meu cerebro como luz que invade aos poucos um museu. Mil cousas, que nunca supuz existirem na minha cabeça, revelavam-se-me de prompto. Cousas minimas, germens de idéas, antigas impressões recolhidas nos vae-e-vens do viver quotidiano resurgiam animadas de estranha significação. Outras, que eram capitaes outróra, diluiam-se. O commendador Pato, até vinte dias antes tido por mim como o mais formidavel expoente de genio humano, decahia a irrisorias proporções. Oh, como desejei vel-o alli, em contacto com o professor, para gosar a derrocada das ridiculas idéas de fraque que tinha elle na cabeça !

CAPITULO VII

FUTURO E PRESENTE

AO entrar no gabinete illuminei-me todo por dentro. Estava miss Jane deante do globo de crystal, absorvida com certeza na visualização de um córte anatomico. Um raio de sol, coado pela vidraça, transformava em luz ó louro dos seus cabellos. Miss Jane era toda attenção. Seus olhos azues de pervinca verdadeiramente bebiam algum maravilhoso quadro. O professor Benson estacou á porta, fazendo-me gesto de silencio, e assim permaneceu até que a moça dêsse volta a um commutador e regressasse ao presente.

— Papae, exclamou ella, estou no fim da tragedia, no crepusculo da raça. Dudley ganhou uma estatua... Boa tarde, senhor Ayrton. Desculpe-me o estar dizendo a meu pae cousas que nem por sombras pode o senhor desconfiar o que sejam. Comprehando que é

indelicado falar em lingua estranha na presença de pessoas que a desconhecem...

A bondade de miss Jane encantou-me e, como a joven não me olhasse nos olhos, pude replicar :

— Mas tudo nesta casa me é linguagem estranha ! O que acabo de ver assombra-me de tal maneira que tão cedo não me reconhecerei a mim mesmo.

— Está fazendo progressos, Jane, disse o professor. O amigo Ayrton comprehendeu muito bem a parte theorica da minha exposição.

— Ou comprehendi, exclamei, ou pareceu-me comprehender. O professor fala com tal simplicidade e clareza que nem parece um sabio. Conheci um lá na cidade, e grande a avaliar pela fama, com quem tive de tratar a mandado da firma. Pois confesso que não pesquei cousa nenhuma do que o homem disse. Esse, sim, parecia falar uma linguagem de mim nem siquer suspeitada...

— Não era um verdadeiro sabio, interveio miss Jane. Os verdadeiros são como meu pae, claros e fecundos como a luz do sol. Mas quer saber o senhor Ayrton o que fazia eu ha pouco ?

— Não lhe contes ainda, Jane. Explicaelhe primeiro a funcção do porviroscopio, enquanto vou repousar um bocado. Sou velho e qualquer esforço alem do habitual me cansa.

Antes que o professor Benson se retirasse, deu miss Jane um salto da cadeira, leve como a corça, e veio beijal-o no rosto.

— Este querido paezinho ! murmurou ella, acompanhando-o com os olhos amorosamente.

Depois, voltando-se para mim :

— Não é uma benção das fadas ter um pae destes ? Como sabe conciliar a maxima intelligencia com a maxima bondade !

— E com a maxima simplicidade ! acrescentei. Não caibo em mim de gosto ao ver o homem que podia ser dono do mundo, si o quizesse, tratar-me com si eu fôra alguem.

— Não se espante disso. Meu pae é coherente com as suas idéas. Todos para elle somos meras vibrações do ether.

— Até miss Jane ?

— Eu serei vibração de um ether especial, muito affim do que vibra nelle, explicou ella a sorrir. Mas, sentemo-nos, senhor Ayrton, que ha muito que conversar.

Já disse que eu era um rapaz acanhado, sobretudo em presença de moças bonitas; porém o ambiente de familiaridade e franqueza daquella casa modificou-me logo. Cheguei até a supportar nos olhos os olhares da linda joven, sem perder a tramontana como da primeira vez. E' que nem remotamente lembrava aquelle olhar o olhar malicioso das mulheres que eu conhecera. Fui percebendo aos poucos que de feminina só tinha miss Jane o aspecto.

Seu espirito formado na sciencia e seu convivio com um homem superior della afastavam todas as preoccupações de coquettismo, proprias da mulher commum.

Isto me poz á vontade. Sentia-me, não um moço em frente de uma donzella, mas um espirito deante de outro.

Aproveitei o ensejo para esclarecer-me a respeito do professor Benson. Soube que era descendente de um mineralogista norte-americano, que um seculo atrás viera ao Brasil estudar a composição de certa zona aurifera. Gostou da terra e nella se fixou, casando-se com a filha de um fazendeiro de S. Paulo.

— Desse consorcio, explicou miss Jane, só veio ao mundo meu pae, que cedo foi enviado á Europa, onde se dedicou a estudos scientificos. Lá casou-se, tarde, e residiu por certo tempo. Veio depois tomar posse dos bens deixados pelo meu avô - e aqui nasci eu. Mas não me lembro de minha mãe. Morreu muito moça, aos 29 annos... Desde essa epoca estabeleceu-se meu pae neste recanto e consagrou-se integralmente á sua invenção. Passou o nosso mundo a resumir-se neste laboratorio. Raras vezes vamos á cidade, pouco interesse, aliás, achando em seu tumulto.

— Pudera! Quem tem o passado e o futuro nas mãos...

— Realmente é isso. Este apparelho fornece-nos tamanhas maravilhas que, a bem di-

zer, vivemos muito mais no porvir do que no presente. Meu gosto é realizar estudos dos annos mais remotos e só lamento não ter um cerebro immenso qual o oceano para reter tudo o que vejo. Outra cousa que lamento é não podermos dar a publico a nossa invenção. A bondade de meu pae o impede.

— Não alcanço muito bem o porque...

— Pretende elle, e com muito logica, que a humanidade não está apta a supportar a revelação do futuro. Acha que a sua invenção cahiria no poder de um grupo, o qual abusaria da somma phantastica de superioridade que a descoberta lhe concederia. Fosse meu pae um homem vulgar, de pouca sensibilidade de coração, e elle mesmo assumiria o predominio que receia ver na posse de outrem. Basta dizer que até hoje apenas se utilizou deste invento para reunir o dinheiro necessario á nossa vida e aos enormes dispendios dos seus estudos.

— Agora me lembro, miss Jane, que lá fóra é o professor Benson conhecido como um jogador de cambio que jamais perde.

— E assim é. Fizemos experiencia no marco e no franco e os factos corresponderam com exactidão ás indicações deste aparelho. Mas limitou-se meu pae a ganhar o necessario para o trem de vida que leva. Estamos na posse de elementos para alcançar o que quizermos, para reunirmos nas mãos a maior

somma de ouro com que se possa sonhar. Isso porém nos seria de todo inutil. Para que necessitamos da mesquinha riqueza do mundo si nada não nos dá ella que se approxime do que temos aqui?

— Por mais espantosa, miss Jane, que seja a descoberta do professor Benson, espanta-me ainda mais o character das duas pessoas que estão no seu segredo. Podem ser tudo e não querem ser nada...

— Ser tudo !... Que significa ser tudo? Quando penso nas grandezas do mundo, ri-me dellas...

Miss Jane conversou commigo por mais de uma hora sobre os mais variados assumptos. E explicou-me depois o funcionamento do aparelho, recorrendo ás suas imagens habituaes, tão pittorescas. A corrente perdia no globo de crystal a sua fórma concentrada e visualizava-se, como numa projecção de cinema, reproduzindo momentos da vida futura com a exactidão que vae ter um dia.

— Ficamos na posição de um espectador immovel num ponto. Só vemos e ouvimos o que passa ao alcance dos nossos olhos ou sôa ao alcance dos nossos ouvidos. Isso ás vezes difficulta a comprehensão de certos momentos da vida futura. Aparecem-nos cousas que não podemos comprehender por falta dos elos anteriores da evolução. No anno 3.527, por exemplo, vi na população da França evi-

dentes signaes de mongolismo. Não lembravam os trajés nada do que usam hoje as creaturas em parte nenhuma da terra, nem sequer pude perceber de que seriam feitos. Esqueci-me de lhe dizer que o nosso apparelho não vae alem do anno 3.527. Sua potencia pára ahi. Focalizado para o anno de 3.528 já dá uma visão de tal modo baça, que não distinguimos nada. Ficamos, eu e meu pae, perplexos ante aquelle mongolismo da França. Só depois, fazendo córtés menos recuados e combinando uns com os outros, conseguimos decifrar o mysterio. Tinham-se derramado pela Europa os mongoes e se substituido á raça branca.

Não pude conter um gesto de espanto, fazendo tal cara que miss Jane sorriu.

— Que horror! Vae então acontecer essa catastrophe? exclamei.

A joven sabia respondeu com serena impassibilidade :

— Por que, catastrophe? Tudo que é tem razão de ser, tinha forçosamente de ser e tudo que será terá razão de ser e terá forçosamente de ser.

O amarello vencerá o branco europeu por dois motivos muito simples : come menos e prolifera mais. Só se salvará da absorpção o branco da America. E como esta, quantas revelações curiosas! Outra, que muito me impressionou, foi a transformação das ruas que se nota do anno 2.200 em deante. Cessa a éra

dos vehiculos. Nada de bondes, automoveis, aeroplanos.

— Como pode ser isso, miss Jane? E' quasi um absurdo.

— Pois para lá caminhamos. Em córtes successivos, que fiz de dez em dez annos, observei a diminuição rapida dos vehiculos actuaes. A roda, que foi a maior invenção mechanica do homem e hoje domina soberana, terá seu fim. Voltará o homem a andar a pé. O que se dará é o seguinte : o radio-transporte tornará inutil o corre-corre actual. Em vez de ir todos os dias o empregado para o escriptorio e voltar pendurado num bonde que deslisa sobre barulhentas rodas de aço, fará elle o seu serviço em casa e o radiará para o escriptorio. Em summa : trabalhar-se-á á distancia. E acho eu muito logica esta evolução. Não são hoje os recados transmittidos instantaneamente pelo telephone? Estenda esse principio a tudo e verá que immensas possibilidades quando á radio-communicação se acrescentar o radio-transporte. Outróra, por exemplo, si o senhor Ayrton quizesse fumar um charuto, tinha de mandar um criado buscal-o á charutaria ; hoje pede-o pelo telephone, mas o charuteiro inda é obrigado a mobilizar um carregador para vir trazel-o. O progresso foi grande, mas repare que atrazo ainda ! Mobilizar um homem, isto é, uma massa de 60 ou 70 kilos de carne, fazel-o dar mil ou cinco

mil passos, gastando vinte ou trinta minutos da sua vida só para transportar um simples charuto! Chega a ser ridiculo...

— Realmente. Mas no futuro?

— No futuro o senhor Ayrton fumará á distancia. Veja quanta economia de tempo e esforço humano!

Julguei que miss Jane estivesse a caçoar commigo - e até hoje permanece na duvida. Em seu rosto, porém, não vi a menor sombra de motejo.

— Pode ser, mas... duvidei.

— Esse mesmo “pode ser, mas...” diria um romano do tempo de Cesar si alguém lhe predissesse que um romano do tempo do oleo de ricino não precisaria sahir de sua casa para conversar com um cidadão de Paris. Sabe o senhor Ayrton, no entanto, que isso é comezinho hoje e nem sequer admira a ninguem.

— Falar é uma cousa e fumar é outra.

— Hoje, que só temos a radio-communicação. Mas chegará o dia da radio-sensação e do radio-transporte, com radical mudança do nosso systema de vida. Os vehiculos ao systema corrente desaparecerão um por um. Voltará o homem a caminhar a pé, por prazer, e as ruas se tornarão uma delicia. O senhor Ayrton sabe o que quer dizer uma rua, hoje...

— Ninguem melhor do que eu, miss Jane, pois desde menino vivo nella. Que angustia,

que permanente inquietação ! Faz-se-nos mister andarmos com cincoenta olhos arregalados para prevenirmos trancos e atropelamentos.

— Tudo isso desapparecerá e adquirirão as cidades uma calma deliciosa, como hoje a de certas aldeias. Vi New York nesse periodo. Que differença do atropelado e doido formigueiro de agora !

— Deve miss Jane ter observado cousas maravilhosas !...

— Menos maravilhosas do que desnortean-tes para as nossas idéas actuaes. As invenções vão sobrevivendo no decurso do tempo, umas sahidas das outras, e as cousas tomam ás vezes rumo muito diverso do que a logica, com ponto de partida no estado actual, nos faria prever.

O professor Benson reapareceu nesse momento e a conversa tomou outro rumo. Eu me achava na situação de um homem que ingerisse um estupefaciente desconhecido. Estava com a minha capacidade de assimilação de idéas exgottada e já com uma ponta de dôr de cabeça a dar signal de que o cerebro exigia repouso. Sem que eu o dissesse, o velho sabio, mais a sua filha, comprehenderam-no perfeitamente e dalli até o jantar só me falaram de cousas repousantes.

A' noite custei a conciliar o somno, o que é natural. Mas sinceramente o digo : o que mais me dançava na cabeça não era o desvendamento do futuro, nem as suas abracada-

brantes maravilhas, e sim a imagem de miss Jane. A estranha creatura loura, de olhos azues de pervinca, impressionara por igual meu cerebro e meu coração. Comecei a ver nella o verdadeiro tudo, e si me dessem a opinar entre a posse da descoberta do professor Benson e o tel-a ao meu lado para o resto da vida, não vacillaria um instante na escolha.

Dormi por fim e, em vez de sonhar com o mundo futuro entrevisto na palestra da moça, sonhei no encanto do presente, todo resumido em conjugal convivencia com o meigo anjo sabio.

CAPITULO VIII

A LUZ QUE SE APAGA

NO dia seguinte, logo pela manhã, sou-me aos ouvidos uma novidade desagradavel. Não passara bem a noite o professor Benson.

— Estou velho, meu caro senhor Ayrton, disse-me elle ao encontrar-se commigo. Já sinto cá dentro a machina funcionar com esforço. Jane ignora o meu estado, mas a pobre menina não terá por muito tempo na terra o seu pae querido. Ficaré só. Dei-lhe, entretanto, tal educação e possui ella taes qualidades de character, que morrerei feliz. Saberé agir no mundo como si contasse sempre com o meu braço protector.

Acudiu-me aos labios um impeto de confidencia. Quiz apresentar-me ao professor como o braço forte que se offereceria a miss Jane, quando o de seu pae viesse a faltar. Contive-me a tempo. Lembrei-me da minha insi-

gnificancia e do pouco que ainda era num lar que começara a conhecer na vespera. Limitei-me, pois, a confirmar as idéas do velho em relação á filha, dizendo :

— Pelo que com ella conversei hontem tive a mesma impressão. E' miss Jane uma creatura superior, uma madame Curie, capaz de proseguir nos trabalhos de seu pae, si o quizer.

— Jane o quereria, talvez, mas não posso consentir nisso. Bastam-lhe, para lhe encher a vida, as visões que já teve e a superioridade que adquiriu conhecendo o futuro proximo. Permittir-lhe-á, isso, pôr-se a salvo, na sua vida terrena, das contingencias da necessidade. Possui Jane um caderninho onde annotou a cotação dos principaes valores de bolsa nestes proximos cincoenta annos. Está habilitada, pois, a ser detentora do dinheiro que quizer. O dinheiro ainda é tudo para os homens. O estranho dote que deixo á minha filha se resume nesse caderninho de notas... Mas conheço Jane. Extremamente modesta das ambições que atormentam o commum das mulheres, levará um viver apagado, sem exterioridades, toda entregue á vida cerebral, que a tem intensissima.

O professor fez uma pausa, como si o esforço daquellas confidencias o tivesse cansado. Depois disse :

— Realizei o que jamais sonhara nos delirantes sonhos da minha mocidade — e me vejo forçado a levar para o tumulo o grande segredo... Jane não o revelará a ninguem e inda que o faça não estará na posse da solução technica. O senhor Ayrton, unica testemunha presencial de tudo, tambem o não revelará a ninguem.

— Prohibe-m'ó, professor?

— Não, não lh'ó prohibo, já disse. Mas si o amigo tiver algum dia a ingenuidade de o revelar a alguem, passará por louco, e si insistir, por louco varrido, dos que os homens mettem nos hospicios. O instincto de conservação e de sociabilidade é que o vae impedir de revelar o que está vendo aqui.

Entrou miss Jane nesse momento e notei que o velho sabio se contrafazia deante da moça para não denunciar o seu estado de saude. Apesar disso ella observou :

— Um pouco pallido, meu pae...

— Sim, mas estou perfeitamente bem. Temos aqui o senhor Ayrton e compete a ti, minha filha, organizar o programma do dia. Pouco posso acompanhar-vos. Uma delicada experiencia vae absorver-me por algumas horas.

Miss Jane olhou-me com os seus lindos olhos claros e disse :

— Escolha, senhor Ayrton. Hontem foi a theoria, hoje começa a ser a pratica. Vae

estudar uns córtes. Escolha um momento da vida futura que o interesse.

Miss Jane estava linda como a rosa desabrochada essa manhã na roseira proxima do meu quarto. Meus olhos envolveram-na num véo de enlevo e si o coração pudesse falar ter-lhe-ia eu dicto que só me interessava o presente nella concentrado. Mas respondi de outro modo.

— Sou um leigo em materia de futuro, miss Jane, e ném escolher posso. Deixo isso ao seu intelligente criterio.

— Não tem vontade de ver o que se pasará aqui, no lugar onde estamos, no anno 3000?

— Já fizeste esse cóрте, Jane, interveio o professor.

— Fiz, sim, meu pae, mas será curioso repetil-o para o senhor Ayrton.

— Perfeitamente, concordei. Ha sempre mais interesse para nós em ver assim futurizado um ponto nosso conhecido do que um desconhecido.

— Pois então, resolveu o professor Benson, começai por ahi e não conteis comigo. Vou trabalhar.

Ergueu-se e sahiu. Miss Jane acompanhou-o até á porta e, ao tornar, me disse :

— Acho meu pae um tanto abatido hoje. Já está nos 70 annos e a velhice vale por mipiedosa doença...

Uma nuvem de melancolia sombreou-lhe os lindos olhos azues e um breve suspiro lhe escapou do peito. Também eu no intimo me sombrei de tristeza, embora mentisse exteriormente, nesse intuito de consolação facil que taes lances impõem.

— Qual! O professor é rijo. E com a vida calma que leva inda viverá longos annos.

— Assim seja, murmurou Jane, porque não sei o que será de mim sem elle. Acho-me tão identificada a meu pae...

Arrisquei uma pergunta indiscreta :

— Nunca pensou em casamento, miss Jane?

A moça entreparou, olhando-me entre admirada e divertida.

— Casamento? Ora, que facto interessante, senhor Ayrton!... Ha de crer que é a primeira vez que tal palavra sôa nesta casa? Que cousa curiosa — ca-sa-men-to!

E repetiu-a diversas vezes, como si repetisse uma palavra de som exquisito e nunca antes pronunciada.

— Sim, continuei eu, todas as moças se casam. O amor um dia vem e....

Miss Jane permaneceu alheia, como entregue a profundas cogitações interiores.

— “Todas as moças”... repetiu. Mas se rei eu uma moça? Nunca me analysei, senhor Ayrton. Minha vida tem sido voar de seculo em seculo, por esse futuro a fóra, em com-

panhia de meu pae. Sinto que sou, apenas, um espirito que observa e possui meios de visualizar o que está fóra do alcance humano. Será isso ser moça? Amor!... Que é amor, senhor Ayrton? O seu vocabulario é tão novo para mim como deve ser para o seu espirito esta nossa mentalidade futurista. Mas vamos ao que serve. E' tempo de operar um córte.

Miss Jane dirigiu-se ao gabinete do porviroscopio e eu acompanhei-a, tomado de espanto deante de um ser tão alheio ao seu tempo e á sua condição. Lá fóra, amor e casamento constituem a obsessão unica de todas as mulheres. Em creança, brincam de casar as bonecas. Nubeis, cuidam exclusivamente de casar a si proprias. Velhas, cuidam de casar ou descasar as outras. Havia, pois, uma mulher no globo terraqueo, e formosissima, que não só não pensava em amor e casamento, mas á qual taes palavras soavam como vozes ineditas... Era simplesmente prodigioso!

Deante do porviroscopio ella se deteve e depois de algumas explicações me fez collocar no anno 3000 o ponteiro. Em seguida viu num mappa a situação geographica do ponto onde nos achavamos e ensinou-me a mover o ponteiro marcador das latitudes e longitudes.

— Prompto! exclamou. Basta agora abrir esta valvula. A corrente envelhecerá

de 1074 annos, que são quantos vão do em que estamos ao anno 3000. Envelhecerá, e ao alcançar o anno 3000 dar-nos-á signal disso automaticamente. Mas como o envelhecimento de cada anno consome um minuto, teremos...

Tomou de um lapis e calculou rapidamente.

— Teremos de esperar 17 horas e 54 minutos. O relógio marca as nove e, pois, só conseguiremos ter cá o anno 3000 ás nossas ordens entre meia noite e uma da madrugada. Estou affeita a estas observações a qualquer hora da noite, mas não sei si para o senhor Ayrton não será incommodo...

— Absolutamente não. Só lamento não poder satisfazer já, já, a minha curiosidade. Ver um pedaço da nossa terra no anno 3000, que portentosa maravilha! Diga-me alguma cousa, miss Jane, do que me vae ser revelado...

— Não. Não quero prejudicar a sua surpresa. Prefiro revelar-lhe aspectos que vi em outros tempos e outros paizes.

Lances ha na vida absolutamente indeleveis. Essa tarde que passei com a filha do professor Benson, a ouvir-lhe as revelações do futuro, como esquecel-a jamais? Não poderei reproduzir aqui tudo quanto me ella disse; seria compor um catalogo sem fim. A invasão mongolica, o industrialismo feroz da Europa mudado em contemplativismo asia-

tico, a evolução da America num sentido inteiramente inverso... quanta cousa formidavel ! Mas nada me interessou tanto como o drama do choque das raças nos Estados Unidos.

— Esse choque, disse Miss Jane, deu-se no anno 2228 e assumiu tão empolgantes aspectos que reduzido a livro dá uma perfeita novella. Não sei si o senhor Ayrton é literato...

— Já fiz um soneto na edade em que todos os brasileiros desovam sonetos.

— Pois si não é poderá tornar-se. O principal para uma novella é ter o que dizer, estar senhor de um thema na verdade interessante. Ora, eu fornecerei os dados dessa novella e o senhor Ayrton terá oportunidade optima para apresentar-se ao mundo das letras com um livro que a critica julgará ficção, embora não passe da simples verdade futura.

A idéa sorriu-me, e todo me lisongeei com a opinião que fazia miss Jane das minhas capacidades artisticas.

— Quer tentar? insistiu ella. Contar-lhe-ei com a maxima fidelidade o que vae passar-se. De posse desse material, e depois de pessoalmente fazer varios córtes que o ajudem a formar idéa justa do ambiente futuro, atirar-se-á á tarefa. Desde já lhe asseguro uma cousa : sahirá novella unica no genero. Ninguem dará a ella nenhuma importancia no momento, julgando-a pura obra de imaginação phantastica. Mas um dia se assanhará a

humanidade diante das previsões do escriptor e os sabios quebrarão a cabeça no estudo de um caso, unico no mundo, de prophesia integral e rigorosa até nos minimos detalhes.

— Realmente, exclamei. Será romance como os de Wells, porém verdadeiro, o que lhe requintará o sabor. Quanta novidade!

— Os leitores andarão pulando de surpresa em surpresa, e estou já a imaginar as caras de espanto que hão de fazer quando o senhor Ayrton falar, por exemplo, da cirurgia do doutor Lewis.

— Quem era?

— Oh, um magico da anatomia, o primeiro que praticou o desdobraimento do homem.

Franzi os sobrolhos.

— Desdobraimento da personalidade? perguntei.

— Sim, mas desdobraimento anatomico. O doutor Lewis, sabio que começou a surgir em 2201, teve a idéa de romper com o plano symetrico do corpo humano. Temos dois olhos e dois ouvidos que agem como a parelha de cavallos a puxar no mesmo rumo o carro. Lewis alterou isso. Por meio dum delicado processo cirurgico desligou — desxyphopagou os nervos opticos e auditivos, dando autonomia aos dois ramos. Conseguiu dess'arte que o "desdobraido" pudesse ver uma cousa com o olho direito e outra com o esquerdo, e tambem ouvir ás duplas, com a audiçãõ assim desligada.

Lembro-me que no escriptorio do *Intermundane Herald* observei o primeiro desdobrado em acção, primeiro e unico aliás.

— *Intermundane Herald*, miss Jane? Cheirame isso a psychismo...

— E cheira certo. Era um jornal de radiação psychica, que veio attender á velha sêde de liame com os vivos que os mortos sempre manifestaram. Em vez das pobres almas penadas andarem chorosas pelo mundo em busca de mesinhas falantes, unico meio que possuem hoje de conversar commosco, liam o *Intermundane Herald*.

— E como se manifestavam? Pois não posso crer que tambem collaborassem nesse jornal...

— Disso se encarregava a *Psychical Work Company*, dona da grande estação central de Detroit. Affluíam os espiritos para alli e chamavam os vivos pela linha pychophonica, como hoje nos chamamos pela linha telephonica.

O meu assombro era grande, embora tocado de uma pontinha de desconfiança. Estaria miss Jane a mangar commigo? Olhei-a firme nos olhos. A lealdade que nelles vi era a mesma de sempre.

— Mas, continuou ella, voltando ao meu homem desdobrado direi que pude observalo em acção no escriptorio do *Herald*. Estava á mesa de trabalho, a examinar com o olho di-

reito uma gravura antiga e a consultar uma taboa de logarithmos, com o esquerdo. Ao mesmo tempo ouvia a musica da moda com o ouvido direito e, com o esquerdo, attendia a um collaborador do jornal. Occupava-se em quatro cousas diversas, valendo assim por quatro homens não desdobrados.

— H 4...

— E não ficava nisso. Era bem um *homo* elevado, não á quarta, mas á sexta potencia, porque ainda recolhia a queixa dum dos espiritos leitores do Herald — espirito rabugento, a avaliar por certos impetos nervosos da mão que stenographava.

— E com a outra mão, que fazia ?

— Alisava meigamente um gatinho que lhe resbunava ao regaço.

Encarei-a de novo, firme, nos olhos. Não piscou. Logo, era verdade. A experiencia dos olhos que piscam sempre me pareceu infallivel na pesca dos potoqueiros.

— Mas não foi coisa que se generalisasse. A ruptura por intervenção humana dos planos normaes da natureza nunca foi bem succedida. Sobrevinham sempre complicações imprevisiveis á argucia dos sabios, e irremediaveis. Esse pobre desdobrado, por exemplo, acabou logo depois de maneira tragica. Em vez de persistir na sua sexta potencia, empastelou-se, confundiu-se e acabou não sendo nem sequer um homem apenas, como antes da operação.

A mais horrorosa demencia destruiu aquella obra prima da cirurgia de 2228. Por esta amostra vê o senhor Ayrton de quantos episodios interessantes pode esmaltar-se a sua novella, concluiu miss Jane.

Fiquei de olhos parados, a scismar.

— Outra coisa que muito me maravilhou foi o Theatro de Freud, continuou ella.

— Quê?

— O theatro dos sonhos.

— Fiquei na mesma...

— Descobriu-se um processo de fixar na tela os sonhos, como hoje a cinematographia fixa em films o movimento material. E dada a riqueza do nosso subconsciente, mar donde emana o sonho e mar profundo, do qual a consciencia não passa da exigua superficie, pôde o senhor Ayrton imaginar que maravilhosas representações não se davam nesse theatro. Nem as "Mil e Uma Noites", nem Edgard Poe, nada valia um só desses espectaculos onde o contra-regras se chamava Imprevisto.

Tornou-se a arte suprema, a mais deleitosa de todas - e ainda uma sciencia. A alma humana só deixou de ser o enigma que hoje é depois que pode ser assim photographada em suas manifestações de absoluta nudez. Até então apenas lhe conheciamos as manifestações vestidas pela Censura, isto é, as suas attitudes.

Era de maravilhar a transformação que se operava em mim! Vinte dias antes não passava eu de modesto empregado de rua numa casa commercial - e estava agora na imminencia de tornar-me autor de um livro assombroso, capaz de cobrir meu nome de louros ineditos. A idéa desvairou-me e a novella principiou logo a formar-se-me nos miolos com fragmentos de romances lidos em rodapé de jornaes. O principio do primeiro capitulo chegou a traçar-se de chofre em minha cabeça:

— “Era por uma dessas tardes calmosas de verão, em que o astro rei, rubro como um disco de cobre,” etc.

Estava nesse devaneio quando um criado penetrou de surpresa no gabinete. Chamou de parte miss Jane e disse-lhe algumas palavras agitadas. Sem pedir licença, a moça retirou-se com precipitação.

Fiquei attonito, sem saber o que pensar. Delicada e fina como era, si assim se retirava de minha companhia sem o classico e sorridente “com licença”, é que algo de grave occorria. Fiquei na minha poltrona ainda uns dez minutos, com o ouvido attento aos menores rumores, tentando decifrar o mysterio. O silencio se fazia absoluto; nem sequer se ouvia o zum-zum do chronizador a trabalhar. Consultei o relógio.

— Dez e quinze. Já está a corrente no anno 2001, pensei commigo, anno que não

alcançarei. Mas meu filho Ayrton *Benson* Lobo o alcançará...

Puz-me a sonhar, e os sonhos logo me acalmaram a inquietação produzida pela inexplicavel retirada de miss Jane. Vi-me amado de tão gentil creatura e com ella casado. Por esse tempo já não fazia parte deste mundo o professor Benson. Setenta annos tinha elle; era natural que não durasse muito. Miss Jane ficava só na terra, sem relações sociaes, sem sonhos de grandeza mundana. E não seria eu nessa epoca apenas o pobre diabo que era, triste ex-empregado dos senhores Sá, Pato & Cia. Seria um autor, um romanista. Os jornaes dariam meu retrato e me tratariam de "illustre homem de letras". Uma situação social, sem duvida, e das mais bonitas. Poderia approximar-me da inconsolavel menina e offerecer-me para seu companheiro de vida. Claro que miss Jane accitaria o meu coração. Viagens, depois, mundo a correr - Paris, New York. Levariamos comnosco o caderninho das cotações...

— "Olá, senhor corretor, compro mil acções da Niagara Falls Company" !

A piedade do corretor vendo esta carinha chupada de brasileiro amarello comprar acções de uma empreza cuja bancarrota estava imminente ! Sorri-se lá comsigo e vende-m'as, piscando o olho para os seus auxiliares. No dia seguinte, noticia nos jornaes : *Uma jazida*

de platina encontrada nas terras da Niagara!
As acções dessa companhia centuplicam de valor! Reappareço no escriptorio do corretor attonito, a fumar um charuto imponente, e vingo-me do seu sorriso da vespera.

— “Hoje vendo, meu caro palerma. O brasileirinho amarello hoje vende, sabe?...”

E lá deixo de novo as acções da Niagara e embolso milhões sonantes... Compro em seguida um hiate, o mais bello e commodo que houver...

— Senhor Ayrton! ouço dizer uma voz.

No meu sonho julguei ser o capitão do hiate, e ia responder-lhe com uma ordem — “Rumo a boreste!”, quando ao pé de mim vejo miss Jane, muito transtornada de feições.

— Senhor Ayrton, meu pae passa mal! Venha vel-o...

Corri atrás della, tomado de negros presentimentos. Penetrei no quarto do professor. Lá estava o bom velho no fundo da cama, desfeito, dando mais a impressão de um defunto que de um ser vivo.

— Quer que vá buscar um medico? exclamei ansioso, ao approximar-me do enfermo.

— Não, respondeu lentamente a voz cava e debil do professor. E’ inutil. Conheço o meu estado e sei que chegou o momento...

A moça atirou-se-lhe aos braços e cobriu-lhe o rosto de beijos convulsos.

— Boa Jane, disse elle, é a hora de separar-nos. Tenho confiança em ti e espero que, passado o rude momento, te conformes com a situação, buscando conforto no stoicismo que te ensinei e de que te dei exemplo em vida. Ha já algum tempo que me sentia mal. Occultava-o a ti para evitar-te um soffrimento inutil. Mas esta noite percebi que chegara o fim. Quando te deixei no gabinete, com pretexto de concluir um trabalho, illudi-te, ou, melhor, vim fazer um trabalho muito diverso do que poderias suppor. Vim destruir a minha descoberta. Queimei toda a papelada relativa e desmantei as peças mestras dos apparatus. O que resta nenhuma significação possui e não poderá ser restaurado. Desfiz em meia hora todo o trabalho de uma vida. Da minha invenção restam apenas as impressões que te deixou ella na memoria. E quando por tua vez morreres, tudo se extinguirá...

— Meu pae ! exclamou Jane, achegando o seu rosto afogueado á face descorada do velho.

— Teu pae, teu amigo, teu companheiro de trabalho...

Não pude conter-me diante do doloroso quadro, e grossas lagrimas borbotaram-me dos olhos. O moribundo não esqueceu o hospede. Volveu com esforço um olhar para o meu lado e disse, em voz cada vez mais fraca :

— Adeus, senhor Ayrton. O acaso o trouxe aqui para me ver morrer... Seja amigo de Jane. Adeus...

Um impulso atirou-me de joelhos ao pé do leito do moribundo ; tomei-lhe as pallidas mãos e beijei-as, tão enternecido como si beijara as do meu proprio pae.

— Adeus, minha Jane !... foram as suas derradeiras palavras.

Fechou os olhos e immobilizou-se. Minutos mais tarde estava apagada a luz daquelle cerebro, o mais potente que ainda desabrochou no seio da humanidade...

CAPITULO IX

ENTRE SA', PATO & CIA E MISS JANE

POBRE moça!... vinha eu pensando com-
migo ao voltar do enterro do professor
Benson. Si é grande a dor de perder
um bom pae, que dizer de quem perde tal
pae ?...

De facto, quasi que com seu pae perdera
Jane a sua razão de ser na vida. Desde me-
nina se consagrara a estudos do porvir, e é
natural que quem possui tal faculdade de
pre-videncia não se preocupe grande cousa da
actualidade. Para nós, encerrados nas quatro
paredes dos cinco sentidos, o presente é tudo;
mas quão pouco não será elle para uma crea-
tura collocada no tópe da montanha, podendo
ver tanto a paizagem do que lá passou como
a do que vae passar!

O magico apparelho do professor Benson
deixara de existir, e delle, como dissera o

moribundo, só restavam as impressões subsistentes na memoria da filha. Tinha miss Jane, portanto, de refazer sua vida, adaptar-se á condição commum dos pobres seres humanos que só vêem um palmo adiante do nariz.

— Está como eu, murmurei em soliloquio, passou tambem a pedestre...

Mas vi logo o falso da comparação. Eu podia, com o tempo, voltar á casta dos rodantes, adquirindo novo auto. Miss Jane nunca mais alcançaria a omnividencia...

O castello ficava a tres kilometros de Friburgo; pela estrada onde se dera o meu desastre. Ao passar por ella reconheci o ponto e parei á borda do desbarrancado. Estavam ainda patentes os signaes do trambolhão.

— Estranhos caminhos da Interferencia ! exclamei. Para ver a maravilha das maravilhas e conhecer a mulher que me está illuminando a alma e talvez faça de mim um notavel romancista, foi mister que eu passasse por este precipicio aos trancos, e lá fosse parar semi-morto ao fundo da barroca ...

Logo adiante, dobrada uma curva da estrada, vi erguer-se o vulto mysterioso do castello, com suas torres em xadrez. Parei, tomado de viva emoção. Olhei para a singular fabrica e perdi-me em pensamentos de saudade e incerteza.

Entre aquellas paredes duas nobres creaturas humanas me haviam abrigado com ex-

tremos de carinho ; trataram-me do corpo, salvaram-me a vida e, não satisfeitos ainda, revelaram-me o segredo irrevelado. No castello conheci a mulher divina que jamais sahirá do meu coração. Lá estive em minha casa, como no seio da minha verdadeira familia...

Mas quão tudo mudara ! Não podia mais continuar naquella situação de hospede, depois de morto o hospedeiro. Tinha que afastar-me dalli — afastar-me do logar que era na verdade o meu verdadeiro logar na terra...

O coração confrangeu-se-me dolorosamente e foi com o olhar sombrio e a cabeça baixa que transpuz de novo os humbraes do castello.

Chamei um criado. Por coincidencia appareceu o surdo-mudo que me acompanhara na primeira sahida pelos campos. Esqueci-me dessa circumstancia e disse-lhe :

— Não será possivel falar a miss Jane ?

O criado tambem esqueceu que era surdo-mudo e tornou :

— Acho inconveniente. Miss Jane recolheu-se em tal estado de desespero que nenhum de nós se atreve a perturbal-a.

Vi que o homem tinha razão. Pedi-lhe papel e, alli mesmo no *hall*, tracei o seguinte bilhete :

“Ayrton despede-se de miss Jane. Volta para o seu fado anterior, cheio, para o resto da vida, dos sentimentos

de gratidão e enlevo que os donos deste castello encantado lhe despertaram n'alma. Si acha miss Jane que o hospede occasional lhe merece alguma cousa, permitta-lhe que a venha ver de vez em quando”.

Entreguei-o ao criado e sahi.

Estava outra vez na rua — e nunca avalei tão bem a sensação do *decahir*. Quando o anjo máo se viu expulso do paraíso, a sua impressão devera ter sido igual á minha...

Na curva da estrada volvi um ultimo olhar ao castello. Lagrimas vieram-me aos olhos, e foi com a infinita tristeza de um corvo triste que alcancei a estação de Friburgo.

Ao apresentar-me no escriptorio da firma o assombro do senhor Sá foi enorme. Olhou-me com os olhos arregalados, como se visse apparecer um espectro ; depois vincou a testa de todas as temiveis rugas com que nos apavorava e disse :

— Muito bem, senhor Ayrton Lobo ! Sempre contei com a sua presteza, quando o senhor me andava a pé. Agora, que se deu ao luxo de um automovel, gasta-me vinte e tantos dias numa simples cobrança e apparece-me com essa cara de cachorrinho que me quebrou a panella !

Me, me, me, me... tudo para aquelle homem se relacionava egoisticamente á sua eminentissima pessoa...

Procurei acalmar-lhe a furia, contando do desastre e da minha internação numa casa acolhedora. Mas o ether em vibração que era o senhor Sá fôra evidentemente interferido por uma rabanada de saia das furias de Eschylo. Em vez de acceitar a minha escusa o homem redobrou de accusações.

— E por que me não preveniu? Um empregado decente, logo que se vê numa situação dessas, a primeira cousa que faz é avisar aos patrões. Pensa então o senhor que isto aqui é brincadeira? Não sabe que somos uma firma séria e temos o direito de ser bem servidos? Está despachado. Não nos servem empregados da sua ordem.

Nesse momento um rumor muito meu conhecido denunciou a presença da outra parte da firma. Era o senhor Pato que chegava. Ao vel-o surgir á porta, dentro do seu formidavel fraque de elasticotine de cem mil reis o metro e todo reluzente de pendurucalhos de ouro massiço, confesso que tremi. Olhou-me o homem d'alto a baixo, fulminantemente, e sem dizer palavra foi para um canto confabular com o socio.

Não sei o que disseram. Só sei que ao cabo de dois minutos o senhor Sá voltou-se para mim e indagou :

— E o seu automovel?

— Perdi-o... respondi com voz sumida.

Sá trocou com o socio um olhar risonho e ironico ; em seguida, divertido lá no intimo por uma idéa, humanizou-se.

— Pode ficar na casa, senhor Ayrton, mas comprehende o caro amigo que não nos é possível pagar a um moço que anda a pé o mesmo ordenado que pagavamos a um que tinha automovel proprio...

Pronunciou um "proprio" de bocca cheia, trocando com o Patão um novo olhar de malicia.

Resignei-me, já que precisava viver. E, murcho, de cabeça baixa, com o espirito a repousar na lembrança de miss Jane, reassumi na casa as minhas velhas funcções.

A semana toda passei-a na rua, a trabalhar qual um automato. Meu pensamento fugia para longe do que eu executava. Impossivel fixal-o nas réles coisas que me mandavam fazer, quando havia um ponto luminoso a' attrahil-o como iman. Impossivel tomar a sério os negocios de Sá, Pato & Cia, depois do deslumbramento daquellas semanas no castello. Eu não era mais o mesmo. Era um ser que se dilatara immensamente e que esperava...

Executei mal as minhas commissões e soffri do senhor Sá varias reprimendas. Ouvia-as, porém, tão absorto nos meus pensamentos que não poderei reproduzir nada do que me elle disse.

Aguardava ansioso a chegada do proximo domingo. Iria novamente rever o castello

e extasiar-me inda uma vez deante da imagem querida.

Fui. Recebeu-me miss Jane no gabinete e fez-me sentar na poltrona onde me achava no momento em que o criado a chamou. Encontrei-a serena e resignada, embora com todos os estigmas da sua grande dôr impressos na physionomia. Seus olhos denunciavam o cansaço das lagrimas.

Permaneci calado por uns instantes, sem ter o que dizer. Quem rompeu o silencio foi ella.

— Obrigada, senhor Ayrton. A sua visita me fará bem, me acalmará os nervos, cousa que nunca suppuz que tivesse... A minha solidão é hoje extrema. Como castigo de ter tido ás mãos o *tudo*, vejo-me agora sem nada. Este casarão vazio... os laboratorios já sem funcção... o porviroscopio, onde passei annos a me deslumbrar com visões ineditas, morto, reduzido a simples materia inerte, sem alma... A alma de tudo era meu pae...

Alcansei a situação da querida creatura, e foi com a alma á bocca que lhe disse :

— Comprehendo como ninguem o seu caso, miss Jane, e sei que até hoje no mundo pessoa alguma num só dia perdeu tanto. Horas apenas convivi com o professor Benson e apesar disso a sua lembrança viverá em mim como não vive a de meu pae. Imagino, pois,

a falta que faz elle á sua filha, á sua meiga companheira de estudos e de visões...

Miss Jane sacudiu a cabeça como a espantar idéas importunas. Depois esboçou o sorriso mais triste que inda vi. E com um suspiro murmurou :

— Paciencia. Ensinou-me meu pae o stoicismo, mas é bem difficil o stoicismo nos grandes momentos de dôr. Stoicismo é uma attitude...

Tres horas passei em companhia da desolada joven, e consegui afinal distrahir o seu espirito, contando-lhe o meu reaparecimento no escriptorio. Chegou a sorrir quando lhe desenhei a imagem hippopotamica do senhor Pato, todo a reluzir berloques de ouro massiço.

— Que felicidade ser como esse homem, agir como elle, formar de si proprio a idéa que fórma ! commentou miss Jane. Ignora tudo, mas não tem a sensação disso. Meu pae era o contrario. Levava ao extremo opposto o conceito da sua propria pequenez — e o senhor Ayrton sabe que si houve creatura no mundo *mais* que todas as outras, foi meu pae... Imagine si tomba nas mãos desse senhor Pato a machina de sondar o futuro !

— Applical-a-ia em enriquecer-se como dez Cresos, pendurando no corpo tanta quinilharia de ouro que, quando andasse na rua, havia de tilintar. E a pobre humanidade, assombrada, era bem capaz de metter-se de

joelhos á sua passagem, certa de que resurgira no mundo o Bezerro disfarçado em homem, conclui eu.

— Bem razão tinha meu pae em não tornar publica a sua descoberta. Só mesmo um espirito de eleição como o delle poderia resistir ás tentações resultantes...

Soube nesse domingo muitos detalhes curiosos da vida do professor Benson, e de como chegara á descoberta da onda Z, ponto de partida para o mais.

— Foi o psychismo que lhe revelou essa onda que resume e reflecte a vida universal do momento. O facto de certos individuos agirem como polarizadores de uma força ignorada impressionara de modo profundo a sua agudissima intelligencia. Metteu-se a estudar o phenomeno sob uma luz nova e chegou a apprehendel-o de modo integral. Pobre pae!

Falamos depois do nosso romance sobre o choque das raças na America.

— Sim, disse miss Jane, animando-se. Continuo a pensar que o senhor Ayrton não deve perder a oportunidade. Ouvirá de mim tudo o que sei a respeito e escreverá um livro, deveras interessante. Não lhe prometto já, já, fazer essas revelações. Neste meu estado, comprehende que me seria penoso. Mas o tempo, cicatriza, eu sei! as mais terriveis feridas - e lá chegaremos. Para mim será até um derivativo á dor da saúde. Dizem que recordar

é reviver e eu presinto que minha vida vae resumir-se nisso : recordar, reviver o que tenho accumulado na memoria. Venha todos os domingos e creia que sua presença me será sempre agradável – além de que estamos ligados pelo grande segredo...

CAPITULO X

CÉO E PURGATORIO

REGRESSEI á cidade, alegre como um pardal em manhã de sol. As últimas palavras de miss Jane valeram-me pela abertura do céu. Com que prazer não trabalharia a semana toda, estimulado pela perspectiva de vê-la cada domingo! A firma chegou a notar o meu assanhamento. Olhou-me o senhor Sá de soslaio e murmurou para o socio de fraque :

— Parece que o seresma viu passarinho verde...

Custou a passar o tempo, tanto a minha impaciencia alongava as horas. Mas passou e, no domingo, depois de apurar-me na toilette como nunca e laçar ao pescoço uma gravata nova, verde oliva com pintas de tom mais sombrio, voei, positivamente voei ao castello dos meus sonhos.

Já mais senhora de si, nesse dia não falou miss Jane tão exclusivamente de seu pae. Muito falou d'elle ainda, mas tambem discorreu de outros assumptos, dando inicio, afinal, ás revelações que me serviriam de base á novella.

Antes de mais nada externou-se quanto á situação momentanea do povo americano — e com palavras que me derrancaram as idéas assentes. Sim, porque eu tinha a ingenuidade de possuir idéas assentes sobre o povo americano, apesar da mais absoluta ignorancia da psychica e rumos que levava esse povo. Idéas pegadas no ar do escriptorio, nas palestras dos cafés, na leitura de jornaes redigidos por creaturas tão ignaras como eu, idéas que se nos grudam ao cerebro, como o pó do asphalto nos adhire ao rosto nos dias encalmados. Do senhor Sá, por exemplo, ouvi dizer do americano (não a mim, está claro, que me não daria essa honra, mas ao senhor Pato): “Povo sem ideaes, o mais materialão da terra. A gente do *the biggest...*”

Era Sá quem o dizia e pois a cavallidade me penetrou nos miolos como a propria Certeza. Nesse mesmo dia, num café, como na roda em que me achava se falasse da America, repeti a esmo, entre duas baforadas de um cigarro ordinarissimo:

— Povo sem ideaes, o mais materialão da terra. A gente do *the biggest...*

Causou sensação, e é provavel que algum dos presentes a fosse repetir alem, a bella synthese dos meus patrões - e por aqui se vê como certas idéas circulam á maneira de moeda e vão enriquecer o patrimonio ideologico de um povo...

Quando miss Jane abordou o assumpto e de chofre perguntou-me que idéa formava eu do americano, immediatamente a bella synthese sapatesca me veio aos labios :

— Povo sem ideaes, o mais materialão da terra. A gente do *the biggest...* murmurei com emphase.

O effeito, porém, falhou. Pela primeira vez não vi na cara de um interlocutor a expressão approvativa a que já me afizera. Miss Jane, ao contrario, sorriu com o inesquecível sorriso do professor Benson e disse :

— Essa idéa não pode ser sua, senhor Ayrton. Soa-me a phrase feita, das que se recebem no ar sem exame. A um povo que rompe com o alcool acha sem ideaes? Poderá haver maior idealismo que o sacrificio de formidaveis interesses materiaes do presente em vista de beneficios que só as gerações futuras poderão recolher? Si o senhor Ayrton observar um pouco a psyché americana verá, ao contrario, que é o unico povo idealista que floresce hoje no mundo. Unico, vê? Apenas se dá o seguinte : o idealismo dos americanos não é o latino que recebemos com o sangue. Possuem-

no de fórmula específica, próprio e de implantação impossível em povos não dotados do mesmo carácter racial. Possuem o idealismo organico. Temos nós o utopico. Veja a França. Estude a Convenção Franceza. Sessão permanente de utopismo furioso - e a resultar em que calamidades! Por que? Porque irrealizavel, contrario á natureza humana. Veja agora a America. Em todos os grandes momentos da sua historia, sempre vencedor o idealismo organico, o idealismo pragmatico, a programmação das possibilidades que se ageitam dentro da natureza humana. Leia Emerson e leia Rousseau. Terá os expoentes de duas mentalidades polares. Não acha o senhor Ayrton que é assim?

Apressei-me em achar, sinão de todo convencido, ao menos vencido de tão ardorosos argumentos. Espantavam-me á fluidez, a clareza, o impeto com que miss Jane discorria. Vi bem clara a differença que existe entre ter idéas proprias, fructos faceis e logicos de uma arvore nascida de boa semente e desenvolta sem peias ou imposições externas - e ser arvore de natal, museu de idéas alheias, pegadas daqui e dalli, sem ligação organica com os galhos, donde não pendem de pedunculos naturaes e sim de ganchinhos de arame. E aprendi a ser tambem arvore como as que crescem no campo, e a deixar-me engalhar, enfolhar e fructificar livremente por

mim proprio. Sinto hoje que a minha arvore mental cresce desafogada no sitio tanto tempo occupado por uma arvore-cabide, onde Sás, Patos *et caterva* penduravam papel-idéas, coisa peor que o papel-moeda. Foi com miss Jane que aprendi a pensar.

— Idealista como nenhum outro, proseguiu ella, e do unico idealismo verdadeiramente constructor da actualidade. Acompanhe a vida de Henry Ford, por exemplo, estude-lhe as idéas. Verá que nellas estão todas as soluções que no seu desvario de doida a Europa procura nas fórmias asiaticas do communismo e do despotismo. Por mais audacioso que nos pareça o pensamento de Henry Ford, que é elle sinão o reflexo do mais elementar bom senso? Todos nós, creia, senhor Ayrton, temos comnosco essas idéas, á primeira vista tão novas. No entanto, tamanha é a crosta que nos recobre o bom senso natural que Ford nos parece um messias da Idéa Nova. Ha um aparelho de limpar os tubos das caldeiras por onde passa a chamma vinda da fornalha. Esses tubos, com o tempo, vão-se encrostando de residuos carbonicos e acabam por se obstruïrem. E' necessario a espaços proceder-se a uma limpeza. Embora o uso das machinas de vapor já seja bem velho, só recentemente se inventou o meio pratico de desencrostal-as : o martello trepidante. Ford me dá a sensação desse instrumento. E' o martello trepidante

que nos desencrosta os tubos do cerebro, obstruidos pela fuligem das idéas falsas. Ninguem melhor do que eu poderá dizer isto de Henry Ford, porquanto devassei o futuro e por toda a parte vi reflexos do seu pensamento. E' pois o melhor typo actual do idealista organico. Sonha, mas sonha a realidade de amanhã. A desagglomeração da industria urbana, por exemplo, a standardização de todos os productos, a industria posta na base de uma associação de tres socios — trempe que abrange todas as classes sociaes, a simplificação da vida pela eliminação das milhares de cousas inuteis que hoje consomem tanto material e energia, tudo isso vi realizado no futuro e, no meu entender, com ponto de partida no idealismo pragmatico de Henry Ford.

— Realmente !... Agora vejo que fazemos cá uma idéa falsa desse povo.

Eu me sentia cada vez mais desencrostado das minhas idéas falsas ante a vibração do gentil martellino trepidante que era miss Jane...

— E o mundo americano não podia deixar de ser assim, senhor Ayrton, continuou ella. Note apenas: que é a America sinão a feliz zona que desde o inicio attrahiu os elementos mais eugenicos das melhores raças européas? Onde a força vital da raça branca, sinão lá? Já a origem do americano enthusiasma. Os primeiros colonos, quaes foram elles? A gente do *May*

flower, quem era ella? Homens de tal tempera, caracteres tão shakespireanos que entre abjurar das convicções e emigrar para o deserto, para a terra vazia e selvagem onde tudo era inhospitalidade e dureza, não vacillaram um segundo. Emigrar ainda hoje vale por alto expoente de audacia, de elevação do *tonus* vital. Deixar sua terra, seu lar, seus amigos, sua lingua, cortar as raizes todas que desde a infancia nos prendem ao solo patrio, haverá maior heroismo? Quem o faz é um forte, e só com esse facto já revela um bello indice de energia. Mas emigrar para o deserto, deixar a patria fagueira pelo desconhecido, isto é formidavel!

— Realmente, realmente...

— Pois bem, continuou miss Jane, o processo inicial da America tornou-se o processo normal do seu accrescentamento no decorrer da historia. Ondas successivas dos melhores elementos europeus para lá se transportaram. Depois vieram as leis restrictivas, e as massas que a procuravam, já de si boas, viram-se peneiradas ao chegar. Ficava a flor. O restolho voltava... Note o enriquecimento de valores humanos que isso representou!

Miss Jane falava com tanta alma e havia em suas palavras tal força persuasiva que senti um impeto de revolta contra o senhor Sá. Si esse homem me apparece naquelle momento

eu era até capaz de erguer contra elle a minha outróra tão humilde mão !

— E hoje, proseguiu miss Jane, hoje que se deslocou para lá o centro economico do mundo? Reflecta um bocado na significação, não digo do povo americano, mas do phenomeno americano — o phenomeno eugenico americano. Estados Unidos querem hoje dizer um immenso foco luminoso num mundo de candieiros de azeite e velas de sebo. Todas as mariposas da terra teem os olhos fixos no deslumbrante fóco — todos os artistas, todos os sabios, todos os espiritos animados da scintella creadora, que na sua patria não encontram condições propicias de desenvolvimento. Lá, a manhã radiosa de sol. No resto do mundo, varias especies de crepusculos... As sombras da Asia invadem a Europa, drenada cada vez mais dos seus melhores elementos — as suas mariposas, e acabarão por amarellal-a com a pigmentação mongolica, como o outono amarella as folhas. Isso vi eu com meus olhos já bem denunciado nos córtes feitos no seculo 25.

— Mas, miss Jane, atrevi-me a dizer, não é logico que tambem invada a America esse asiatismo, que para a senhora é communismo e despotismo? Não conduzirá fatalmente, pelo menos ao primeiro, o formidavel industrialismo americano?

— Logico, por que? O logico é que da semente da couve nasce o pé de couve e da do jequitibá nasce o jequitibá. A semente americana lançada em Plymouth era sã e era de jequitibá. O espirito de casta matou a Asia — e do espirito de classe morrerá a Europa. A semente de que nasceu a America não continua em seus cotyledones essas venenosas toxinas.

— Mas deu origens a classes, tambem...

— Deu origem a classes, é certo, e os interesses das classes se tornaram antagonicos. Mas o espirito de exame dos factos — e outra cousa não quer dizer o idealismo organico — interveio a tempo e harmonizou taes interesses. Quando Ford provou que não ha hostilidade entre o capital e o trabalho e sim mal entendido — e o provou com o facto da sua formidavel realização, todos os olhos se abriram, e a industria, até alli Moloch devorador da classe que produz e da que consome em proveito da que detem os meios de producção, passou a ser a mais harmonizada das associações. Esse maravilhoso remedio creou a grande barreira contra o asiatismo invasor e ergueu a America do seculo 25 á posição de um mundo sadio e vivo dentro de um miasma fatalista e abudhistado.

— Está tudo muito bem, adverti, mas nos Estados Unidos não penetraram apenas os elementos espontaneos que miss Jane aponta.

Entrou ainda, á força, arrancado d'Africa, o negro.

— Lá ia chegar. Entrou o negro e foi esse o unico erro inicial commettido naquella feliz composição.

— Erro impossivel de ser corrigido, aventurei. Tambem aqui arrostamos com igual problema, mas a tempo acudimos com a solução pratica — e porisso, miss Jane, penso que inda somos mais pragmaticos do que os americanos. A nossa solução foi admiravel. Dentro de cem ou duzentos annos terá desaparecido por completo o nosso negro em virtude de cruzamentos successivos com o branco. Não acha que fomos felicissimos na nossa solução?

Miss Jane sorriu de novo com o meigo e enigmatico sorriso do professor Benson.

— Não acho, disse ella. A nossa solução foi mediocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiraveis qualidades physicas de selvagem e o branco soffreu a inevitavel depressão de character, consequente a todos os cruzamentos entre raças dispares. Character racial é uma crystallização que ás lentas se vae operando através dos seculos. O cruzamento perturba essa crystallização, liquefal-a, torna-a instavel. A nossa solução deu um resultado nem lá nem cá...

— Mas então prefere miss Jane a solução americana, que não foi solução de cousa nenhuma já que deixou as duas raças a se desen-

volverem parallelas dentro do mesmo territorio, separadas por uma barreira de odio? Approva, então, o horror desse odio e todas as suas tragicas consequencias?

— Esse odio, ou melhor, esse orgulho, respondeu miss Jane, serena como si a propria Minerva falasse pela sua bocca, foi a mais fecunda das prophylaxias. Impediu que uma raça desnaturasse, descrySTALLIZASSE a outra, e conservou a ambas em absoluto estado de pureza. Esse orgulho foi o creador do mais bello phenomeno de eclosão ethnica que vi em meus córtes do futuro.

— Mas é horrivel isso! exclamei revoltado. Miss Jane, um anjo de bondade, defende o mal...

Pela terceira vez a moça sorriu com o sorriso do professor Benson.

— Não ha mal nem bem no jogo das forças cosmicas. O odio crea tantas maravilhas como o amor. O amor matou no Brasil a possibilidade de uma suprema expressão biologica. O odio creou na America a gloria do eugenismo humano...

Como era forte o pensamento de miss Jane! Dava-me a sensação dos phenomenos naturaes, ora da brisa que passa e treme a folha das arvores, ora do jorro de sol que tudo illumina. Seus olhos fulguravam e por vezes eu sentia nelles o impeto sereno que os poetas gregos attribuiam a Athenéa. Meu senti-

mentalismo soffria com isso. "Poderá vir amar-me uma creatura assim, tão alta de cerebro?". Tudo levava a crer que não, e eu, entretanto, esperava...

— Entre dar uma solução inepta e não dar solução nenhuma, o americano optou pela ultima alternativa, continuou miss Jane.

— Quer dizer que eternizou o problema, conclui victorioso.

— A sua eternidade, senhor Ayrton, é bem precaria. Durará apenas mais 302 annos...

— Como?

— O inevitavel choque das duas raças dar-se-á em 2228, e a solução...

— Já sei qual será! exclamei muito lampeiro. Um massacre em massa, uma chacina horrorosa !...

— Nada disso.

— Expulsam os negros de lá, então! adverti apressadamente, na minha ansia de adivinhar.

— Nada, nada disso.

Parei atrapalhado, mas num clarão apresentou-se-me a terceira hypothese.

— Dividem o paiz em duas partes, a negra e a branca!

— Nada, ainda. Creio que por mais esforços que o senhor Ayrton faça não adivinhará.

Reflecti alguns instantes, a ver si me occorria uma quarta hypothese. Não occorreu coisa nenhuma e confessei-me vencido.

— Si a solução não vae ser alguma destas, quer isso dizer que o caso fica insolúvel, rematei.

— Ao contrario. Será solvido da maneira mais completa, sem sacrificio dos negros existentes e sem transigencia dos brancos. O odio é creador, senhor Ayrton e, alem disso, extremamente engenhoso...

Era hora de retirar-me.

Beijei a mão de miss Jane e sahi pela estrada a fóra a parafusar no tremendo quebra-cabeças. Depois volvi para ella os meus pensamentos e passei a semana inteira a recordar as suas palavras e gestos, num grande enlevo d'alma. O, senhor Sá o notou e disse ao socio :

— Isto ou é amor ou espinhela cahida.

Era amor. Em tudo eu via miss Jane. Nas moças que se cruzavam por mim nas ruas eu só via os traços que tinham de communs com miss Jane — esta a linha dos hombros, aquella o tom dos cabellos. Meus sonhos se complicavam estranhamente, mas nelles Freud leria claro como numa cartilha infantil. O mundo futuro me surgia chaotico, informe, com chins em Paris e homens sem pressa, a conversarem sentados no meio das ruas — e que ruas ! Wall Street, Fifth Avenue... Depois surgia miss Jane como o Tudo e eu mergulhava em extase.

Amor ! Amor !

CAPITULO XI

NO ANNÓ 2228

VOLTEI ao castello e minha amiga deu inicio emfim as suas revelações sobre o choque das raças.

— Decifrou o quebra-cabeças? perguntou-me logo que entrei.

— E' dos indecifráveis, miss Jane, dos indecifráveis para quem não inventou nenhum porviroscopio. •Um ponto, entretanto, me intriga. Acho que a população negra da America é muito pequena em relação á branca para que possa jamais constituir perigo.

— Seria assim, de facto, si com o crescer do paiz a proporção se conservasse sempre a mesma. Não foi isso, entretanto, o que se deu. Emquanto a corrente immigratoria européa trazia ondas e mais ondas de brancos a sommarem-se aos já estabelecidos no paiz, nada alarmava, nem deixava vislumbiar um aggravamento futuro de situação.

Mas essas ondas foram diminuindo em virtude dos obstaculos oppostos e por fim cederam o logar ao machiavelico Drainage System. Em vez de entrada franca a quem quizesse vir localizar-se no paiz, organizou o governo americano em todas as nações do velho mundo um serviço de *importação de valores humanos*, consistente em attrahir para lá a fina flor eugenica das melhores raças europeás. Já alliviada do seu ouro em favor da America, viu-se a Europa tambem alliviada da sua elite.

— Desnataram a pobre Europa ! Só lhe deixaram ao velho mundo, o sôro...

— Isso mesmo. Dahi a qualificação de machiavelico dada ao Drainage System. Os mais perfeitos typos de belleza plastica, as mais fortes intelligencias, os mais puros valores moraes eram descobertos onde quer que florissem e seduzidos de modo a, mais cedo ou mais tarde, se localizarem na Chanaan americana. Por fim achou-se o paiz bastante povoado, e a mentalidade prohibicionista, assustada com o espectro do super-povoamento, supplantou a immigracionista. Fecharam-se todas as portas ao fluxo europeu e a nação passou a crescer vegetativamente apenas. Data d'ahi a inflacção do pigmento.

Até essa epoca a população negra representava um sexto da população total do paiz. A predominancia do branco era, pois, esmagadora e de molde a não arrastar o americano

a ver no negro um perigo sério. Mas com o prohibicionismo coincidiu o surto das idéas eugenísticas de Francis Galton. As elites pensantes convenceram-se de que a restricção da natalidade se impunha por mil e uma razões, resumíveis no velho truismo da qualidade a primar sobre a quantidade. Deu-se, então, a ruptura da balança. Os brancos entraram a primar em qualidade, emquanto os negros persistiam no avultar em quantidade. Foi a maré montante do pigmento. Mais tarde, quando a eugenia venceu em toda a linha e creou-se o Ministerio da Selecção Artificial, o surto negro já era immenso.

— Ministerio da Selecção Artificial?

— Sim. O grande Ministerio, o verdadeiro factor da espantosa transformação soffrida pelo povo americano. O seu espirito creador, a coragem de enveredar por sendas novas, sem esperar que outros o fizessem primeiro, deu áquelle povo um enorme avanço sobre os demais.

Essas restricções melhoraram de maneira impressionante a qualidade do homem. O numero dos mal-formados no physico desceu a proporções minimas — sobretudo depois do resurgimento da sabia lei spartana.

— A que matava ao nascedouro as creanças defeituosas? exclamei arrepiado. Tiveram elles a coragem de fazer isso?

— Si o senhor Ayrton visse, como eu vi, o resultado dessa e de outras leis semelhantes, só se admiraria da estupidez do homem em retardar por tanto tempo a adopção de normas tão fecundas. Entre cortar no inicio o fio da vida a uma posta de carne sem sombra de consciencia e deixar que della saía o ser consciente que vae vegetar annos e annos na horri-vel categoria dos “desgraçados”, a crueldade está no segundo processo. A lei spartana reduziu praticamente a zero o numero dos desgraçados por defeito physico. Restavam os desgraçados por defeito mental.

— De numero infinito...

— Esses foram impedidos de se produzirem pela lei Owen, fructo das grandes idéas pregadas por Walter Owen. Walter Owen foi o verdadeiro remodelador da raça branca na America. Apareceu cento e poucos annos antes do choque das raças com o seu famoso livro — *O direito de procrear*, onde lançava os fundamentos do Codigo da Raça, conjuncto de leis tão sabias e fecundas em resultados que, podemos dizer, a era nova da raça humana datou da sua promulgação. A lei Owen, como era chamado esse Codigo de Raça, promoveu a esterilização dos tarados, dos mal-formados mentaes, de todos os individuos, em summa, capazes de prejudicar com má progenie o futuro da especie. Só depois da applicação de taes leis é que foi possível realizar o grandioso

programma de selecção que já havia empolgado todos os espiritos. Os admiraveis processos hoje em emprego na criação dos bellos cavallos puro-sangue passaram a reger a criação do homem na America.

— E lá se foram os pelludos!...

— Exactissimamente... Desappareceram os *pelludos* — os surdo-mudos, os aleijados, os loucos, os morpheticos, os hystericos, os criminosos natos, os fanaticos, os grammaticos, os mysticos, os rhetoricos, os vigaristas, os corruptores de donzellas, as prostitutas, a legião inteira de mal-formados no physico e no moral, causadores de todas as perturbações da sociedade humana. Essas leis está claro que eram fortemente restrictivas da natalidade, sobretudo no começo, quando havia quasi tanto joio como trigo. Crescer, para a America, não mais valia por avultar ás tontas em numero, como hoje, e sim por elevar o indice mental e physico dos seus habitantes. Os Estados Unidos (e o Canadá que já se fundira nelles) cresciam dessa maneira admiravel, si bem que incomprehensivel para nós que vivemos em plena e licenciosa anarchia procreadora.

Mas... o mas perturbador de todos os calculos humanos surgiu. Apesar de submetida aos mesmos processos restrictivos dos brancos, a raça negra começou desde logo a apresentar um indice mais alto de crescimento. A proporção do negro puro relativa ao branco

subiu a um quinto, a um quarto, a um terço e por fim chegou á metade. Quer isso dizer que o binomio racial, desprezado na era do crescimento immigratorio e descurado no inicio do regimen selectivo, passou a entrar na phase aguda do “resolva-me ou devoro-te”.

— Em quantos eram calculados os negros nesse momento?

— Na éra em que tomamos este córte anatomico do futuro, anno 2228, as estaticas apresentavam dados alarmantes. Negros, 108 milhões ; brancos, 206 milhões. E como o coefferente da natalidade negra accusasse uma nova subida, o instincto de conservação dos brancos eriçou-se nos primeiros arrepios da legitima defesa.

Dos muitos alvitres propostos para de uma vez por todas arrancar a America do seu becco sem sahida, predominavam duas correntes de idéas contrarias, conhecidas por solução branca e solução negra. A solução branca...

— Já sei, disse eu, afflicto por acertar uma só vez que fosse. A solução branca era expatriar o negro !...

— Muito bem, confirmou miss Jane, alegre de ter-me proporcionado um innocente prazer mental. Queriam os brancos a expatriação dos negros para o...

— Valle do Amazonas ! exclamei, radiante do meu successo anterior e esperançoso de segunda victoria. Dias antes eu lera não sei

onde uma qualquer coisa que me deixara entrever isso.

— Bravos ! Nesse andar vae o senhor Ayrton substituir com vantagem o nosso porviroscopio perdido. Para esse valle, sim. O antigo Brasil scindira-se em dois paizes, um centralizador de toda a grandeza sul-americana, filho que era do immenso foco industrial surgido ás margens do rio Paraná. A seriar cataratas gigantescas ao longo do seu curso, acabou esse fecundo Nilo da America transformado na espinha dorsal do paiz que em efficiencia occupava no mundo o logar immediato aos Estados Unidos. O outro, uma republica tropical, agitava-se ainda nas velhas convulsões politicas e philologicas. Discutiam systemas de voto e a collocação dos pronomes da semi-morta lingua portugueza. Viam nisso os sociologos o reflexo do desequilibrio sanguineo, consequente á fusão de quatro raças distinctas, o branco, o negro, o vermelho e o amarello, este ultimo predominante no valle do Amazonas.

Não pude deixar de estremecer deante das revelações que fazia miss Jane do futuro do meu paiz.

— Que tristeza, miss Jane ! exclamei compungido. Pois vae dar-se isso, então ?

— Não vejo motivos para a sua tristeza, respondeu ella. Acho até que a divisão do paiz em varios constituiu uma sahida optima,

a melhor possível, dado o erro inicial da mistura das raças. A parte quente ficou a soffrer o erro e suas consequencias ; mas a parte temperada salvou-se e pode seguir o caminho *certo*. A sua tristeza vem da illusão territorial. Mas reflecta que a muita terra não é que faz a grandeza de um povo e sim a qualidade do seus habitantes. O Brasil temperado, alem disso, continuou a ser um dos grandes paizes do mundo em territorio, visto como fundia no mesmo bloco a Argentina, o Uruguay e o Paraguay.

Enchi-me de orgulho patriotico e sem querer levantei-me da cadeira com um hurrah entalado na garganta.

— Vencemos a Argentina, então? Conquistamos todo o Prata?

— Errou desta vez, senhor Ayrton. Não houve guerra, nem conquista de qualquer especie. Os povos deste sul abriram os olhos a tempo, viram que a espinha dorsal da zona era o rio Paraná, e foram-se arrumando ao longo das suas quedas, como costellas, formando um todo unico, mais ligados pelos interesses economicos do que por vinculos de sangue.

— Mas a velha rivalidade entre brasileiros e argentinos?

— Não passava de uma estúpida voz do sangue. Brasileiros e argentinos, descendentes

tes de lusos e hespanhoes, encampavam, sem o saber, o velho antagonismo que sempre dividiu a península iberica. Mas tantas ondas européas despejou cá a immigração, que o elemento inicial luso-hespanhol foi supplantado e não teve forças para perpetuar a ridicula rivalidade hereditaria.

— Mas por que dividiram o Brasil? perguntei ainda mal consolado. Era só povoar o norte da mesma maneira que o sul...

— Um paiz não é povoado como se quer, senhor Ayrton, ou como apraz aos idealistas. Um paiz povoa-se como pode. No nosso caso foi o clima que estabeleceu a separação. Dos europeus só os portuguezes se acclimavam na zona quente, onde, graças ás affinidades com o negro, continuaram o velho processo de mestiçamento, acabando por formar um povo de mentalidade incompativel com a do sul.

Mas voltemos á America do Norte. O nosso caso é o americano. Mais tarde revelarei ao senhor Ayrton o que se passou no Brasil e como surgiu a republica do Paraná. Estavamos na solução branca e direi que todos os brancos só queriam uma cousa : exportar, despejar os cem milhões de negros americanos no valle do Amazonas. Isso, entretanto, constituia uma empreza formidavel ou, melhor, impraticavel, não só em virtude de tremendas difficuldades materiaes como por ferir de face a Constituição Americana. O pacto funda-

mental do grande povo era profundamente sabio, tão sabio que conseguira elevar a antiga colonia ingleza á liderança universal e, pois, gosava de um respeito na verdade supersticioso. Essa carta impedia uma duplicidade de tratamento para cidadãos eguaes entre si perante a sua serena majestade de lei substantiva.

Já os negros se batiam por uma solução muito mais viavel e justa. Queriam a divisão do paiz em duas partes, o sul para os negros e o norte para os brancos. Allegavam que era a America tanto de uma raça como de outra, visto como sahira do esforço de ambas ; e já que não podiam gosar juntas da obra feita em commum, o razoavel seria dividir-se o territorio em dois pedaços. Mas como os brancos preferiam continuar no *statu-quo* a resolver o caso por esse processo, o problema racial permanecia de pé, cada vez mais ameaçador.

Dez annos antes começara a apparecer na scena americana um vulto de excepcional envergadura : Jim Roy, o negro de genio. Tinha a figura athletica do senegalez dos nossos tempos, apesar da modificação craneana soffrida por influenica do meio. Tal modificação o approximava do typo dos antigos pellevermelhas. Era esse aliás o typo predominante no paiz inteiro, e cada vez mais accentuado depois que a interrupção da corrente

immigratoria permittiu um evoluir ethnico não perturbado por injeccões estranhas. Até na tez levemente acobreada começava a transluzir a mysteriosa influencia do ambiente geographico.

— Engraçado! Quer dizer que com o tempo todos viraram indios...

— Não quer dizer bem isso, e sim que se approximavam um pouco do typo amerindio, no que pude observar. Talvez que dentro de vinte ou trinta mil annos a sua hypothese esteja realizada. Infelizmente o apparatus que meu pae construiu não ia alem do anno 3257.

Em Jim Roy a sua semelhança com um mestiço de senegalez e pelle-vermelha (coisa impossivel, pois de ha muito não existia um só indio na America) accentuava-se pela côr da pelle, nada relembativa da côr classica dos pretos de hoje.

— Influencia do meio?

— Não. Não foi isso milagre da influencia do meio, nem era coisa singular, privativa de Jim Roy. Quasi toda a população negra da America apresentava pelle igual á sua. Havia a sciencia resolvido o caso da côr pela destruição do pigmento. De modo que se Jim Roy apparecesse deante de nós, hoje, surprehenderia da maneira mais desconcertante, visto como esse negro de raça purissima, sem uma só gotta de sangue branco nas veias,

apesar de ter o cabelo carapinha era horrivelmente esbranquiçado.

— Albino?

— Não, albino. Esbranquiçado — um pouco desse tom duvidoso das mulatas de hoje que borram a cara de crême e pó de arroz...

— Barata descascada, sei.

— Mas nem eliminando com os recursos da sciencia o caracteristico essencial da raça, deixavam os negros de ser negros na America. Antes aggravavam a sua situação social, porque os brancos, orgulhosos da pureza ethnica é do privilegio da côr branca ingênita, não lhes podiam perdoar aquella *camouflage* da despigmentação.

Era Jim Roy na realidade um homem de immenso valor. Nascera fadado a altos destinos, com a marca dos conductores de povos impressa em todas as facetas da sua individualidade. Como organizador e *meneur* talvez superasse os mais famosos organizadores surgidos entre os brancos. A historia da humanidade pouco exemplos apresentava de uma eficiencia igual á sua. Consagrara-se desde muito joven á execução dum plano de genio, traçado nas linhas mestras com a mais perfeita comprehensão do material humano sobre que pretendia agir.

— Está-me lembrando o velho Moysés...

— Jim Roy conseguira o milagre da associação integral da população negra sob a ban-

deira dum partido politico cujas forças, collectadas por extensa cadeia de agentes districtaes, vinham, como fios telephonicos, ter á estação central da sua chefia suprema. Sempre sabias e constructoras, desciam suas instrucções, com autoridade de dogmas, sobre todas as cellulas da Associação Negra (era o nome do partido) e as fazia moverem-se como puros automatos. Esta abdicação, ou melhor, esta sujeição consciente e consentida de todas as vontades a uma vontade unica, aperfeiçoara-se de tal modo, que no anno da tragedia a situação politica dos Estados Unidos passou de jacto a depender do leader negro.

— Passou a depender delle como? Pois não eram os negros apenas cem para duzentos milhões de brancos?

— Não se impaciente, senhor Ayrton. Temos que ir por partes. Disse eu que a situação politica da America passou a depender de Jim Roy e foi factó. Mas antes de lá chegarmos temos que fazer um rodeio politico. Gosta de politica, senhor Ayrton?

— Nem eleitor sou, miss Jane.

— E de politica feminina?

— Essa desconheço. Supponho, entretanto, que ha de ser mais felina que a dos homens...

CAPITULO XII

A SYMBIOSE DESMASCARADA

— Mais felina, sim, e muito mais pittoresca. Não imagina o senhor Ayrton como o cerebro da mulher é rico de estratagemas e com que ardor conduzem ellas uma campanha politica. Vinha d'ahi que o proximo pleito se desenhava renhidissimo. Ia a republica dos Estados Unidos eleger dentro de poucos dias o seu 88° presidente, proporcionando assim a um mundo perturbado por successivas mudanças de fórma politica um exemplo de fixidez na fórma inicial só comparavel ao passado monarchico da Inglaterra. Os velhos partidos Democratico e Republicano, haviam-se fundido num forte bloco, sob a denominação de Partido Masculino. Mesmo assim não se via seguro da victoria, porque o partido contrario, o Feminino, dispunha de maior numero de vozes. Estava pois em

jogo o prestigio politico do homem, batido pelo da mulher em todos os campos de actividade e a defender agora o seu ultimo reducto — a presidencia da republica. Até então nenhuma mulher conseguira alçar-se ao posto supremo, embora no pleito anterior miss Evelyn Astor houvesse perdido por uma minoria insignificante.

— Quem era essa bicha? Alguma chefe do partido feminino?

— Sim, uma chefe que insistia na sua candidatura, e agora com mais probabilidades de victoria, visto como era possivel que o grande leader negro se deixasse levar pela seducção dos seus argumentos.

Do outro lado o senhor Kerlog, presidente em exercicio e candidato á reeleição, só via possibilidade de exito si obtivesse o concurso de Jim, como succedera no pleito anterior.

As melhores estatisticas davam ao Partido Masculino 51 milhões de vozes, ao Partido Feminino 51 e meio e á Associação Negra, contados os votantes de ambos os sexos, 54 milhões. A proxima eleição dependeria pois exclusivamente da attitude do grande negro.

— Miss Evelyn Astor! Lindo nome. Já me estou sympathisando por essa creatura, que talvez esteja no meu proprio calcanhar. Havia de ser linda, não?

— De facto, nessa creatura habilissima, rica de todos os dotes da intelligencia, da

cultura e da machiavelica sagacidade feminina se juntava um elemento perturbador e novo no jogo politico presidencial : a sua rara belleza physica.

Embora, graças á victoria da eugenia, fosse regra a belleza e não mais excepção, como hoje, mesmo assim a formosura de miss Evelyn Astor se destacava de modo obsedante. Ninguém a defrontava sem sentir-se envolvido por uma aura de harmonia transfeita em força de dominação.

Em todos as epocas as mulheres dotadas de belleza sempre dominaram, atrás dos thronos como favoritas, na sociedade como cortezãs, no lar como boas deusas humanas, mas sempre por intermedio do homem – o despota, o amante, o marido, detentores em sua qualidade de machos de todas as prerogativas sociaes. No futuro a dominação da belleza feminina não se fará mais por intermedio do macho. E'ra da harmonia, a belleza se tornará uma força pura, como pura expressão que é da harmonia.

Nesse anno de 2228 já a mulher vencera o seu estagio de inferioridade politica e cultural, consequencia menos duma pretensa inferioridade de cerebro, como dizia miss Elvin...

— Miss Elvin ?

— Espere. Menos de uma pretensa inferioridade de cerebro do que de uma organização cerebral diversa da do homem, e portanto

inapta a produzir o mesmo rendimento emquanto submettida ao mesmo regimen de educação. Miss Elvin... Como está assanhado o senhor Ayrton! Não se contentou com a mulher futura que já lhe dei, miss Astor, e quer outra?

Que illusão a de miss Jane! Eu queria apenas, de todos as mulheres passadas, presentes e futuras, uma, uma só – a que me falava naquelle momento, tão alheia ás emoções borbulhantes em meu coração...

— Miss Elvin era a autora da *Symbiose Desmascarada*, um livro que, graças á alegria do estylo e ao fulgor dos argumentos, vinha causando verdadeira reviravolta nos Estados Unidos. A idéa central de miss Elvin cifrava-se em que a mulher não constituia a femea natural do homem, como a leôa o é do leão, a gallinha do gallo, a delphina do delphim. A femea natural do homem elle a repudiara em epoca recuadissima – e tudo levava a crer na extincção desse pobre animal. Repudiara-a e tomara para si, como os antigos romanos fizeram ás sabinas, a femea de um outro mamifero de vagas semelhanças anatomicas com o *homo*. Suppunha miss Elvin que seriam amphibios esses sabinos pre-historicos, assim romanamente despojados das suas femeas. E recreando a imaginação com um pouco de phantasia, chegou a descrever, num segundo livro de equal successo, o massacre dos sabi-

nos quando, do seio das ondas, acudiram ás praias em defesa das raptadas metades. Vinha dahi o character ondeante da mulher. "*She was false as water*", já o dissera Shakespeare.

— Que topete ! Pelo que vejo as mulheres do futuro não beneficiaram grandemente os miolos com o remedio da eugenia...

— O senhor Ayrton está um pouco passadista e corre muito depressa no Ford das suas conclusões, respondeu miss Jane com doce ironia. Nada ha mais fecundo do que a ventilação das idéas acceitas, do que o abalo violento em certas bases mentaes. Põe-nas á prova e revelam-lhes alguma racha ou lacuna, si as ha. Com o seu exagero, miss Gloria Elvin não resuscitou o sabino, mas quantas consequencias indirectas não brotaram da sua revolta !

— Retiro o topete, miss Jane; continue.

— Pois o *homo* supplantou o mammifero adverso e de posse da femea alheia veio, através das edades, tentando um equilibrio sexual impossivel. A falsa femea, o ser estranho ligado a elle por symbiose, sempre resistiu ao seu dominio, apesar de um processo de domesticação multi-millenar. Todas as formas de vida em commum, toda a serie de associação sexual existente na natureza fôra tentada sem successo. O harem musulmano, a polygamia, a monogamia, a bigamia, a polyandria, o hetairismo, nada produzia bons resultados, e

a mulher, por voz unanime de poetas e pensadores, se viu classificada como um ser *incomprehensivel*.

Miss Elvin desvendou o mysterio. Não era a mulher um ser incomprehensivel. Era apenas *differente*.

Mais fraca em força physica e, portanto, escravizavel, a sabina defendeu-se da tyrannia do raptor com o manejo de uma arma perigosissima, a dissimulação — reflexo ainda do character ondeante do seu elemento primitivo, o mar. Quando no mundo surgiu o feminismo, toda a gente suppoz que a solução do problema da mulher estava em nivelal-a ao homem pela cultura e egualdade de direitos. Erro cascado, demonstrou miss Elvin. A cultura, como a creara o homem, não se adaptava ao cerebro da mulher, de funcionamento especialissimo e sempre influenciado por certas glandulas mysteriosas. Falhou porisso o feminismo. De toda a sua agitação só resultara uma coisa, a feminista, odiosa mulher-homem, que pensava com idéas de homem, falava com palavras de homem, usava collarinhos de homem, conseguindo com isso, apenas...

— ...não ser homem nem mulher, conclui eu, lembrando-me duma suffragista do meu conhecimento.

— Os estudos de miss Elvin modificaram completamente os termos da equação sexual. “Basta de symbiose, dizia ella ; basta de vida

em commum em troca de serviços reciprocos. A mulher passa doravante a viver vida autonoma e si ainda permanece ao lado do gorilla no antigo *statu-quo* sexual, será a titulo provisorio apenas e em vista unicamente dos interesses proliferantes das especies respectivas. Porque miss Elvin não perdia a esperança de promover o descobrimento e a resurreição do sabino pre-historico...

— Irra ! exclamei com uma pontinha de despeito. Está ahi a cousa unica que o homem jamais previu : o surto de uma especie rival !

— De facto. Os arrosos de miss Elvin punham calafrios na espinha do *homo*. Tirava ella todas as consequencias logicas da sua theoria, chegando ao extremo de pregar guerra de morte contra o insolente raptor.

Miss Astor era elvinista e pois sua candidatura á presidencia inquietava de modo duplo o Partido Masculino. Sua victoria coroa-ria o movimento com a unica sancção que lhe faltava, a do poder, e seria, sinão o crepusculo do dominio dos homens, já de bases corroidas pelas victorias parciaes da mulher, pelo menos uma humilhante diminuição.

O problema americano se complicava assim de imprevista maneira. Alem do aspecto ethnico - o inevitavel choque da raça branca com a negra, surgira o aspecto, como direi ? *especial*, isto é, o conflicto das duas especies

de mamíferos — homo e sabinas — cuja symbiose fôra denunciada.

O leader masculino, o presidente Kerlog, tinha esperanças de um accordo com Jim Roy. Era homem e havia de inclinar-se para a facção do seu sexo. Com miss Evelyn Astor é que não enxergava possibilidades de entendimento. Tivera com a formosa antagonista uma conferencia, mas a sua impressão, resumida em poucas palavras na presença do ministerio, fora inquietante.

— “Não nos entendemos, declarou elle. As palavras que nós homens usamos teem na bocca de miss Astor um sentido diverso. Em certo ponto tive a sensação de que estavamos, eu a falar inglez e ella a responder-me em hebraico, lingua que positivamente desconheço. Estou quasi convencido de que nasceu nas mulheres alguma glandula nova...

— “Ou perderam alguma glandula velha, rosnou da sua poltrona Berard Shaw, o pachorrento ministro da Equidade.

CAPITULO XIII

POLITICA DE 2228

— Nessa mesma reunião ministerial, proseguiu miss Jane, o presidente Kerlog teve palavras de fazer reflectir os ouvintes.

— “O nosso predomínio vejo-o ameaçado, sinão de ruina, pelo menos de fundas transformações. Avoluma-se a onda negra - e a ella resistiriamos se a scisão elvinista não viesse enfraquecer o nosso peso politico. Mas o eleitorado branco está scindido e agora mais que nunca vae funcionar a massa negra como o fiel da balança dos destinos da America. Venceremos, pois o concurso de Roy, embora negaceado para nos extorquir concessões, virá infallivelmente á ultima hora. Imagino com que horror não verá elle os progressos do sabinismo! Mas havemos de confessar que é precaria a situação do nosso partido, com a

vida assim dependente da boa vontade de um manhoso leader negro...

— Que concessões queria Jim Roy? perguntei.

— Essa mesma pergunta fez ao senhor Kerlog o ministro da Selecção Artificial.

— “Quer, respondeu o presidente, uma *entente* no terreno selectivo. Insiste na atenuação da lei Owen.

Os rigores desta lei tinham-se agravado no anno anterior, com o fim muito claro de fazer cair o indice do crescimento negro. Isso contrariava a politica racial de Jim Roy, toda resumida em favorecer a expansão do seu povo até ponto que lhe permittisse forçar o branco á divisão do paiz.

Por cousa nenhuma queriam os brancos transigir no terreno restrictivo — seria um suicidio. Mas a situação metterá a politica naquelle buraco: ou ceder ás exigencias de Jim Roy ou assistir á victoria das mammíferas rebeldes.

Quando o presidente terminou a sua exposição, calaram-se os ministros por algum tempo, de queixo preso. Qualquer das hypotheses não agradava ao macho branco. Mas como a sabedoria pragmatica consiste em acudir primeiro ao perigo proximo, foi accordado ceder as exigencias do leader negro.

Os ministros retiraram-se dessa reunião de tal modo apprehensivos que não viram, no

quadro onde se estampavam, de minuto em minuto, as communicações dos agentes informativos do governo, um radio que naquelle momento acabava de inscrever-se em letras luminosas — *Miss Astor está em conferencia com Jim Roy.*

O presidente Kerlog fixou os olhos no quadro informativo e permaneceu uns instantes a mordiscar uma espatula de vidro, flexivel como aço.

— “Não a entendi, murmurou, não nos entendemos em nossa conferencia. Mas com Jim vae ella falar a velha linguagem intelligivel...”

Mordiscou ainda por algum tempo a espatula. Depois ergueu-se, risonho.

— “Mas não vencerá o orgulho sexual de Roy. E’ homem e vê como eu o perigo da victoria sabina...”

— Que curioso devia ter sido esse encontro de dois seres tão distantes! disse eu.

— Realmente. O vel-os um defronte do outro, no gabinete de trabalho da grande elvinista, lembrava acareação de garça do Amazonas com raposa branquicenta da Siberia. Eram dois seres sem a menor approximação de apparencias externas, formando um quadro proprio como nenhum outro para illustrar a theoria de miss Elvin. Parecia até inconcebivel que por tanto tempo fossem as duas creaturas classificadas na mesma especie pela scien-

cia macha. A radiosa belleza da *sabina mutants* (assim classificava a zoologia de miss Elvin a ex-femea do *homo-sapiens*) irradiava um verdadeiro halo de fascínio. Criatura nenhuma, envolvida por essa aura, conseguia libertar-se dos seus amavios magnetizadores. Miss Astor, si falava, não era por necessidade de falar, porque convencia pela presença. Mas achava-se naquelle momento em face do unico representante da especie antagonista, talvez, immunizado contra a acção catalyzadora da belleza. Jim Roy valia pelo symbolo da força. A raça espezinhada confluira-se toda nelle, transformando-o num feixe de energias indomaveis. Em toda a sua vida publica jamais esse negro déra um só passo ou pronunciara uma só palavra que se não norteassem pela grande idéa que trazia imbutida no cerebro. Não era um individuo, Jim. Era a propria raça negra, por um milagre de compressão, posta inteira dentro de um homem.

Miss Astor o sentiu immediatamente. Percebeu que tinha deante de si uma força insubornavel e inseduzivel. E, comprehendendo o inutil dos volteios de onda em torno de rocha tão dura, abordou de frente o assumpto.

— “O choque das raças vae dar-se. Precipita-se. Será um conflicto tremendo — mas só no caso de estar no poder o homem branco, creador do odio ao negro. Tudo mudará se

em vez desse implacavel inimigo commum estivermos nós.

Jim Roy franziu os sobrolhos.

— “Inimigo commum, sim, proseguiu miss Astor. Inimigo da raça negra e inimigo de nós” mulheres. Ambas somos suas escravas, mas si a escravização dos teus, Jim, data de seculos, a nossa data de millenios. Caso o poder supremo venha ter” ás nossas mãos, o choque se attenuará, porque saberemos ser conciliantes, e haverá enorme economia de sofrimento futuro, si operar-se sem demora a alliança politica do elvinismo com o elemento negro. Accresce uma circumstancia : são os negros conhecedores dos processos do macho branco e sabem muito bem o que delle podem esperar. Mas desconhecem os nossos processos e, dada a contradicção de idéas e sentimentos que hoje extrema as sabinas do gorilla evoluido, só teem que esperar vantagens da victoria elvinista.

E foi por ahi alem miss Astor. Mostrou-se palavrosa e abundante, visto que sentia falhar, ante a firmeza do grande leader, o prestigio da sua acção pela presença.

Ouviu-a Jim Roy com serena impassibilidade, sem que um sorriso ou ruga de apprehensão lhe quebrasse a calma das feições, e ao responder limitou-se a promessas ondeantes, fechadô em formulas vagas e de duplo sentido.

Finda a conferencia miss Astor permaneceu immovel na sua poltrona, a reflectir.

— “Como este diabo bem assimilou a lingua da velha diplomacia, a lingua que, parecendo dizer alguma cousa, não dizia nada! pensava ella. E quando naquelle mesmo gabinete se reuniram as suas amigas e collaboradoras, ansiosas por conhecerem os resultados da *entente*, foi com o olhar scismarento que miss Astor murmurou :

— “Qualquer cousa me diz que o leader negro incuba um plano secreto...

— “Contra quem ?

— “Ignoro-o. Nada ha a deduzir das suas palavras, perfectas palavras de diplomata. Mas o meu senso devinatorio não mente. Jim vae trahir...

CAPITULO XIV

EFFICIENCIA E EUGENIA

— O aspecto da vida americana, continuou miss Jane, mudara muito por effeito das invenções e de um grande principio peculiar ao yankee.

Quem olhasse de um ponto elevado o panorama historico dos povos, veria, na França, uma flammula com tres palavras ; na Inglaterra, um principio director, Tradição ; na Alemanha, uma formula, Organização ; na Asia, um sentimento, Fatalismo. Mas ao voltar os olhos para a America perceberia, fluidificado no ambiente, um principio novo — a Efficiencia.

Só a America encontrara o Sezamo que abre todas as portas. Só a America, portanto, era Acção num mundo a insistir em caminhos errados e sempre a oscillar entre dois polos — Agitação Esteril e Marasmo Fatalista.

O principio da Efficiencia resolvera todos os seus problemas materiaes, como o eugenismo resolvera todos os seus problemas moraes. Na operosidade e uniformidade do typo aquelle povo lembrava a colméa das abelhas. Quasi não havia distinguir um individuo de outro, pois tomar um homem ao acaso era ter nas mãos uma poderosa unidade de efficiencia dentro de um admiravel typo de aryano pelle-avermelhado.

As mulheres não mais evocavam, physicamente, as suas avós, magerrimas umas, outras gordas, esta toda nadegas, aquella tabular ou de enormes seios e dentes de cavallo — verdadeira collecção de monstruosidades anatomicas. Nem recordavam, socialmente, as pobres captivas de dantes, forçadas a gyrar no triangulo de ferro - casamento, celibato á força e prostituição.

Finas sem magreza, ageis sem macaquice, trenadas de musculos por sabios sports, conseguiram alcançar a belleza nervosa das eguas puro-sangue — o que trouxe a decadencia do hippismo. Já não necessitavam os homens de dedicar-se aos cavallos para satisfacção da ansia secreta de belleza perfeita.

— Que pena ter-se perdido o porviroscopio do professor Benson! O que eu não daria para uma espiadela nesse maravilhoso futuro!... Lindas, então, assim perguntei levemente assanhado?

— E habeis. Competiam com o homem em todas as profissões, num absoluto pé de egualdade, realizando o velho ideal da independencia. Os filhos lhes pertenciam e não ao progenitor, systema matriarchal muito mais dentro da natureza, visto como o filho é mais da mãe que do pae na proporção de nove mezes para meio minuto.

Tossi uma tossezinha de encomenda; miss Jane não o percebeu e continnou :

— O caracteristico frisante dessa epoca, todavia, estava na organização do trabalho. *Todos* produziam. Muito cedo chegou o americano á conclusão de que os males do mundo vinham dos tres pesos mortos que sobrecarregavam a sociedade — o vadio, o doente e o pobre. Em vez de combater esses pesos mortos por meio do castigo, do remedio e da esmola, como se faz hoje, inventou solução muito mais intelligente : supprimil-os. A eugenia deu cabo do primeiro, a hygiene do segundo e a eficiencia geral do ultimo. Alliviada da carga inutil que tanto a embaraçava e afeiava, poudes a America approximar-se de um typo de associação já existente na natureza, a colméa — mas a colméa da abelha que raciocina.

— Que maravilha ! exclamei, pesaroso de ter vindo ao mundo cedo demais. E o governo, miss Jane ? Deixou de ser a calamidade que é hoje ?

— Os principios da efficiencia tambem haviam penetrado no organismo governamental. Deixou elle de suggerir a lembrança dos hediondos systemas de parasitismo de outróra e hoje, como a realeza de França ou o devorismo orçamentario de certas republicas nossas conhecidas, onde fazer parte do estado é conquistar o direito á inacção da piolheira vitalicia — dormir, apodrecer na somnolencia da burocracia que não espera, não deseja, não quer, não age — suga apenas. Tudo isso desapareceu, todas essas formas baixas de parasitismo. Tornou-se o estado americano uma organização em cousa nenhuma diversa das organizações particulares. Apenas maior e com funcções unicamente suas.

— Sempre sob o systema representativo ?

— O systema representativo persistiu. Mas só eram alçados ás camaras homens cujo viver social os apontava como seres de escol, pela força e equilibrio do cerebro. Não constituia uma situação sujeita a disputas, o ser deputado ou senador. Era uma contingencia. Os homens de elite viam-se collocados nesses postos naturalmente, como o melhor musico das orquestras sobe naturalmente á cadeira da regencia. O equilibrio mental tornou-se perfeito, mas apenas da parte dos homens. As mulheres, não obstante o levantamento phisico e moral, permaneciam variaveis como no tempo de Francisco I.

— *Souvent femme varie...*

— Conquistaram a mais perfeita egualdade de direitos, mas ondeavam, arrastadas pelo vento das idéas. Trocaram o *souvent* do bom Francisco I pelo *toujours* de miss Elvin. Como a simplicidade dos trajez fizera desaparecer a hoje obsedante preocupação da moda, talvez em virtude do vinco mental deixado mudaram a moda para o campo das idéas. O elvinismo, por exemplo, avassalou-as com a tyrannia do nosso cabello *à la garçonne*. Excellentes mães de familia e optimas esposas batiam-se pelo sabino com inconsciencia de pasmar. Chegadas em casa, despiam o cerebro da extravagancia e beijavam na testa o *homo* que na rua vinham de condemnar como “infame raptor”.

O orgão de miss Elvin — *Remember sabino!* mantinha a exaltação dos espiritos num constante estado de fervura.

— Inda havia jornaes nesse tempo?

— Sim, mas jornaes nada relembrativos dos de hoje. Eram radiados e impressos em caracteres luminosos num quadro mural existente na casa dos assignantes.

— E os cegos?

— O cego ficou para trás. Cegueira, mudez, surdez, estupidez, tudo isso não passava de reminiscencias dum tempo de que os homens se sorriam com piedade.

O radio que temos hoje é um simples ponto de partida. Vale como valem para a electricidade moderna as primeiras experiencias de Volta. Descobriram-se novas ondas e o transporte da palavra, do som e da imagem do perfume e das mais finas sensações tacteis passou a ser feito por intermedio dellas. A consequencia logica foi uma grande transformação da vida. Pelo systema actual vae o homem para o serviço, para o theatro, para o concerto, ir e vir que constitue o maior desperdicio de energia existente. E' o creador dos milhões de vehiculos atravancadores do espaço, bondes, autos, bicycletas, trens, aeroplanos. Com a fecunda descoberta das ondas hertzianas, e sua consequente escravização aos interesses do homem, o ir e vir forçado se reduziu a escala minima. O serviço, o theatro, o concerto é que passaram a vir ao encontro do homem. Foi espantosa a transformação das condições do mundo quando a mór parte das tarefas industriaes e commerciaes começaram a ser feitas de longe pelo radio-transporte. Para dar uma idéa do que isso representava de economia de esforço e tempo, basta vermos o que era o jornal de miss Elvin. Pelo systema actual o collaborador ou escreve em casa o seu topico ou vae escrevel-o á redacção; depois de escripto, passa-o ao compositor; este o compõe e passa-o ao formista; este o enforma e passa-o ao tirador de provas; este tira as

provas e manda-o ao revisor ; este o revê e envia-o ao corrector ; este faz as emendas e... e não se acaba mais ! E' uma cadeia de incontáveis élos, isto dentro das officinas, pois que o jornal na rua dá inicio á nova cadeia que desfecha no leitor - correio, agentes, entregadores, vendedores, o diabo.

— Já estive numa officina de jornal e sei o que é isso. Puro inferno....

— Toda esta complicação desapareceu. Cada collaborador do *Remember* radiava de sua casa, numa certa hora, o seu artigo, e immediatamente suas idéas surgiam impressas em caracteres luminosos na casa dos assignantes.

Não houve industria que, como a do jornal, não soffresse a influencia simplificadorã do radio-transporte — e isso tirou ao viver quotidiano a sua velha feição de atropelo e tumulto.

Tornaram-se amáveis as ruas, limpas e muito mansas de trafego. Por ellas deslisavam ainda vehiculos, mas raros, como outróra nas velhas cidades provincianas de pouca vida commercial. Tomou gosto o homem no andar a pé e perdeu os seus habitos antigos de pressa. Verificou que a pressa é indice apenas de uma organização defeituosa e anti-natural. A natureza não creou a pressa. Tudo nella é socegado. Parece cousa muito evidente isto; no entanto foi a maior descoberta que fez o povo mais apressado do mundo...

— Realmente ! exclamei, chocado pelo imprevisto daquelle aspecto do porvir. Eu que, por assim dizer, móro na rua, só com este quadro da rua futura já me estou assombrando com o horror da rua moderna. E, no entanto, si miss Jane nada me revelasse, continuaria a ter como muito natural o tumulto de hoje...

— O habito não nos deixa ver os defeitos e d'ahi a vantagem de convulsões como a de miss Elvin. O grande obstaculo ao progresso sempre foi o habito, a idéa feita, a preguiça de exame constante do unico problema material da vida — o do transporte.

— Unico ?

— Sim, unico. Tudo é transporte na vida, senhor Ayrton, e o tumulto de hoje vem das imperfeições dos nossos systemas de transporte. Tudo é transporte ! A minha voz transporta idéas do meu cerebro para o seu. Esse livro, que o senhor tem nas mãos, é um systema de transporte de impressões mentaes. Que faz a firma Sá, Pato & Cia sinão transportar mercadorias de um lado para outro, com o fim ultimo de transportar para as burras dos socios o dinheiro dos clientes ? E que é o dinheiro sinão um maravilhoso e engenhosissimo meio de transporte ?

— Porisso são as moedas redondas...

— Rodinhas... O homem deu o primeiro grande passo em materia de transporte com a invenção da roda. Mas ficou nisso. Repare

que a nossa civilização industrial se cifra em aperfeiçoar a roda e extrahir della todas as possibilidades. Daqui a seculos, quando for possivel ao homem uma ampla visão do seu panorama historico, todo este periodo que vem do albor da historia até nós, e ainda vae prolongar-se por muitas gerações, receberá o nome de Era da Roda. Mas de 2200 em diante começará o seu declinio e em 3000 e tantos estará passada. Num córte anatomico dessa época vi certo museu nos arredores de Pittsburg que muito me impressionou — o Museu da Roda. Dormiam nas vitrinas, como dormem hoje os machados de silex dos nossos avós, as modalidades infinitas de rodas sobre as quaes gyra a nossa civilização, desde o rodizio brutesco dos carros de boi até a minima engrenagem dos relgios de pulso. O radio matará a roda, concluiu miss Jane.

Puz-me a reflectir naquillo e a comparar a estreiteza do meu cerebro com a amplidão do cerebro da filha do professor Benson. Quantas rodas tinha elle mais que o meu ! E como rodavam bem lubrificadas as rodinhas do cerebro de miss Jane, todas postas sobre mancaes de bilhas...

— De tudo quanto miss Jane acaba de dizer, concluo que a vida nos Estados Unidos passou a ser um céu aberto, commentei eu.

— Não vou até lá, contraveio ella. Havia uma pedra no sapato americano : o problema

ethnico. A permanencia no mesmo territorio de duas raças dispare e infusiveis perturbava a felicidade nacional. Os attrictos se faziam constantes e, embora não desfechassem, como outróra, nas violencias da Klux-Klan, constituíam um permanente motivo de inquietação.

A idéa do expatriamento para o valle do Amazonas tinha um ponto fraco : só podia ser voluntaria e o negro não se mostrava inclinado a trocar a cidadania americana por outra qualquer. O processo scientifico de embranquecel-os approximava-os dos brancos na côr, embora não lhes alterasse o sangue nem o horrivel encarapinhamento dos cabellos. O desencarapinhamento constituia o ideal da negralhada, mas até alli a sciencia luctara em vão contra a fatalidade capillar. Si isso se dêsse, poderia o caso negro entrar por um caminho imprevisto, a *camouflage* do negro em branco. Tal sahida, entretanto, era apenas um sonho dos imaginativos impenitentes. E como a repartição do paiz em duas zonas não fosse forma admittida pelos brancos, iam os Estados Unidos entrar no seu 88° periodo presidencial com o mesmo problema que trezentos e trinta e nove annos antes preocupara o grande Washington.

Emquanto miss Jane falava, naquelle tom impessoal e frio de sabio a fazer conferencia publica, toda ella cerebro e cultas expressões na boca, eu, humano que sou, envolvia-a

nos meus ternos olhares de carneiro amoroso, e essa minha excessiva atenção á parte corporea da encantadora vidente me fez perder muita cousa interessante das suas revelações. Distrahia-me, preso áquelle lindo presente de olhos azues, sempre a pairar pelas éras futuras. Quando, por exemplo, entrou miss Jane a descrever o typo dos negros descascados do anno 2228, confesso que perdi metade das suas observações. Achava-me no momento a namorar o mimoso lobulo da sua orelha esquerda, onde brincava um raio de sol, travesso como Ariel. Esse fio de luz accendia-lhe em ouro a penugem finissima e o tornava do roseo translucido de certos veios da agatha. Perdi-me no gracioso pedacinho de carne, como a sua dona andava perdida em plena despigmentação do seculo XXIII. A poesia falou em mim e uma imagem lyrica entreabriu a pieguice das suas petalas. Lembrei-me do *baiser* de Rostand, *point rose sur l'i du verbe aimer*, e perpetrei cousa melhor : depor naquelle ninho de colibri o ovinho de um beijo...

Depois philosophei e pareceu-me apprehender uma grande verdade : a belleza não passa de um total de parcellas que a mão da Harmonia somma.

Que terriveis torneiras abre o amor !

Mas ao chegar naquelle ponto das suas revelações, ergueu miss Jane os olhos para o

relogio. Em seguida apertou o botão da campainha.

Veio um criado.

— Chá, disse ella.

Eu já sabia da significação do chá, engenhoso ponto e virgula com que miss Jane punha fim ás nossas palestras domingueiras.

Regressei á cidade mais apaixonado do que nunca pela encantadora filha do velho sabio — sabia tambem ella, mas ai ! bem pouco feminina... O amor que ardia em meu peito não a contagiava. Talvez nem sequer o percebesse. Ou percebera desde o inicio e dissimulava? Mulher, mulher... Sabina vingativa — *false as water*...

Fiquei na duvida. Seria miss Jane um puro espirito, uma vibração de ether jamais interferida, ou tinha nervos como as demais, coração, sensibilidade como todas as mulheres?

No dia seguinte, no escriptorio, notou o patrão o ar distante com que eu collecionava umas facturas. Meu pensamento estava longe da firma, vogando em pleno periodo da symbiose desmascarada. Não sei porque motivo o senhor Sá mostrava-se nesse dia alegre e familiar. Vira o passarinho verde, com certeza. Tão familiar e alegre que em certo momento me atrevi a fazer-lhe uma pergunta :

— Acha o senhor Sá que é a mulher a femea natural do homem?

O honrado negociante não respondeu, mas fulminou-me com taes olhos que achei prudente esgueirar-me para a sala visinha, com o pacote de facturas na mão. Soube depois que, em conferencia com o senhor Pato, chegara á conclusão de que a quéda no precipicio me tinha evidentemente "perturbado as faculdades mentaes"...

CAPITULO XV

VESPERAS DO PLEITO

NO proximo domingo voei mais cedo ao castello, ansioso pela continuação das revelações de miss Jane.

Encontrei-a triste.

— Aconteceu-lhe alguma cousa? inqueri inquieto.

— Nada, respondeu-me, num suspiro. Saudades de meu pae. Estive hontem no cemiterio e minha dôr reavivou-se. Como ainda sinto pungente o desfalque soffrido pela symphonia do universo da sua nota mais bella !...

A tristeza de minha amiga contagiou-me de tal modo que quando dei por mim uma lagrima me descia pela face.

Miss Jane, commovida, apertou-me a mão. Irmanavamo-nos dia a dia, á medida que as nossas affinidades se iam revelando. Affinidades mentaes e de sentimento. Apezar da apparente divergenciã das nossas idéas, eu

via que, no fundo, pensavamos da mesma forma. Quem alli nos visse a conversar da vida futura, juraria que eramos amigos velhos ou parentes proximos - e outra não era a minha impressão. Parecia-me conhecê-la de seculos e não ter convivido nunca com outra pessoa. A menor sombra que passasse pela sua alma logo se reflectia na minha. Suas alegrias eram as minhas e minhas as suas tristezas.

Como me punha feliz aquella doce convivencia...

Mas a nuvem passou afinal e pude vê-la de novo entregue aos acontecimentos do anno 2228.

— Na vespera da 88ª eleição presidencial, proseguiu ella, apresentava o paiz o impressionante aspecto desses instantes de immobibilidade precursores de tormenta. Como que a armazenar forças para uma explosão tragica, todos os homens permaneciam silenciosos, num estado de repouso muito semelhante a cansaço por antecipação. Só nos arraiaes femininos era intenso o reboliço. Estavam as sabinas seguras da victoria e lá com as directoras do movimento já repartiam os despojos da batalha.

Devo dizer que a presidencia de uma elvinista não inquietava grandemente os homens de espirito philosophico. Sabiam muito bem como o poder modifica as idéas dos que lhes galgam as cumeadas. E havia até curiosidade

pela victoria sabina por parte dos de temperamento artistico – dos que só encaram o mundo através de prismas estheticos. A massa masculina, entretanto, enxergava na victoria de miss Astor o fim do tradicional predominio do homem na terra.

— Eram ainda as eleições pelo nosso sistema ?

— As eleições do seculo XXIII em nada lembravam as antigas, consistentes na mobilização e reunião dos votantes em pontos prefixados, onde se operava o registro dos votos. Tudo mudara. Os eleitores não saham de casa – radiavam simplesmente os seus votos com destino á estação central receptora de Washington. Um apparelho engenhosissimo os recebia e os apurava, automatica e instantaneamente, imprimindo os totaes definitivos na fachada do Capitolio.

De ha muito se haviam eliminado as hypotheses de fraude, não só porque a selecção elevava fortemente o nivel moral do povo, como ainda porque a mechanização dos tramites entregava todo o processo eleitoral ás ondas hertzianas e á electricidade, elementos estranhos á politica e da mais perfeita incorruptibilidade.

Mas só os habitantes de Washington go-savam do privilegio de ler com os proprios olhos os numeros decisivos. O resto da população

americana também os lia, e na mesma hora, mas em suas próprias casas.

Certo que estava da victoria, delirava o partido feminino no antegoso de um prazer inedito : bater o macho em seu reducto supremo - a presidencia da republica.

Na ante-vespera das eleições miss Elvin organizou em Washington uma passeata memoravel.

— Inda havia disso ?

— Já não havia disso. Miss Elvin, porém, resuscitou a velha praxe, a titulo de curiosidade artistica. Como vemos hoje exposições de arte retrospectiva, teve ella a idéa de organizar cousa semelhante - uma passeata á nossa moda, com discursos em rancido estylo rhetorico, onde se expuzessem á luz do dia caducas imagens ha muito aposentadas. Reuniu um lote de dez mil correligionarias para um desfile deante do Capitolio. Cada qual traria uma bandeirola ou cartaz, onde se caricaturassem de maneira perversissimã os homens ou se inscrevessem legendas insultantes - *Abaixo o macaco glabro ! Morram os raptores ! Viva o sabino ! Basta de gorillas evoluidos !*

Essa manifestação realizou-se á noite - e por falar em noite, como imagina o senhor Ayrton que eram as noites desse tempo ?

— Como as de hoje, ora essa ! Talvez com menos grillos...

— Pois saiba que nenhum espectáculo futuro me surprehendeu tanto como as noites das cidades americanas. A noite urbana que temos hoje não passa da noite natural picada de focos luminosos — um jogo, portanto, de sombra e luz. O que lá vi não recordava essa alternativa. Soffrera completa mudança — a iluminação artificial — tamanha como a do transporte depois da vinda do radio. Inventara-se a luz fria. Por dentro e por fóra eram pintadas as casas de uma tinta de luar, que dava ás cidades o aspecto de emersas de um banho de phosphoro. Paredes, muros, telhados, todas as superficies dimanavam um pallor uniforme de sonho. Mas o escuro é tão necessario ao homem como o luminoso — e todas as casas possuíam commodos não revestidos de luar ou apenas aquarellados de leve. Que deliciosas penumbras vi no Oblivion Park, em Eropolis!...

— Quê? Havia a cidade do Amor?

— Sim. Uma cidade das Mil e Uma Noites, erguida no mais bello recanto dos Adirondacks e exclusivamente dedicada ao Amor. Para lá só iam os enamorados, os casados em lua de mel, nella só permanecendo durante o periodo da ebriedade amorosa. O senhor Ayrton com certeza já amou e sabe como o amor desabrocha em flores e perfumes as creaturas. Pois imagine um eden creado pela phantasia de todos os grandes amorosos — Dante, Pe-

trarcha, Romeu, Leandro, de collaboração com todas as grandes amorosas, Beatriz, Julieta, Hero. Imagine a rainha Mab a provocar sonhos nesses inebriados e Ariel a realizal-os com o carinho que punha Ariel nas commissões de Prospero. O bafo de Calibam nem de leve embaciava os marmores de Eropolis – a maravilha suprema das artes humanas ao serviço do Amor.

Nada lembrava alli o organismo que é uma cidade commum – mixto de órgãos nobres e visceras de funcções humilhantes. Em vez de ruas geometricas, meandros irregulares, ganglionados magicamente de pelouses e moitas nupciaes. Sumiam-se nellas os amourosos passeantes e em taes ninhos de doçura trocavam o beijo que elabora o porvir. Tudo se planeara em Eropolis com o intento de dar á creatura as mais finas sensações estheticas, de modo que os seres alli concebidos já se plasmassem em belleza e harmonia desde o contacto inicial dos gamétos. Os filhos de Eropolis passaram a constituir uma elite na America – a nova aristocracia dos filhos do Amor e da Belleza...

Suspirei. Vi-me em Eropolis, de mãos dadas a miss Jane, olhos nos seus olhos e em tal enlevo amoroso que todas as maravilhas da nova ilha de Calypso eram como si não existissem para mim...

— Mas deixemos em paz a cidade do Amor, disse minha amiga fechando o delicioso parenthesis. Trepada a uma estatua fronteira ao Capitolio espera-nos a irrequieta miss Elvin com o seu discurso flammante, perfeitamente *vieux jeu*.

— “Eis, dizia ella apontando para o Capitolio, com ademanos dos nossos oradores mitingueiros, eis o symbolo da Bastilha masculina que será amanhã tomada de assalto ! E’ a casa-mestra da força, a odiosa cabina das manivellas que dirigem tudo. Alli teem habitado os peores monstros da humanidade. Moraram alli Gengis-Khan, Cesar, Luiz 14, Frederico da Prussia, Pedro, o grande, Cromwell, todos os gorillas cesareos que através dos seculos veem trazendo preso ao seu carro de triumpho um ser de especie differente, arrancado ao companheiro natural por um gesto de violencia e rapina !”

E por ahi alem...

O presidente Kerlog ouviu pelo seu receptor de bolso a curiosa arenga e disse com muita philosophia ao ministro da Equidade :

— “Parece ridiculo tudo quanto ella diz, no entanto a historia mostra que nós homens temos sido arrastados por fabulas inda mais grosseiras.

— “Isso só prova, retrucou Berard Shaw, que miss Elvin está errada. Homens e mulheres somos positivamente da mesma especie...

E enquanto a passeata de miss Elvin barulhentosamente proseguia nos seu percurso, voltaram os ministros á conferencia, retomando-lhe o fio no ponto em que a arenga da sabina os interrompera.

— “Dentro de 48 horas tudo estará resolvido, disse o presidente, e conto com a reeleição. Apesar de não haver obtido de Jim Roy promessa formal, estou absolutamente certo de que nos dará elle os votos negros. Deve neste momento estar apprehensivo, o pobre Jim, com o discurso de miss Elvin. Si nos trata ella, a nós brancos, de gorillas, que expressões reservará para os pretos de Jim?”

— “Mas miss Astor tambem conta com os votos negros, disse o ministro da Selecção Artificial.

— “Engano. Miss Astor espera de Jim uma traição. Ora, traição para miss Astor significa não votar em seu nome. Logo, está convencida de que Jim Roy nos dará os votos negros.

— “E nesse caso derogaremos a lei selectiva?”

— “Sem duvida. O pigmento reclama contra o rigor excessivo da lei. Isso aliás pouco importa, porque antes dos máos effeitos da derogação já teremos solvido o problema. Os ultimos estudos technicos da expatriação para a Amazonia acham-se conclusos. Jim é habil e domina como despota a

massa negra. Havemos de nos entender. Havemos de impor-lhe, por bem ou por mal, a solução branca. No momento o caso se resume em delle obter o concurso eleitoral, pois quem lá pode saber que rumo tomarão os acontecimentos, si vencem as elvinistas? E' impossivel protelar por mais tempo, com paliativos illusorios, a solução do binomio. Ou expatriamos os negros já, ou dentro de meio seculo seremos forçados a acceitar a solução negra, asphyxiados pela maré montante do pigmento.

— “Destruído, aliás...”

— “Oh, antes o não fosse! A mim chega a repugnar o aspecto desses negros de pelle branquicenta e cabellos de carapinha. Dão-me a idéa de descascados...”

— E miss Astor? perguntei. Continuava perplexa?

— A poucos passos da Casa Branca tambem miss Astor conferenciava com varias summidades do seu partido.

— “Estás ministra, minha cara Dorothy Glynor, si yencermos... dizia ella a uma linda creatura, candidata ao Ministerio da Educação Social.

— “Si?... fez Dorothy Glynor. Pois ainda admite duvidas, depois da *entente* com Jim Roy?

— “Tudo me leva a crer que Jim não perderá a oportunidade de ajudar-nos a apear o

macho branco, inimigo tradicional da sua raça. A logica me conduz a esse raciocinio, mas acima da logica ha em mim uma voz interna, uma resonancia que raro falha - e essa voz me diz que Jim vae trahir...

— “A nós ?

— “Não sei. Sinto no ar a traição, e sinto-a tão forte que ando presa de um estranho mal estar. E’ com esforço que procuro conter os meus nervos. O entusiasmo com que me apresento em campo não passa de méra attitude. O que ha em mim - e cada vez mais angustiante, é uma profunda depressão nervosa...

Miss Evelyn Astor estava á sua mesa de trabalho, em permanente communicação com todos os districtos do paiz. Recebia de minuto em minuto informações animadoras, mas ouvia-as quasi desattenta. O immenso entusiasmo reinante nos arraiaes femininos - entusiasmo que ella mesma accendera com as suas famosas irradiações - só não contagiava a sua autora. Miss Astor mettia os olhos do presentimento pela fachada capitulina e não lia lá o seu nome...

Bem outra se apresentava a situação nos arraiaes de Jim. Permanecia a população negra numa especie de calma fatalista, aguardando com insidiosa quietude de pantano a senha que o grande leader só radiaria uma hora antes do pleito. Até esse momento a for-

midavel massa de cincoenta e tantos milhões de votantes conservar-se-ia neutra. Tinham comprehendido as immensas vantagens da cohesão e delegação de todas as vontades numa só, alem de que depositavam em Jim Roy uma fé que nem Moysés merecera do povo hebraico. Qualquer cousa de majestade havia naquelle oceano submisso - escravo de novo, escravo como sempre, mas desta vez escravo por livre consentimento.

CAPITULO XVI

O TITAN APRESENTA-SE

— Fôra o pleito marcado para as onze horas da manhã e duraria apenas trinta minutos. Em meia hora o assombroso phenomeno de um bloco de cem milhões de creaturas a imprimirem em symbolos numericos a sua vontade na fachada do Capitolio completar-se-ia de maneira perfeita.

Jim Roy prevenira os seus agentes districtaes de que só ás dez da manhã daria o nome do candidato. Esses agentes, por sua vez, radiariam aos eleitores das respectivas zonas a esperada senha.

A's nove e meia recolheu-se Jim á sua sala de trabalho, no palacio da Associação Negra, e fechou-se por dentro.

Apesar da solidez dos seus nervos o leader vacillava...

As 9 e 45 aproximou-se da janella e espalhou o olhar pelo casario de Washington. O

panorama que viu, entretanto, foi bem diverso. Descortinou todo o lugubre passado da raça infeliz. Viu, muito longe, esfumado pela bruma dos seculos, o humilde kraal africano visado pelo feroz negreiro branco, que em frageis brigues vinha por cima das ondas, qual espuma venenosa do oceano. Viu o assalto, a chacina dos moradores nús, o sangue a correr, o incendio a engulir as palhoças. Depois, o saque, o apresamento dos homens e mulheres validos, a algema que lhes garroteava os pulsos, a canga que os mettia dois a dois em comboios sinistros, tocados a relho para a costa. Viu, como goélas escuras, abrirem-se os porões dos brigues para tragar a dolorosa carne de eito. E recordou o interminavel supplicio da travessia... Carga humana, cousa, fardos de couro negro com carne vermelha por dentro. A fome, a sede, a doença, a escuridão. Por sobre as cabeças da carga humana, um taboado. Por cima do taboado, rumores de vozes. Eram os brancos. Branco queria dizer uma cousa só : crueldade fria...

Viu depois o desembarque. Terra, arvores, sol - não mais como em Africa. Nada delles, agora - nem a terra, nem as arvores, nem o sol. Caminha, caminha ! Si um tropeça, canta-lhe o latego no lombo. Si cahe desfallecido, trucidam-no. A caravana marcha, tropega, e penetra nos algodoaes...

Viu Jim viçarem luxuriosos os algodoaes da Virginia depois que o negro chegou. Alem das chuvas havia a regal-os agora o suor africano — suor e sangue.

Viu dois seculos de chicote a lacerar carnes e ouviu dois seculos de lagrimas, gemidos e lamentosos uivos de dôr. E viu a America ir sahindo dessa dôr, como a perola, filha do soffrimento do mollusco, nasce na concha...

Viu depois a Aurora da noite de duzentos annos : Lincoln. O branco bom disse — Basta ! Ergueu exercitos e das unhas de Jefferson Davis arrancou a pobre carne-cousa.

As algemas cahiram dos pulsos mas o estigma ficou. A's algemas de ferro se substituiram as algemas moraes do pária. O socio branco negava ao socio negro a participação de lucros moraes na obra commum. Negava a egualdade e negava a fraternidade, embora a Lei, que paira serena acima do sangue, consagrasse a equiparação dos dois socios.

E viu Jim que a Justiça não passava de uma pura aspiração — e que só ha justiça na terra quando a força a impõe.

— Hei de fazer-me força e impor a justiça, murmurou o grande negro.

Em sua testa larga profunda ruga se abriu. Seus olhos se cerraram e Jim permaneceu immovel, como siderado por uma idéa de gigante.

Soou a primeira badalada das dez. Era o momento de radiar a esperada senha.

O titan despertou. Dirigiu-se para a cabina emissora. De passagem deteve-se deante de um busto de Lincoln e disse, pausadamente, pondo-lhe a mão sobre a cabeça :

— Tu começaste a obra, Jim vae concluil-a...

Penetrou na cabina. Vacillou um instante em face do apparelho que lhe ia vehicular a vontade. Contrahiu os musculos num sorriso de senegalez descorticado - e pronunciou finalmente, com voz segura, a palavra secreta que escondera até alli :

— “O candidato da raça negra é Jim Roy”.

CAPITULOS XVII

A ADHESÃO DAS ELVINISTAS

A RREGALEI os olhos de surpresa. Nem por sombras havia imaginado aquella hypothese e confessei-o a miss Jane.

— A surpresa não foi unicamente sua, senhor Ayrton. Alguns minutos passados depois do gesto decisivo do formidavel leader negro e cincoenta milhões de eleitores recebiam a imprevista senha como se recebessem violenta pancada no craneo. A sensação de atordoamento^m foi geral. Pelo cerebro dos despigmentados passara tudo, menos aquillo. Nem um negro siquer imaginara tal hypothese. Mas a perturbação foi-se desfazendo, e á medida que se ia desfazendo iam-se-lhe illuminando as caras dum *sorriso novo no mundo*. Um sorriso sem significação, puramente reflexo. O sorriso do grilheta que nasceu de algemas ao pulso e de

subito as vê se esvaiem em nevoa ao contacto de magico talisman.

— “Livre, apenas? Não! Senhor, agora...

O sigillo das communicações radiadas era perfeito. Onda que partisse com recado para fulano jamais errava de porta ou se deixava transviar pelo caminho. Mesmo assim miss Astor, cujo machiavelismo de espirito não extremava a rubra ideologia elvinista dum maravilhoso senso das realidades, conseguira feliz exito na caçada que armou á onda portadora da senha de Jim Roy. Não corromperia a onda, de si incorruptivel, mas um dos seus destinatarios — talvez o unico agente infiel de quantos tinha Jim a seu serviço. Logo que recebeu a senha esse espião chamou miss Astor ao aparelho das communicações reservadas.

Estava ella a postos na séde do partido, rodeada do seu ardente estado maior. Mal soou o chamado, deixou as companheiras e literalmente atirou-se ao phone, adivinhando do que se tratava. A viva expressão de curiosidade do seu rosto, porém, demudou-se em derrocada. Seus olhos arregalaram-se e seus labios, subitamente brancos, tremeram.

Vendo o transtorno de feições da chefa suprema, o estado-maior elvinista acudiu inquieto.

— “Que ha? indagou miss Elvin, agarrando-a pelos hombros. Vota Jim com Kerlog?”

Miss Astor quiz responder mas não poude. Sentiu uma nuvem turvar-lhe a vista, uma zoeira nos ouvidos, um turbilhão no cerebro. E descahiu para trás, desmaiada.

— Como as de hoje...

— O panico apossou-se incontinentemente do estado-maior elvinista e transformou a sala num rodaminho de lindas baratas tontas. Entraram as sabinas a correr de um lado para outro, trefegamente, a agarrar-se entre si, a gritar.

Mas a voz aguda de miss Elvin se fez ouvir e as conteve logo.

— “Si Evelyn desmaiou é que recebeu uma terrivel noticia, e a unica noticia terrivel que Evelyn poderia receber é a da adhesão de Jim a Kerlog. Logo, estamos derrotadas...”

E os olhos da sabina despediram a terrivel faisca do odio — não politico, não sexual apenas, mas *especial*, sentimento inedito no mundo e de pura criação elvinista. Cerrou os punhos e ergueu-os na direcção do Capitolio, ao mesmo tempo que uivava qual loba ferida :

— “Não importa, Kerlog! Recorreremos aos grandes meios — á sabotagem, á boicotagem do gorilla !

— “Bravos! gritaram as elvinistas, já recompostas da momentanea desorientação. Viva o boicote!

Miss Elvin rangia os dentes.

— “Os infames monstros, perorou, jamais poderão prever o plano infernal de sabotagem que contra elles organizei! Parecem ignorar, esses orgulhosos gorillas, que a natureza os fez de uma carne toda ella calcanhares de Achilles. Convido as sabinas presentes para uma reunião amanhã em minha casa, afim de estudarmos a applicação immediata do plano diabolico. As oito horas, lá, todas!

— “Bravos! Bravos! Sabotemos o gorilla!

A grita fez effeito de saes nos nervos da chefa desmaiada. Miss Astor entreabriu os olhos, passou as mãos pelo rosto, como a afastar as ultimas sombras e, reentrando na posse dos seus sentidos, ergueu-se de pé. Circumvagou pelo ambiente o olhar ainda trocado e em tom de mysterio murmurou por fim, como si estivesse a falar comsigo propria :

— “E’ indispensavel um entendimento com Kerlog. Tudo mudou...

O espanto das elvinistas attingiu o auge. Estarreceram todas, de olhos arregalados e bocas entreabertas.

Miss Astor proseguiu :

— “Temos de nos alliar de novo ao homem...

— “Nunca ! rugiu miss Elvin, escarlate de furor. Transigir, nunca !...”

O relógio da sala interrompeu o tumulto com o pingar das onze - a hora eleitoral.

— “Sim, murmurou pausadamente miss Astor. Sim, porque já não se trata de um méro choque político entre as duas facções da raça branca. Trata-se da luva que nos vem de lançar em rosto a raça negra. Jim Roy neste momento já deve estar eleito presidente da republica...”

Si uma granada de gaz estupefaciente houvera explodido no salão, outro não seria o aspecto daquellas sabinas apalermadas pelo inaudito da surpresa. Transformaram-se em mulheres de Loth, mudas e immoveis, com os olhos cravados na leader.

Miss Astor continuou :

— “Não me enganavam meus presentimentos ! Senti que Jim trahiria. Ide ver, na fachada do Capitolio, o seu nome victorioso.

Precipitaram-se as elvinistas para a janelle e leram no frontão do monumento o nome de Jim Roy. Depois de 87 presidentes brancos surgia o primeiro presidente negro, eleito por 54 milhões de votos. Miss Astor obtivera 50 milhões e meio e Kerlog 50 milhões e pico. Apesar de disporem de um eleitorado quasi duplo do contrario, perdiam os brancos a curul presidencial, graças á scisão entre os sexos provocada pelo elvinismo...

Foi instantanea e radical a mudança que se operou nas mulheres. Apprehenderam num relance todas as consequencias possiveis do golpe negro e tomaram-se de furiosa crise de sentimentalismo amoroso pelo homem branco, ser máo, oppressivo, injusto, não havia duvida, mas afinal de contas marido millenar da mulher. Mal com elle, peor sem elle. Estava tão longe o sabino...

Miss Astor tomou a palavra e fez-se a interprete do pensamento dominante,

— “Eis as consequencias da nossa loucura ! Divorciamo-nos do nosso velho companheiro sexual e...

— “Companheiro illegitimo ! aparteu miss Elvin.

— “Seja, mas nem porisso menos compa-
nheiro. Divorciamo-nos delle, declaramos-lhe guerra, diffamamol-o e a paixão nos cegou a ponto de não vermos o polvo que espiava a brecha afim de envolver o Capitolio nos seus tentaculos ! Ah, Kerlog, que injusta fui contigo recusando a fusão partidaria que me propunhas ! E como fui cruel respondendo ás tuas leaes palavras com amphiguris em linguagem sabina ! Vejo bem claro agora o nosso erro e, embora reconhecendo as queixas que a mulher tem do macho, tambem reconheço que sem o concurso delle nada valeriamos no mundo. Bastou um momento de divorcio para que nos vissemos nesta horrivel situação,

apeadas do dominio e á mercê de uma raça de pithecos que, essa sim, tem contas terribes a justar comnosco...

Palmas e bravos estrepitaram. Só miss Elvin, irreductivel no seu sonho, conservava-se de pé atrás.

— “E as minhas theorias? uivou ella. Que importa um momentaneo incidente eleitoral em face do fulgor das minhas idéas? Voto contra a aproximação com Kerlog e protesto contra o movimento de fraqueza, a crise amorosa que vejo estampada nas palavras de Evelyn! Proponho o proseguimento da lucta com redobrado ardor. Submissão de novo, nunca!...

Nem uma só voz se ergueu a apoial-a. Suas palavras tiveram como resposta um silencio de cemiterio. Estava morto o elvinismo e de cinzas varridas de todos aquelles cerebros e corações. Deante do silencio da assembléa inda mais se exaltou miss Elvin, rompendo em apostrophes violentissimas contra o “gorilla pellado” e o “sentimentalismo ovelhum” das suas companheiras.

Desta vez não foi o silencio de cemiterio que acolheu sua arenga. Foi a assuada.

— “Fóra! Abaixo o sabino! Viva o homem! Viva o macho forte que supplantou o macho fraco!...

— “Sim, perorou miss Astor, viva o homem! Macho natural ou não, neto do gorilla ou não, é elle o nosso marido pela millenar

consagração dos factos. Sempre vivemos ao seu lado, ora escravas, ora deusas, irmãs de peregrinação nesta caravana mysteriosa que vem do *Inde*? e vae para o *Unde*? Pelludas que eramos ainda, e lá no fundo das idades já o ajudavamos a afiar o machado de silex com que nos amparou das aggressões do *urso speleus*. Comemos a dois bifes crús de megatherios. A dois nos derramamos por todos os recantos do globo e conseguimos a dominação hoje absoluta. Juntos subimos aos thronos e fomos lançados ás feras do circo. De mãos dadas compuzemos a sublime epopéa do amor — poema que principiou com a vida e só com ella terá fim... O sabino, inda que existisse, seria um fraco. O raptor valia muito mais do que esse hypothético bicho marinho, só existente, talvez, na imaginação exaltada da nossa cara miss Elvin...

— “Era o peixe-boi, o pesado animalão que os homens arpoam no Amazonas... aparteou miss Dorothy Glynor.

— “O homem é o gorilla, o gorilla, o gorilla !... urrava miss Elvin possessa.

— “Pois viva então o gorilla ! concluiu miss Astor sob applausos delirantes. Fique miss Elvin com o boi do mar que nós ficaremos com o nosso velho e tradicional gorilla. A’ Casa Branca !...

E, numa revoada, precipitou-se para a Casa Branca o bando das ondeantes mamíferas com miss Astor á frente. Só ficou no recinto a sabina teimosa, a bater o pé e uivar para as cadeiras vazias :

— “Gorilla, gorilla, gorilla, gorilla....

— Toma! não pude deixar de exclamar. Eu, que tenho muita honra em ser neto do meu avô gorilla, exulto com a derrota dessa renegada. Mas... e Kerlog, miss Jane? Como recebeu elle a noticia do pleito?

— O presidente Kerlog recebeu o resultado do pleito com um assombro igual ao das mulheres, embora muito differente na sua exteriorização. Convicto do apoio de Jim Roy a um dos partidos brancos, chegara a admitir, por hypothese, a victoria de miss Astor; mas lá no intimo contava com a sua. De modo que quando na fachada capitolina surgiu o nome de Jim, a sensação que o empolgou foi de pesadelo. Apalpou-se e beliscou as carnes a ver se dormia. Não era pesadelo, não. Era cousa peor — factó! E como a hypothese da eleição de um negro nem por sombras lhe houvesse passado pela idéa, o seu desnorteamento fez-se absoluto.

Kerlog reclinou-se sobre a secretária e permaneceu durante alguns instantes immovel, com a cabeça apoiada nas mãos. Dava tempo a que a idéa nova da eleição de um presidente negro penetrasse em seu cerebro,

creando lá pelas circumvoluções um quadro inexistente. Custou a aboletar-se essa idéa. Não cabia em systema nenhum e punha arrepios em todos perto das quaes passava...

Mas possuía uma solida organização mental o 87º presidente ; reagiu contra o golpe e logo reentrou no controle dos seus espiritos. Tomou um gole d'agua e dirigiu a palavra aos attonitos ministros presentes .

— “Chegou afinal a crise prevista ha seculos e de maneira surprehendente. A hypothese que acaba de realizar-se creio que jamais passou pelo espirito de nenhum americano, branco ou preto. E' obra exclusiva de Jim Roy e explica a paciencia com que vem elle automatizando a massa negra. Mas o facto está consumado. E' um desafio, uma luva lançada ao rosto da raça branca, á qual nos cumpre dar o troco. Não apresento nenhuma idéa porque não a tenho — inda não houve tempo de se formarem idéas em meu cerebro. Creio que o mesmo se dará com todos os presentes...

Um movimento de cabeça apoiou suas palavras. Achavam-se todos os ministros na mesma situação de espirito.

Kerlog proseguiu. Fez ver a que terrivel *impasse* a loucura das mulheres arrastara o paiz, situação insolúvel, caso persistissem ellas em se desgorillarem da sua ascendencia.

— “E dado o modo de pensar e falar da leader feminina, não prejudgo o que esteja

agora se passando pelo cerebro de miss Evelyn Astor. Mas é indispensavel a todo o transe um entendimento com ella. E' indispensavel promovermos a harmonia dos partidos brancos, porque só a união da raça nos salvará.

O ministro da Paz tomou a palavra (as guerras haviam cessado no mundo depois que aos ministros da Guerra se substituíram os ministros da Paz) e disse :

—“Acho inutil qualquer debate neste momento. A situação é obscura e...

Não pode acabar. Um tropel se fez ouvir nos corredores. Era o bando elvinista que entrava, com miss Astor á frente.

Kerlog empallideceu. Os extremismos daquella facção eram tantos que previu qualquer cousa semelhãnte aos assaltos hystericos das antigas suffragistas britannicas. E apertou o botão da campainha de alarma, chamando a postos os guardas.

Miss Astor avançou para elle. Num gesto de defesa Kerlog recuou em sua poltrona, vendo claramente definida a aggressão imminente. Os ministros lançaram-se das suas cadeiras em socorro do chefe supremo.

Era tarde. Miss Astor agarrara o presidente Kerlog pelo pescoço...

Agarrara-o, não para o estrangular, mas para o beijar, entre lagrimas e soluços de commoção.

— “Kerlog, querido Kerlog! Venho em nome de todas as mulheres pedir perdão ao *homo*, em ti representado, da loucura a que nos arrastou miss Elvin. Deante dos supremos interesses da raça offendida, cessa o divórcio sexual. Volta a mulher de novo aos braços do seu velho companheiro de peregrinação pelo mundo...

Mal vindo do espanto, o presidente Kerlog murmurou apenas :

— “A que horas, miss Astor! A que horas vem falar-me uma linguagem comprehensível !...

— “Perdoa, Kerlog! Foi uma nuvem que passou.

— “Mas lá estão as terriveis consequencias impressas na fachada do Capitolio.

— “Que importa? O que a mão do negro escreveu a tua apagará.

— “Facil de dizer, miss Evelyn. Dentro da creatura civilizada dorme um troglodyta. Temo que a exasperação desperte esse monstro.

— “Está por nós tudo, o numero e a superioridade mental.

— “Mas temos contra nós o momento, o impulso, a colera, a vingança – as velhas inferioridades adormecidas mas não mortas. Receio que a America se inunde de sangue...

Miss Astor emmudeceu por um momento, de seios offegantes. Depois disse :

— “E agora? Que *vamos* fazer?

Kerlog respondeu com finura :

— “*Vamos* vencer. O perigo existia emquanto a palavra vamos só representava a metade da raça branca. Se me traz miss Astor o concurso da metade rebelde, tudo muda...

A ex-sabina desprendeuse do pescoço presidencial e gritou, voltada para as suas companheiras :

— “Cerremos fileiras em torno de Kerlog ! E’ elle o nosso leader supremo — o leader da raça, e acaba de traçar o incoercível programma branco : Vencer ! Viva Kerlog !.

Um hurrah delirante saudou as suas palavras.

— “Viva Kerlog ! Viva o homem !

O ministro da Educação Social interveio, malicioso :

— “Allia-se de novo então ao “gorilla pellado”, miss Astor ?

— “Sim, respondeu ella, mais formosa do que nunca tanto sua physionomia irradiava de enthusiasmo. Acabamos de fazer uma grande descoberta : o sabino de miss Elvin não passa de um estúpido boi do mar. Viva, pois, o velho gorilla !

— “Viva ! Viva !...

E a onda feminina derramou-se barulhentosamente pelos corredores afóra até despejar-se pelas escadarias...

Alliviado de um grande peso, voltou-se Kerlog para os ministros e repetiu, risonho, o verso de Shakespeare :

— *“She is false as water...”*

— “Mas de muita força catalytica ros-nou o ministro da Equidade. Cura pela acção da presença...”

O ponto e virgula com torradas veio interromper ahi as revelações daquelle dia.

CAPITULO XVIII

O ORGULHO DA RAÇA

PASSEI a semana agitado, menos com as revelações do anno 2228 do que com a impassibilidade de miss Jane.

Eu ardia, positivamente, e trahia meu amor em todos os olhares e gestos; mas a enigmatica joven não dava ar de o perceber. De começo a admitti como um puro espirito, uma Cassandra sem nervos nem sangue. Depois duvidei da existencia de taes puros espiritos e passei a ver em miss Jane uma “desentendida”. Talvez que me julgasse muito inferior a si e adoptasse semelhante attitude como o meio mais facil de guardar as distancias. Mas era-me impossivel conciliar isso com a amizade que ella me demonstrava e sobretudo com o ter só a mim no mundo depois que seu pae morrera. Si de facto me julgasse inferior ou indigno de sua pessoa, certo que já me teria afastado do castello. Não

havia duvida, miss Jane fazia-se de desentendida...

Firmei-me nessa idéa e concebi um plano de ataque — uma demonstração amorosa que a forçasse na sua marmorea impassibilidade. Ou tudo ou nada. Ou dava-me o coração ou punha-me no olho da rua.

Restava saber uma cousa só, si no momento da demonstração a timidez não me trahiria a vontade...

Quando chegou o domingo, levantei-me mais cedo e fui ao mercado de flores. Comprei as mais bellas violetas e, a sobraçal-as, parti para Friburgo no primeiro trem. Lá, dirigi-me ao cemiterio onde repousavam os restos do professor Benson. Pela segunda vez levava eu flores ao jazigo do autor da maior maravilha do seculo — miss Jane...

Ao transpor o portão do pequenino campo santo meu coração bateu. Vi de longe um vulto querido a espalhar rosas sobre o tumulo do velho sabio. Approximei-me com um sentimento n'alma — “é hoje”...

— Tambem aqui? disse miss Jane ao avisar-me, estendendo para mim a sua mão gelada pelo frescor matutino.

Vi que chegara o momento. Armei-me de todas as coragens e comecei:

— Miss Jane, eu...

Mas engasguei. Tinha ella os olhos muito fixos, no tumulo, com o ar de quem

repete mentalmente o “morrer... dormir... sonhar, quem sabe?” de Shakespeare. Estava puro espirito em excesso...

Ficamos os dois silenciosos por alguns momentos. Depois miss Jane falou, como respondendo a si propria e sempre de olhos cravados no tumulto:

— Nem elle ! Nem elle, que penetrava o passado e o futuro, adeantou um passo o enigma da vida...

Enguli de vez a demonstração. Não era o momento. O formoso Hamlet de faces roseas, cabellos afogados em boina de velludo negro e corpo revestido de perfeito *tailleur*, pairava muito distante de mim...

Apesar disso tomei-lhe a mão e apertei-lh'a de novo, suavemente. Miss Jane olhou-me nos olhos com a funda melancholia dos que penetram no mui longe das cousas – e nada vêem do que vae por perto.

Dalli seguimos juntos para o castello, sem que a paizagem, nem o ar fino da manhã dissipassem a tristeza della e a minha decepção. No castello, por uma hora, só falamos do professor Benson, com longos intervallos de silencio – intervallos de silencio em que eu lamentava a coexistencia de puros espiritos em corpos assim tão perturbadores.

Depois do almoço, o primeiro que fiz em sua companhia, a nuvem das saudades passou e retomamos a nossa excursão pelo anno 2228.

— Onde estávamos ? principiou ella.

— Em Kerlog, já libertado do pesadelo elvinista.

— Sim, é isso. As mulheres adheriram ao homem e tudo mudou, como é natural. A raça branca formava novamente um bloco unido e podia organizar a resistencia.

— Mas a impressão do golpe de Jim ? Como o recebeu o paiz ? perguntei, suspirando.

— Com estupefacção. Pela primeira vez na vida de um povo occorria um facto que interessava a *todos* os seus componentes, sem excepção de um só. E como *ninguem*, a não ser Jim Roy, houvesse esperado por aquelle desfecho, facil é de imaginar o gráo de assombro do espirito publico.

A estupefacção dos brancos derrotados não era menor que a dos negros vencedores. Haviam estes agido como automatós ; deram o voto a Roy como o dariam a Kerlog, a miss Astor, ou o não dariam a nenhum dos tres, si tal fosse a senha recebida. E agora olhavam-se uns para os outros, num estonteamento de victoria em absoluto inedito para elles.

Quanto ás consequencias possiveis, nem de um lado, nem de outro ninguem podia prever cousa nenhuma. Extenso demais era o phenomeno para ser abarcado por uma cabeça, e, alem disso, sem precedentes na historia.

Só no dia seguinte é que o accesso de estupefacção collectiva principiou a decahir. As

cellulas do immenso organismo social foram sahindo daquelle penoso estado de anesthesia para entrar na phase inversa da exaltação. O velho desprezo racial do branco pelo negro transformava-se em colera e o recalçado odio do negro pelo branco, arreganhando os dentes, entreabria um monstruoso sorriso de *revanche*. Lentamente despertava a massa negra do longo lethargo de submissão, e fremia, de narinas ao vento, como o tigre solto na jungle. Toda a barbarie atavica, todos os appetites em recalque, rancores impotentes, injustiças padecidas, todas as vergastadas que laceraram a sua pobre carne até o advento de Lincoln, e depois de Lincoln todas as humilhações da desigualdade de tratamento — essa legião de phantasmas irrompeu da alma negra como serpes de sob a lage que mão imprudente levanta. E a raça triste, que através dos seculos não se atrevera a sonho maior que o da mesquinha liberdade physica, passou a sonhar o grande sonho branco da dominação...

Tomado de receios ante a immensidade daquelle despertar, auscultava Jim Roy os fremitos do seu povo e media a tarefa ingente que lhe pesava sobre os hombros. Si não conseguisse manter açaimado o monstro, e submisso á sua voz de commando, a momentaneo victoria breve se transformaria num horrenda cataclysmo. Amava Jim a America. Nos alicerces do colossal edificio o cimento ligador

dos blocos fôra amassado com o suor dos seus ancestraes. A America surgira do esforço braçal de um dirigido pelo esforço mental de outro, e, pois, tanto lhe falava ao sangue como ao do mais orgulhoso neto dos pioneiros louros.

De instante a instante recebia communições dos seus agentes, dando conta do estado d'alma da massa negra. A panthera distendia os musculos entorpecidos, com os olhos a rajarem-se de bétas sanguineas...

Jim tremeu. Sabia conter os nervos da féra, dominar-lhe todos os impetos instinctivos. Alem disso via o seu já immenso prestigio de leader accrescido com o de presidente eleito — mas estaria em seu poder soffrear o maremoto africano? Não faria delle um dique impotente a borrasca a desenhar-se?

Jim sentia no ar ondas de fluidos explosivos, um perfeito ambiente de polvora. O solo latejava pulsações vulcanicas.

Tremeu o negro deante da sua obra — e sem vacillar foi ao encontro do Kerlog. O momento impunha a conjugação da sua força com a do leader branco.

Defrontaram-se os dois chefes como duas forças da natureza, contrarias nos seus destinos, inimigas pela voz do sangue, mas irmanadas no momento por um nobre objectivo commum.

No primeiro impeto Kerlog apostrophou o chefe negro :

— “Vê tua obra, Jim ! A America transformada num vulcão e ameaçada de morte !

O negro cravou no leader branco os olhos frios, por um instante animados de estranho fulgor .

— “Não minha, presidente Kerlog ! Não é minha esta obra. E’ sua, é dos seus, é de Washington, é de Lincoln. Vós, brancos, mentistes na lei basica. E ou confessaes que mentistes ou reconheceis que a situação é perfeitamente normal. Que aconteceu, presidente Kerlog ? Houve um pleito e as urnas liberimas conferiram a victoria a um cidadão elegivel. Acha o presidente Kerlog que o pacto Constitucional soffreu lesão ?

Naquelle peito a peito Jim Roy dominava o adversário.

— “Mas não se trata disso, continuou elle. O momento não é para recriminações - e nesta materia o presidente Kerlog bem sabe que jamais um branco venceria um negro... O facto está consumado e, como chefes supremos das duas raças, a nós só incumbe attender á salvação commum. Si não contivermos de redeas presas - eu, o monstro da ebriedade negra, o presidente Kerlog, o monstro do orgulho branco, a chacina vae ser espantosa...

— “Ninguem sabe disso melhor que eu, retrucou o chefe da nação. Nos estados do Sul já lavra o incendio...

O negro deu um salto.

— “Jim o apagará! Jim manterá em cadeia de aço a panthera africana. Elle a domina com os olhos, como o sóba a dominava no kraal donde a rapina dos brancos a tirou. Jim é rei!

Era tal a firmeza com que emittia o grande negro aquellas palavras que o tom de superioridade do leader branco se demudou em admiração.

Viu Kerlog que tinha deante de si, não um feliz aventureiro politicó, mas uma dessas incoerciveis expressões raciaes a que chamamos conductores de povos. Pela primeira vez enfrentava um homem que era algo mais que um homem. E do fundo do coração lamentou que a incompatibilidade racial o separasse de tamanho vulto.

Jim proseguiu :

— “Mas só o farei si o presidente Kerlog, do seu lado, açaimar o orgulho branco. Eu domino com o olhar e a palavra terrivel. O presidente Kerlog domina com a força do estado. Em nossas mãos está, pois, a paz da America.

O leader branco baixou a cabeça. Meditava.

— “Pois salvemos a America, Jim! disse erguendo-se. Açaima tu a panthera negra que mettereí luvas de ferro nas unhas da aguia loura.

Um leal aperto de mão sellou aquelle pacto de gigantes.

— “Mas a panthera que conte com o revide da aguia ! concluiu o leader branco depois que as mãos se desapertaram. A aguia é cruel !..

Jim Roy retesou-se de todos os seus musculos como a fera que se põe em guarda.

— “Ameaça-nos como sempre ? Ameaça-nos até no momento em que a America ou rasga a sua Carta e afoga-se num mar de sangue ou submete-se á minha direcção ?

Kerlog olhou-lhe firme nos olhos e murmurou com nitidez de lamina :

— “Não ameação. Previno lealmente. Vejo em ti uma força demasiado grande para que a enfrente com palavras. Estamos face a face, não dois homens, sim duas almas raciaes arrostadas num duello decisivo. Não fala neste momento o presidente Kerlog. Fala o branco de crueldade fria, o mesmo que vos arrancou do kraal, o mesmo que vos torturou nos brigues, o mesmo que vos espezinhou nos algodoaes. Como ha razões de estado, Jim, ha razões de raça. Razões sobrehumanas, frias como o gelo, crueis como o tigre, duras como o diamante, implacaveis como o fogo. O Sangue não raciocina, como os philosophos. O Sangue sidera, qual o raio. Como homem admiro-te, Jim. Vejo em ti o irmão e sinto

o genio. Mas como branco só vejo em ti o inimigo a esmagar...

O largo peito de Jim Roy arfava. A fera ancestral contida nelle transpareceu no fremitir das ventas grossas.

— “E não trepidará o branco em esmagar a America se for condição para esmagar o negro? rugiu.

Kerlog retrucou calmamente, como si fallasse pela sua boca o deus do Orgulho :

— “Acima da America está o Sangue.

Jim abaixou a cabeça. Viu aberto á sua frente o eterno abysmo. O dolichocephalo louro tinha a dureza do diamante. Armado de mais cerebro, dos valles do Ganges partira para a atrevida aventura conquistadora e vencera sempre, e não cedera nunca. Era o nobre, o duro, o eterno senhor cujo raio fulmina. Era o creador. Do rude instincto de matar do troglodyta extrahira a sua grande arte, a Guerra. Forjara a espada, dominara o gaz que explode, violara o profundo das aguas e a amplidão dos ares. E com esse feixe de armas incoerciveis rodeara, como de bayonetas, o diamante do seu Orgulho.

Tudo isso, num clarão, viu Jim Roy naquelle homem que, sereno, o arrostava. E o que ainda havia de escravo no sangue do negro vacillou. Jim sentiu-se retina ferida pelo sol. Mas sem demora reagiu. Ergueu-se e,

mais firme que nunca, disse, com durezas de rocha na voz :

— “Seja. E porque assim é, dei o supremo golpe. A America é tão sua como minha. Tenho-a nas mãos. Vou dividil-a.

— “A justiça está contigo, Jim. Manda a justiça dividir a America. Mas o Sangue está acima da justiça. O Sangue tem a sua justiça. E para a justiça do Sangue Aryano é um crime dividir a America.

Jim baixou a cabeça novamente e emudeceu. Pela segunda vez sentia-se retina offuscada pelo sol. O presidente Kerlog aproximou-se delle e, com as mãos nos seus hombros largos, disse :

— “Vejo-te grande como Lincoln, Jim, e é com lagrimas nos olhos que contemplo tua figura immensa, mas inutil... Adeus. Attendamos ao instante, açaimemos as nossas raças, mas não fique entre nós sombra de mentira. O teu ideal é nobilissimo, mas á solução de justiça com que sonhas só poderemos responder com a eterna resposta do nosso orgulho : Guerra !

E os dois seres humanos, subsistentes no imo dos dois leaders raciaes, abraçaram-se com lagrimas... \

Miss Jane fez uma pausa, attenta á minha commoção. Aquelle duello de gigantes agitara fundo o meu ser. Tive a impressão de que jamais a historia offerecera lance mais augusto -

nem mais cruel. Vi claros innumerados pontos até alli obscuros na marcha da caravana que do fundo das edades vem a entre-degollar-se com sanhudos odios. Vi um sonho de Ariel esfumado nas alturas, a Justiça Humana, e vi na terra, omnipotente, a Justiça do Sangue, um raio cégo...

— E depois? perguntei. Reentrou na paz a America?

— Sim, respondeu miss Jane. Os dois leaders entraram a agir de prompto. A acção de um foi tão rapida e segura como a de outro. A panthera negra recolheu as garras e a aguia loura enlucou as unhas.

Mas o belluario negro sentiu-se ferido. As palavras que a raça branca puzera na bocca de Kerlog cravaram-se-lhe no coração como as zagaias dos seus avós no peito dos fulvos leões africanos — mortalmente...

CAPITULO XIX

BURRADA!

PARA descanso do meu espirito passou miss Jane a falar do movimento feminino, thema que muito me interessava.

— O partido elvinista, disse ella, desapareceu do scenario nacional como neve exposta ao fogo. Poderosissimo na vespera, tão poderoso que batera o seu adversario por meio milhão de votos, achava-se agora reduzido a uma só partidaria, miss Elvin. Todas as mais haviam adherido aos homens, escandalosamente, como si lá no intimo nunca tivessem ansiado por outra cousa.

O tempo se passava e miss Elvin não se recompunha do formidavel trambolhão sofrido. Para o *meeting* marcado em sua casa no dia das eleições não apparecera ninguem e, atirada a uma poltrona do salão deserto, permaneceu a irreductivel sabina até tarde da noite, furiosa, com os olhos cravados no ap-

parelho por onde radiara a ultima proclamação do "Remember Sabino !"

— Ultima ?

— Ultima, sim, porque esse jornal morrera de subito collapso. Todas as assignantes haviam cortado a ligação, e si tentasse miss Elvin radiar uma só palavra que fosse, vel-a-ia perder-se, virgem de ouvidos, pelos intermundios sideraes.

A um canto da sala havia um enorme gorilla empalhado, com um distico insultante ao pé : "O avô do ladrão". Era olhando para aquella bestial caraça avoenga que miss Elvin compunha as suas terriveis catilnarias contra o *homo sapiens*, ao qual jurava descer da sua posição de macho natural da mulher.

— Mas haveria sinceridade nisso ?

— Sinceridade esthetica, evidentemente; fórma de sinceridade tão legitima como outra qualquer.

Não entendi muito bem. Miss Jane dizia ás vezes cousas um tanto acima da minha debil comprehensão...

— Essa theoria, proseguiu ella, fez carreira e exerceu uma funcção muito curiosa na America : congregar todas as femeas que por uma circumstancia ou outra se desavinham com os machos — esposos, noivos ou namorados, e foi com esses elementos que se constituiu o partido elvinista. Partido instavel, aliás, e sempre renovado. Diariamente nelle

se inscreviam milhares de adeptas e se eliminavam outras tantas. Entravam as brigadas com o homem e saíam as reconciliadas...

Mesmo assim miss Elvin elevou muito alto as suas construcções, chegando até, como já disse, a crear sciencias novas, adaptadas á mentalidade das mulheres.

A Universidade Sabina fez furor. Não tinha séde ao systema de hoje, como aliás a maioria dos estabelecimentos de ensino da epoca. As lições eram radiadas directamente para a residencia das alumnas. A sciencia elvinista possuia seus methodos, nada semelhantes aos da velha sciencia dos homens. Em arithmetica, por exemplo, $2 + 2$ não era forçosamente igual a quatro. Era igual *ao que no momento conviesse*.

— Vejo, disse eu, que é bem verdade o *nikil novum...* Para quanta gente hoje a verdadeira mathematica não é essa!

— Consistia o principio director da sciencia sabina em admittir como base de tudo a *veneta* — e como a veneta é de si feminina e instavel, nenhuma das sciencias novas, inclusive as mathematicas, possuia base fixa. Tudo ondeava, como o mar donde procediam as sabinas. E por absurdo que isto nos pareça, a nós deste presente educado na rigidez da velha sciencia de Aristoteles e Bacon, as theorias de miss Elvin trouxeram ao espirito humano a sua contribuição de belleza. Foi a victoria do

furta-côr, da onda, do reflexo fugidio, do loiefullerismo, contrapostos á côr fixa, á rigidez do cubo, á constancia equacional dos termos. Isso se adaptava maravilhosamente á agilidade do pensamento mulheril, e foi justamente essa feição seductora, amavel e liberrima da theoria que determinou o elance de todas as mulheres para o terreno politico, operando a scisão branca.

— Qualquer cousa como o futurismo de hoje, não acha?

— Isso. Theorias de repouso, com base num subtil malabarismo de logica, que servem para romper a monotonia da certeza, da verdade, da cousa tida e havida como justa. O espirito humano nellas se recreia e se rebolca, como se espoja na poeira o cavallo cançado.

Miss Elvin, entretanto, ao envéz de mostrar-se desolada com as consequencias do seu movimento, só via o lado pessoal do desastre. Fôra violenta demais a sua quáda. O sonho maravilhoso erguera-a ás nuvens e a sabina acabou convencida de que era de facto mesianica. E como tinha o genio impulsivo, não podia conter o furor deante da deserção até das amigas mais proximas.

Em certo momento, no dia do *meeting* falhado, olhou miss Elvin para a cara bestial do gorilla como quem olha para um inimigo de carne. O monstro empalhado, de dentes á mostra, parecia sorrir-lhe ironicamente.

— “Venceste ainda uma vez, meu scelerado ! Mas a crise passará e justaremos contas... disse ella, atirando-lhe á cara uma veneranda “Origem das Especies”, de Charles Darwin.

Estava plenamente convicta de que, quando o paiz reentrasse na normalidade, resurgiria o partido sabino. A onda fôra-se. Mas o proprio da onda é ir e vir.

— “*She is false as water...*” repetiu ella por sua vez, espraçando o olhar para o futuro.

E assim foi. Quando o paiz recahiu na paz de sempre, o “Remember Sabino !” reapareceu e houve um perfeito *da capo* do elvinismo, como nas musicas...

Miss Jane fez uma pausa. Notou, talvez, que eu estava inquieto, em lucta com alguma idéa. E não errara. Qualquer cousa me dizia que era o momento de declarar a minha sopitada paixão. O sangue estuava-me nas veias e por fim a palavra de amor que romperia a barreira assomou-me á boca. Mas ahi transformou-se noutra e o que partejei foi uma filha da timidez disfarçada em curiosidade :

— E miss Astor ?

— Essa irradiava de contentamento, como si o reatar relações amistosas com o diffamado gorilla lhe houvesse correspondido a um secreto anhelos do coração. Durante o pericdo agudo do movimento elvinista operara-se

uma completa ruptura entre os membros dos dois partidos, e miss Astor chegou a zombar de Kerlog, por quem possuía uma séria inclinação sentimental. O desfecho inesperado das eleições, entretanto, rompera a frieza e aproximara-os de novo, facto que a enchia de secretas esperanças.

As demais elvinistas, já saudosas do macho tradicional, também aproveitaram o ensejo para uma reconciliação — e é de crer que nunca houvesse tamanha safra de beijos na America.

Remexi-me na poltrona. Tanto beijo lá longe e uma pobre creatura humana a definir allí por falta de um só...

— Isso explicava, continuou a desentendida miss Jane, o estranho phenomeno de só as ex-adeptas de miss Elvin demonstrarem uma clara e inquieta alegria justamente na hora mais presaga da nação. Enquanto todos se entregavam a penosas cogitações, colhidos pela angustia do momento, vogavam as ex-sabidas em pleno mar de uma doce lua de mel.

A crise de ternura não passou despercebida ao ministro da Selecção Artificial.

— “Vae altear-se o indice dos nascituros louros, disse elle a um collega, no momento em que subiam os degráos da Casa Branca para a reunião ministerial. Prevejo o congestionamento de Eropolis...”

Kerlog já lá estava, no salão do conselho, mais sereno do que na vespera, embora ainda cheio de rugas na fronte. A conferencia com Jim Roy abalara-o. Não era o negro um ambicioso vulgar, como havia supposto. Via agora em Jim uma nobre alma de patriota, capaz do supremo heroismo de sacrificar-se pela America. Graças ao seu concurso podia o governo estudar com a necessaria calma a gravissima situação.

Reunidos todos os secretarios, quem primeiro falou foi o ministro da Paz, antigo juiz cujo respeito pela Carta tinha algo de supersticioso.

— “Reflecti durante a noite sobre o caso, disse elle, e cheguei á conclusão de que a nós só compete mostrar-nos fieis á memoria dos instituidores da nação. A lei basica existe e a nossa missão suprema é fazel-a cumprir. Foi eleito um cidadão americano tão elegivel como o senhor Kerlog ou miss Astor. Governo que somos, a lei nos obriga a acceitar o facto, mantendo a ordem e empossando Jim Roy no momento opportuno.

— “Perdão ! interveio o ministro da Equidade. Creio que o senhor Kerlog não nos convocou para o exame formal do problema. Seria inutil, sobre infantil. O problema transcende a esphera politica e torna-se racial. Neste momento não estamos aqui secretarios de estado, e sim brancos afrontados pelos negros.

Acima das leis politicas vejo a lei suprema da Raça. Acima da Constituição vejo o Sangue. O negro nos desafia. Cumpre-nos aceitar a luva e organizar a guerra.

Kerlog sorriu. Via o seu ministro expender as mesma razões que elle lançara contra Jim. A voz do Sangue, sempre...

A discussão foi breve. Tirante o ministro da Paz, todos apoiaram o ponto de vista do ministro da Equidade - e Kerlog encerrou a audiencia com estas palavras :

— “Possuimos uma delegação politica e com os poderes que ella nos outorga não podemos resolver um problema de sangue. Meu pensamento é que se convoque a convenção da raça branca. Como ha razões de estado, tambem ha razões de raça que nos cumpre ouvir e attender.

A idéa foi unanimemente approvada.

— O que admiro, commentei eu, é a concisão e firmeza dessa gente da America futura. Si fosse entre nós, hoje, que barulheira, que discurseira de não acabar mais !

— Tem razão, senhor Ayrton. A uma creatura de hoje que assistisse aos acontecimentos do anno 2228 nos Estados Unidos, nada espantaria tanto como o alto *self-control* que o homem revelava. Nada de tumulto, de anarchia individualista, de violencias desnecessarias na linguagem ou nos actos. E' que os processos selectivos haviam banido

da sociedade os tarados, inclusive os rhetoricos. Todas as perturbações do mundo vinham da acção anti-social desses máos elementos. Até á victoria pratica do eugenismo a desordem humana raiara pelo destempero, e não podia deixar de ser assim, visto como um alcoolatra, um rhetorico ou um burocrata tinham tanta liberdade de encher o mundo de futuros pensionistas das prisões, dos prostibulos e das camaras de deputados como um homem são de o povoar de silenciosos homens de bem. A má semente humana gosava de tantos direitos como a que abrolha em Lincolns. E a caridade, a philantropia, a assistencia publica e a defesa social outra cousa não faziam sinão despenden enormes quantidades de dinheiro e esforço na creação de hospitaes, asylos, hospicios, prisões, casas de congresso, repartições publicas, isto é, abrigos para os productos logicos da má origem. A idéa de selecção da semente, de ha muito victoriosa na agricultura e na pecuaria, só não se via acceita no campo que mais devera interessar ao homem. Uma velha ideologia mystica, vinda do fundo da Asia hebraica, e um falso conceito de liberdade, vindo do 89 francez, a isso se oppunham tenazmente. Quando em 2031 propoz Owen a lei spartana, a resistencia ainda se mostrou forte; mas o alto progresso do espirito da America permittiu-lhe a victoria. Pouco depois, quando o mesmo Owen formulou a lei da esterilização dos tara-

dos, embora fosse colossal o numero dos attingidos, já se revelou menor a resistencia e a lei venceu por esmagadora maioria.

Bastou um seculo de intelligente e systematica applicação dessas leis aureas para que se alçasse o povo americano a um gráo de elevação physica, mental e moral que nem o proprio Owen chegara a sonhar. Fecharam-se as prisões e com ellas os hospitaes, hospicios e asylos de toda a especie. E os sociologos da epoca entraram a assombrar-se da estupidez dos seus ancestraes..

— Nós...

— ...que passavam a vida luctando contra os productos do mal sem terem a idéa de supprimit-o pela suppressão da má semente.

Até a miseria, cancro julgado pelos velhos philosophos como contingencia humana, viu-se gradualmente extincta, á proporção que o progresso selectivo operava os seus logicos effeitos. Com ella desappareceram, automaticamente, a prostituição e as formas baixas do crime.

O direito de reproducção passou a ser regido pelo Codigo da Raça, o mais alto monumento da sabedoria humana. Só quem apresentasse a serie completa de requisitos que a Eugenia impunha — requisitos que assegurassem a perfeita qualidade dos productos, é que recebia do ministerio da Selecção Artificial o *brevet* de pae autorizado.

— Mas parece incrível, miss Jane, exclamei com horror, que tenha hoje o direito de ser pae quem quer! Morpheticos ha ahi na roça que botam no mundo, annualmente, pequeninos lazaros. E ninguem vê, ninguem diz nada, todos acham que está tudo direito...

Eu sentia-me a ferver, com impetos de pular para a rua e berrar para todos os ventos :

— Burrada !...

Miss Jane acalmou-me a furia e proseguiu :

— E não parava ahi a intervenção selectiva. Si um pae autorizado pretendia casar-se, tinha de fazer passar a noiva pelos Gabinetes Eugenometricos, onde lhe avaliavam o indice eugenico e estudavam os problemas relativos á harmonização somatica e psychica dos nubentes. Caso os dois ou um delles não attingisse o indice exigido, poderiam contrahir nupcias, mas sob condição de infecundidade.

— Como é claro e intelligente isso ! Burrada !...

— Reproduzir a especie tornou-se um acto de altissima responsabilidade, já que era de altissima relevancia para o progresso da especie. A idéa de exigir habilitações officiaes para certos actos da vida é velha — mas exclue o acto de dar vida á prole futura. Exige o estado de hoje habilitação brevetada para quasi tudo, para que um homem trabalhe no fôro, construa uma casa, cure uma dôr de barriga...

— ...enrole uma pillula...

— ...mas nada exige de quem pretende dar vida a um novo ser humano, élo inicial, muitas vezes, de uma cadeia sem fim de desgraçados ou criminosos.

— Burrada! Burrada!... exclamei, de veras revoltado contra a estupidez vigente. E como não ser assim, si qualquer Sá ou qualquer Pato dirige a opinião?

Depois que o impeto de revolta serenou, voltei a interpellal-a acerca de um ponto que andava a espicaçar-me a curiosidade.

* — E o casamento, miss Jane? Já falou diversas vezes em casamento e estou curioso de saber si essa palavra diz em 2228 o mesmo que hoje.

— Diz e não diz. Nos casamentos em que o fim era a procreação, o estado intervinha com olhos de lynce. Sendo o objectivo a prole sã de corpo e alma, comprehende o senhor Ayrton que todo o rigor era pouco para evitar desvios funestos ao futuro da raça. As creaturas autorizadas a procrear constituíam uma especie de nobreza. Todos as respeitavam como ás eleitas da especie, preciosas linhas directrizes do amanhã. O supersticioso acato que mereciam outróra os duques, marquezes e barões por mercês arbitrarías de thronos e solios pontificios, passou a caber aos paes pelo simples factó de serem paes. Ser pae valia por um diploma de superioridade mental, moral e physica, con-

ferido pela natureza e confirmado pelos poderes publicos.

Esse casamento approximava-se do nosso em muitos pontos, pela necessidade de não se perderem de vista os altos interesses da preciosa prole. Mas, comquanto dissoluvel, raro se dissolvia: a harmonização pre-nupcial dos Gabinetes Eugenometricos quasi não dava ensanchas a erros.

Nos outros casos uniam-se e desuniam-se os conjugues com a maxima liberdade e desembaraço. Nada tinha que fazer o governo em um contrato bilateral onde só valia a vontade dos contratantes.

— Quer dizer que o numero dos divorcios cresceu espantosamente...

— Ao contrario, diminuiu como nunca se esperou. E diminuiu em virtude da unica imposição que a lei fazia a esses contratos: as férias conjugaes obrigatorias.

— ?!

— Sim, férias. A experiencia psychologica demonstrou que o mal do casamento vinha mais do enfaro reciproco dos conjugues do que da essencia dessa fórma de associação sexual. Instituiram-se as férias, como temos hoje as forenses, as collegiaes, etc. No inverno, quinze dias. No estio, tres mezes. E a separação periodica agiu com tamanha efficacia que os casaes passaram a ter duas luas de mel por anno, luazinha após as férias pequenas e lua cheia

após ás grandes. Não houve mais necessidade de recorrer-se ao violento drástico do divórcio, como o temos hoje. O suave laxante das férias limpava os conjuges das toxinas do enfaro e renascia-lhes o amor ao *petit-feu* das saudades.

— Puro ovo de Colombo! Estou vendo que tudo é ovo de Colombo na vida...

— Será, mas o Colombo deste ovo só appareceu no seculo XXIII. Foi Johnston Coolidge, autor do famoso livro *Toxinas Conjugaes*, concluiu miss Jane.

Pela primeira vez fui eu quem poz fim a um domingo. Estava ansioso por voltar á cidade e, nos cafés, na rua, no escriptorio, prégar a eugenia e insultar a estúpida gente que não vê as coisas mais simples. A consequencia foi que só dormi pela madrugada. E sonhei, agitado. Sonhei a cidade tão limpa dos seus aleijões que ficava reduzida unicamente a duas creaturas de mão presas -- eu e miss Jane...

CAPITULO XX

A CONVENÇÃO BRANCA

DESTA vez não tive paciência de esperar novo domingo. Havia um feriado no meio da semana e aproveitei-o para voar ao castello antes do almoço. Delicioso almoço! Figurei-me já marido da gentil hospedeira e dono do castello. Cheguei a olhar com olhos de proprietario atravez das vidanças, por onde se viam terras e mais terras optimas para a cultura. Mas foi momentaneo o meu deslise. Do fundo d'alma eu só queria ser dono do coraçãozinho que palpitava no seio da castellã.

Tomamos café na varanda e em seguida miss Jane disse :

— A elevação do indice eugenico-mental do povo da America no anno do choque das raças já era notabilissima, e o modo por que agiu a Convenção Branca o demonstrou mais uma vez. Falar em convenção é lembrar a

Convenção Franceza, aquelle tumulto utopico que fez rhetorica ás toneladas e decepou cabeças aos montões, como si producção de phrases e reducção de vidas pudessem augmentar o trigo dos celleiros, causa real de todos os males da França.

A Convenção 'Branca de 2228 nem por sombras lembraria o redemoinho auto-falante de 1789.

Já na composição desse corpo representativo nada se fez como outróra. Os conventionaes não penetraram nelle por força dos azares eleitoraes e sim por um processo novo de delegação. Todos os ramos da actividade americana tinham á sua testa, naturalmente levados a esse posto pelo gráo de efficiencia mental demonstrado, homens que mereceriam o nome de chefes naturaes, ou leaders natos. Como é hoje Henry Ford o leader nato da industria yankee, em virtude da hygidez universalmente reconhecida das suas idéas e realizações, assim naquelle tempo cada ramo de actividade possuia um leader normal, mantido nessa situação por consenso unanime. Funcionavam taes chefes normaes como órgãos especialissimos, apices, vertices, cimos, estações centraes, bulbos rachideanos da classe. Ninguem lhes discutia as idéas e decisões, summulas sempre da mais alta sabedoria passivel no momento — e o chefe cujas idéas pas-

savam a ser discutidas via-se logo automaticamente apeado dessa posição.

De modo que foi facilimo convocar a Convenção Branca. Alem de já estarem naturalmente indicados, os convencionaes se resumiam em seis creaturas, respectivamente leaders da industria, do commercio, das finanças, das artes, das sciencias e das letras. Eram elles os senhores George Abbot, morador em Detroit e chefe da industria das bonecas falantes, o supremo encanto dos *babies* americanos ; John Perkins, morador em Hudson, onde mantinha um pequeno commercio de pelles de lontra branca ; Harmsworth, director do Banco Universal ; John Leland, creador da Pueriesthetica ; John Dudley, pae da côr numero 8 e autor de 72 invenções ; e, finalmente, Dorian Davis, poeta de um soneto unico sobre o qual a America estava dividida em dois immensos grupos – os que achavam defeituoso o quarto verso e os que achavam esse verso uma forma de belleza só perceptivel no futuro.

O presidente Kerlog não teve difficuldades em reunir a Convenção. Radiou uma succinta mensagem na qual pedia a cada uma das classes sociaes a indicação do seu representante para o exame do *impasse* creado pela victoria dos negros. Uma hora depois registrava o aparelho receptor do Capitolio os seis nomes previstos, só não havendo unanimidade quanto á indicação do representante das le-

tras. Os que consideravam defeituoso o quarto verso do soneto de Davis preferiram votar em branco.

Dois dias mais tarde congregavam-se na Casa Branca os seis expoentes supremos da raça, sob a presidencia do senhor Kerlog.

Solemnidade de protocollo nenhuma. Eram homens simples no trajar e nos modos, creaturas nada relembrativas dos figurões que se reúnem hoje em conferencias internacionaes, vestidos de solennissimas sobrecasacas e com solennerrimos tubos de chaminé reluzente nas cabeças, como si a plumagem dos perús influísse alguma cousa nas idéas dos perús.

Sentaram-se os seis expoentes e ouviram a breve exposição de motivos do chefe do estado. Declarou este que occupava apenas um posto politico e se via numa emergência racial. Nada fizera, nem faria, antes que a suprema delegação da raça definisse com rigor o caso e lhe estabelecesse um rumo. Como governo, executaria em seguida o veredicto altissimo. Pedia, pois, aos presentes que lhe dessem as razões da raça.

Ouviram-no os convencionaes com amavel attenção e passaram a conversar de outros assumptos, como si estivessem num *garden-party*.

— “A minha ultima boneca, disse George Abbot a John Perkins, alem de falar, cóse, varre e lava roupa na perfeição. Tenho uma

netinha de seis annos que está positivamente encantada...

Ao lado delle confessava Harmsworth a Dorian Davis que ainda não lera o seu soneto maravilhoso.

— “Falta de tempo? indagou Davis.

— “Não. Ha em minha casa uma harmonia perfeita sobre o assumpto e receio perturbar-a adoptando um ponto de vista discordante...

Já Leland debatia com Dudley a possibilidade da côr numero 9 e propunha um lindo nome para essa possível filha futura do espectro solar.

A' encasacada e encartolada gente de hoje parecerá estranho que homens de tal envergadura, e em momento tão angustioso, assim puerilmente se recreassem num congresso presidido pelo chefe da nação. E' que os nossos medalhões, envenenados pela rhetorica e pelo attitudismo, não alcançam certas formas da ultra belleza, nem comprehendem certos segredos da ultra psychologia.

Justamente porque era gravissima a decisão que iam tomar, e na realidade decisiva dos destinos do genero humano, procuravam manter a serenidade de espirito com repousantes trocas de idéas gentis, emquanto nas profundas dos respectivos cerebros o veredicto supremo se elaborava.

Passados quinze minutos nesta recreação espiritual, ergueu-se John Leland e disse com grande calma, depois de graphar num papel meia duzia de signaes :

— “Senhor presidente, a minha idéa está formada e eu a consigno nesta moção, que tenho a honra de submetter a 'votos. Vou lê-la.

Fez-se no recinto um augusto silencio. Si ainda houvesse moscas no anno 2228 poder-se-ia ouvir voar alguma na sala. Sentiam todos que a raça branca ia falar a palavra ultima, a palavra de sentença do mais alto tribunal que ainda se reuniu no mundo.

Leu Leland a sua moção, succinta e nitida como era de esperar. Sua voz soou como um dobre a finados. Apesar da firmeza de animo dos convencionaes, sentia-se que estavam todos de alma tensa como corda de viola em ponto de romper-se. Fugira-lhes das faces o sangue ; até o senhor Kerlog, sempre rosado, parecia um vulto de cera.

Quando o ultimo echo da moção Leland morreu no ambiente de tumba, todas as cabeças se inclinaram para o peito e todos os olhos se fecharam. A raça branca elaborava o seu voto decisivo...

Alguns minutos transcorreram assim. Ao cabo, o presidente Kerlog murmurou :

— “Está a votos a moção Leland.

O primeiro que se ergueu foi Dudley.

— “Voto com Leland, disse elle, e sentou-se.

Ergueu-se em seguida Harmsworth e disse:

— “Voto com Leland.

O terceiro foi Abbot, que murmurou sem levantar-se da cadeira :

— “Idem.

Os outros limitaram-se a dar equal voto com uma simples inclinação de cabeça.

Estava lavrada a sentença de ponto final do negro na America. Sem verborrhéa, sem inutil dispendio de rhetorica, sem citação dos *gros bonnets* da ethnologia e da sociologia, traçara a Suprema Convenção da Raça Branca o diagnostico justo e dera o remedio exacto.

O presidente Kerlog pronunciou mais meia duzia de palavras e... prompto !

Confesso que fiquei desapontado. Quando miss Jane abordou o assumpto preparei-me para ouvir cousas tremendas. Uma Convenção ! A Convenção da Raça ! Nunca no mundo se reunira congresso mais alto e preposto a fins mais terriveis. Esperei portanto qualquer cousa de tão eloquente como um jacto de seis Mirabeaus, multiplicados por seis Dantons. Em vez disso, um homem que apresenta uma breve moção e mais cinco sujeitos ultra pacificos que a approvam friamente – alguns até com a cabeça, sem se erguerem das suas poltronas. Era demais !

— Só isso, miss Jane? exclamei com cara de espectador roubado.

— Só, respondeu ella, muito divertida com o meu logro. Que mais queria?

Minh'alma de latino não se conformava com a falta de apparato.

— Queria uma tempestade com raios e trovões. Queria um Jehovah tonitroando na sarça ardente. Ou, pelo menos, eloquencia, que diabo!

— Haverá maior eloquencia que a da precisão absoluta?

Não me convenci. Não ia commigo tanta frieza. Meu sangue quente pedia barulho, berros, murros na mesa, desaforos... Resignei-me, porém, e a curiosidade tomou pé.

— Mas, afinal, que é que dizia a moção Leland? indaguei.

— Ignoro, respondeu miss Jane. Foi secreta a decisão. Só o presidente, os seis convencionaes e depois os technicos do estado tiveram conhecimento dos seus termos.

Miss Jane sorria. Occultava-me qualquer cousa, com certeza para me surprehender no fim. Não insisti e, resignado, disse-lhe :

— Continue, miss Jane...

Miss Jane continuou.

**A Menina do Nari-
zinho Arrebitado**

4.^a EDIÇÃO
63 MILHEIROS

O
Marquez de Rabicó

2.^a EDIÇÃO
16 MILHEIROS

MONTEIRO LOBATO

Jéca Tatuquinho

1.^a EDIÇÃO
5 MILHEIROS

MONTEIRO LOBATO

A Caçada da Onça

1.^a EDIÇÃO
5 MILHEIROS

Livros de Monteiro Lobato PARA CRIANÇAS

MONTEIRO LOBATO

FABULAS

3.^a EDIÇÃO
18 MILHEIROS

MONTEIRO LOBATO

MONTEIRO LOBATO

**O Garimpeiro do
Rio das Garças**

1.^a EDIÇÃO
5 MILHEIROS

MONTEIRO LOBATO

CAPITULO XXI

UMA DÔR DE CABEÇA HISTORICA

— Quando os convencionaes deixaram a Casa Branca, o ultimo a despedir-se foi o senhor John Dudley, pae da côr numero 8 e autor das 72 invenções.

Era esse Dudley um velhinho de olhar muito vivo e alegre, cuja intelligencia tinha fama de ser a mais prompta da America, a mais facetada e contornante. Apprehendia tudo instantaneamente, sob todos os aspectos possiveis.

Ao apertar a mão do presidente Kerlog, disse elle com ar enigmatico :

— “Faço votos para que o senhor presidente descubra a solução pratica com a mesma facilidade com que o senhor Leland descobriu a solução theorica. Isso lhe trará, talvez, uma certa dorzinha de cabeça. Si por acaso se aggravar essa dôr de cabeça e não ceder a ne-

nhum sedativo, lembre-se deste seu criado e chame-o. Quero ter a honra de curar uma dôr de cabeça historica...

Disse e sahiu a sorrir. Ficou o senhor Kerlog uns instantes a meditar naquellas palavras enigmaticas, que traziam evidentemente intenção occulta. O homem das setenta e duas invenções nada dizia ás tontas.

— “Será que possui John Dudley, como septuagesima terceira invenção, alguma famosa super-aspirina? pensou consigo o chefe de estado. Mas o tumulto das preocupações governamentaes logo o fez esquecer o incidente.

A semana que se seguiu á Convenção foi o peor momento de vida que ainda passou um presidente americano. O ministerio vivia em reuniões continuas e eram exhaustos que aquelles homens tomavam a furto bocados de repouso. A tarefa de manter o paiz em calma, de evitar a explosão das duas massas preñhes de electricidades contrarias e susceptiveis de explosão ao menor choque, se aggravava com a premencia de solver o caso dentro da formula votada pelos convencionaes. Mas entre propor com toda a frieza uma solução daquellas e descobrir os meios de possibilizal-a, ia um abysmo.

O ministro da Paz chegou a irritar-se.

— “São facilimas as soluções dessa ordem. Creio até que si, em vez de seis velhos leaders, reunissemos aqui seis creanças de escola o

resultado seria o mesmo. E' absolutamente impraticavel a formula Leland.

O presidente Kerlog possuia um caracter mais obstinado que o do seu ministro. Assim foi que objectou :

— “Costumamos chamar impraticavel ao que não praticamos ainda. Lembre-se de Colombo com o ovo...

— “Perfeitamente, contraveio o ministro, mas já se passou uma semana e não nos ocorre sahida. Estou cansado de examinar as suggestões dos nossos technicos, todas absurdas, porque em grao maior ou menor implicam o emprego da força, o que seria desencadear a tormenta. As suggestões de hoje — sete, parecem-me tão idiotas como as posteriores.

Na realidade assim era. Debaixo do mais absoluto segredo cerca de cincoenta technicos do estado, dos mais habeis que se puderam reunir, davam aos miolos as maiores torturas para afastar do remedio proposto por Leland o termo *coacção*.

Os ministros já manifestavam symptomas de *surmenage*. Horas e horas perdiam a debater o caso, e nem no somno tinham repouso : o trabalho mental sub-consciente os torturava de pesadelos.

No oitavo dia o presidente appareceu na sala de trabalho a cheirar um frasco de saes. Era a dorzinha de cabeça prevista por John Dudley. No decimo dia essa dôr ag-

gravou-se de modo a inspirar receio aos ministros. Felizmente a memoria do senhor Kerlog deu de si a tempo e fel-o recordar-se das palavras do convencional ao despedir-se.

— “A dôr de cabeça mata-me, radiou elle para o homem das 72 invenções. Acuda-me com o remedio !”

No mesmo dia, á noite, reapareceu John Dudley na Casa Branca, sendo logo introduzido nos aposentos particulares do presidente.

— “Bemvindo seja, disse este com a mão na testa. A cabeça estala-me e a dôr não cede a sedativo nenhum. Acuda-me com a sua ultra-aspirina.

John Dudley sorriu com fina malicia.

— “Ouça-me, disse elle, ouça-me com attenção que sarará dentro de cinco minutos. O seu mal cura-se com um topico que só eu possuo.

E Dudley começou a falar. Ao cabo do segundo minuto o presidente Kerlog tirava a mão da testa. Ao fim do terceiro sorria. Ao quinto saltava da poltrona e vinha apertar nos braços o terrivel velhinho.

— “Maravilhoso !... Mas é assim absoluto o effeito ?

— “Fiz todas as experiencias e tirei todas as contraprovas. O effeito é absoluto !

— “Sem dôr, sem lesão, sem que o paciente siquer o suspeite ?

— “Exactamente !

Kerlog sorria com o olhar distante. O problema que em vão a politica tentara solver, a sciencia resolvia por um processo magico.

— “Efeito duplo, então? insistiu o presidente.

— “Triplo, aliás, retrucou o malicioso sabio.

O presidente fez cara de surpresa.

— “Sim, pois cura tambem as dôres de cabeça historicas...

Kerlog sorriu e novamente abraçou o homem das 73 invenções.

— Miss Jane, disse eu, está a senhora a judiar commigo! Macacos me lambam se percebo qualquer cousa...

— Uma pontinha de mysterio é indispensavel para tempero dos romances. Vae o senhor Ayrton ser romancista; deve pois ir aprendendo o subtil segredo da dosagem dos ingredientes...

Miss Jane estava a brincar, não havia duvida. Punha fogo ao estopim da minha curiosidade e deixava-o a arder...

— No dia seguinte, continuou ella, reapareceu o senhor John Dudley na Casa Branca, desta vez sobraçando um exquisito embrulho — um embrulho fôfo, como si contivesse cabellos humanos.

Entrou e passou uma boa hora em conferencia com o presidente e mais seus ministros.

O que lá houve ninguém conseguiu saber. Só se soube que, finda a reunião, ao descerem a escadaria, disse o ministro da Paz ao da Equidade :

— “O eterno ovo de Colombo ! Bem dizia o presidente que era necessario teimar...

— “E que lindos ficam os cabellos ! commentou o da Equidade. Não só se alisam como afinam e se tornam sedosos. Morrerá o peixe pela carapinha, não ha que ver...

— Miss Jane... ia dizendo eu.

A moça, porém, tapou-me a boca e deu o signal do chá.

Fiz a cara de compunção com que sempre recebia o tal ponto e virgula. Mas errei.

— Não faça esse bico de creança, disse miss Jane com a sua finura habitual. O chá hoje é apenas virgula. O senhor Ayrton está convidado a jantar aqui.

Meu coração deu cabriolas dentro do peito, e arrastado por um impulso incoercível tomei... a mão da minha amiga e beijei-a. A mão ! Apenas a mão ! Timidez - teu nome era Ayrton Lobo...

— Mas o enigma dos cabellos, miss Jane ? Decifre-m’o logo que estou a arder de curiosidade, pedi-lhe logo depois do chá.

— Uma historia muito simples, senhor Ayrton. Dedicava-se John Dudley, havia longo tempo, ao estudo do cabello do negro, esperançado em descobrir o meio de alisal-o,

e muito se falou na America, alguns annos antes, nos admiraveis resultados das suas experiencias. O sabio, porém, até 2228 não havia tornado publica essa invenção, que seria a septuagesima terceira. E ninguem mais pensava no caso quando, dois dias depois da sua conferencia particular com o presidente Kerlog, irradiou pelos Estados Unidos uma noticia sensacional: John Dudley havia enfim resolvido o difficil problema capillar.

Os raios Omega, de sua descoberta, tinham a propriedade miraculosa de alisar o cabello africano. Com tres applicações apenas tornava-se o mais rebelde pichaim, não só liso, como ainda fino e sedoso como o cabello do mais apurado typo de branco. Os raios Omega influíam no folliculo e destruíam nelle a tendencia de dar forma elliptica ao filamento capillar. Vencido este pendor para a forma elliptica, cessava o encarapinhamento, que não passa de méra consequencia mechanica.

Como é de suppor, immensa foi a repercussão da noticia. Cem milhões de creaturas reviraram para o céu os olhos agradecidos. Chegaram os negros a tomar-se de puro extase, convictos de que das alturas descera a pugnar por elles na terra alguma divindade, como outróra os bons deuses de Homero. Mal repostos ainda da emoção consequente á victoria de Jim Roy, uma outra os empolgava agora - e esta mais fecunda, pois redundaria

num aperfeiçoamento da raça, num grande passo no caminho de approximal-os do branco. Já o pigmento fôra destruído e, embora o esbranquiçado da pelle não se revelasse côr agradável á vista, tinham esperança de obter com o tempo a perfeita equiparação cutanea. Vir agora, e assim de chofre, o *resto*, o cabelo liso, a suppressão do teimoso estigma de Cham, era, não havia duvida, signal de um fim de estagio. Reduzidas desse modo as duas características estigmatizantes da raça, o typo africo melhorava a ponto de, em numerosos casos, provocar confusão com o aryano. Entre a miss naturalmente branca e loura e a negra despigmentada e omegada pelo processo Dudley, fazia-se quasi nulla a differença.

— Mas a côr dos cabellos? perguntei eu, sempre curioso de minucias.

— Côr de cabelo bem sabe o senhor Ayrton que não é coisa que dependa da natureza e sim da moda. Hoje, por exemplo, é moda o louro, e nas ruas só vemos louras — louras que amanhã apparecerão de cabellos negros como asa de corvo, si assim o determinar a moda.

Logo em seguida á noticia, estupefaciente como pitada de cocaina, incorporou-se a Dudley Uncurling Company, que estabeleceu em todas as cidades, e nestas em todos os bairros, Postos Desencarapinhantes, como vemos hoje surgir Postos de Vacinação nos annos em que irrompe a variola. Esses postos multiplica-

ram-se ao infinito, de um modo magico, como si uma força occulta empurrasse a Dudley Uncurling ao desencarapinhamento da America negra no menor espaço de tempo possivel.

Era dos mais simples o processo. Tres applicações apenas, de tres minutos cada uma. Taes facilidades, juntas ao custo minimo, dez cents por cabeça, fizeram que os negros acorressem aos postos como cães famelicos a bofes fumegantes. A vida americana chegou a sofrer um collapso. Só se falava em raio Omega, em folliculo, em secção ellipsiforme e mais capillotechnicas. A principio irritaram-se os brancos com o que chamavam a segunda *camouflage* do negro ; por fim passaram a divertir-se com o spectaculo devéras curioso da subita transformação capillar de cem milhões de creaturas. As fabricas de pentes, grampos, loções, shampoings, brilhantinas, tinturas, etc., trabalhavam dia e noite sem conseguirem atender á subitanea procura de taes productos. Cabellereiros novos surgiam em todos os cantos e por mais que trabalhassem não davam conta do recado. As negras, sobretudo, viviam num perpetuo sorrir-se a si proprias, mettidas dentro de um céu aberto. Passavam os dias ao espelho, muito derretidas, penteando-se e despenteando-se gososamente. O seu enlevo ao correrem as mãos pelas macias comas omegadas fazia-as esquecer o longuissimo passado

da humilhante carapinha. Brancas, afinal! Libertas afinal do odioso estigma!

Neste ponto da narrativa chofrou-me o cerebro um raio de luz.

— Adivinho tudo, agora, miss Jane! gritei batendo na testa. Adivinho a verdadeira solução do problema negro na America! Nem expatiação, nem divisão do paiz. Apenas branqueamento do negro, equalificação com o branco, decifrei eu, contentissimo com a minha tacada.

Mas vi logo que errara de novo. No sorriso com que ella esfriou o meu enthusiasmo percebi uma pontinha de piedade pela minha argucia — pela minha pobre argucia... Mas era tão boa miss Jane que não teve animo de humilhar-me, como devia. Disse apenas, delicadamente:

— Quasi, quasi adivinhou! Está pertinho...

Como um caramujo cotucado, encolhi-me na poltrona donde me erguera no assomo de ardor devinatorio, e para disfarçar a rata estranhei aquelle desvio do assumpto principal:

— Mas a que vem esse incidente dos raios Omega no nosso romance, miss Jane?

A moça respondeu de lado:

— Joga xadrez, senhor Ayrton?

Eu só jogava no bicho, mas menti, corando de leve:

— Assim, assim.

— Pois nesse caso deve saber que nas partidas bem jogadas um humilde movimento de peão tem tanta importancia para o cheque mate como um espectacular movimento de rainha. Considere este capitulo capillar um movimento de peão e ouça agora o que vou dizer de miss Astor.

— Movimento de rainha... rosnei.

Miss Jane approvou com um olhar a minha agudeza.

— E de rainha amorosa ! completou.

— Amor em 2228 ? Inda haverá semelhante coisa em tempo tão recuado ?

— O amor é eterno, senhor Ayrton e, alem de eterno, invariavel. O que sussurrou Daphnis ao ouvido de Chloé, lá nos fundos da Grecia de Longus, sussurraria miss Elvin a um "gorilla pellado" de 2228, si por ventura descesse do sabino e adherisse ao *homo*, como suas companheiras.

Puz em miss Jane os meus olhos de carneiro flexado e suspirei. Seria capaz de "sussurrar" ao meu ouvido uma creatura que assim tão scientificamente falava do amor ?

CAPITULO XXII

AMOR! AMOR!

— Depois da sua espaventosa adesão ao *homo*, continuou miss Jane, a leader do partido feminino voltou a si. Percebeu que o desvairamento no dia da victoria negra lhe quebrara a soberba linha das bellas attitudes e a transformara numa perfeita louca, á moda das velhas suffragistas britannicas. E envergonhou-se. Que pensaria della o presidente Kerlog? Como teria o leader branco, lá no intimo, recebido aquelle arroubo de sinceridade explosiva?

Miss Astor amava a Kerlog. A nobre figura do presidente, sua firmeza no governo, sua agilidade de espirito e sua serenidade de força constructiva seduziam-na de modo incoercivel. E talvez até que, no fundo, toda a actuação politica de miss Astor não visasse outro fim alem de approximal-a do leader

branco, por emparelhamento num mesmo nivel de prestigio social.

— Por que então contrapoz-se a elle nas eleições? perguntei sapatescamente.

— Porque a linha recta da mulher é sempre torta. Elvinismo, senhor Ayrton!... Mathematica, sciencia elvinista! Dois mais dois igual... ao que convem. Mas miss Astor errava, si acaso se suppunha diminuida na opinião de Kerlog. O presidente era *homo* e, apesar de todos os progressos da eugenia, um *homo* tão sensivel ao contacto feminino como... como o senhor Ayrton, por exemplo.

Corei forte. Momentos antes havia eu, sem o querer, está visto, tocado com o meu pé o mimoso pé de miss Jane, e não pudera esconder a corrente electrica que me percorreu o corpo. Seria que miss Jane, sempre tão desentendida, alludia a esse facto? Estava a minha amiga um tanto differente nessa tarde. Menos impassivel que de costume, e assim como quem quer e não quer, como quem vae e não vae, como quem diz e não diz. Apesar de toda a minha pouca penetração feminina, eu sentia isso, presentindo nella os primeiros estremecimentos da mulher.

— E já que era assim sensivel, continuou a joven, o amplexo que no momento do perigo poz miss Astor em contacto com Kerlog calou fundo nas cellulas presidenciaes e impregnou-as disso que os homens chamam desejo.

Tive vontade de perguntar a miss Jane como chamavam as mulheres a isso que os homens chamam desejo — mas me faltou a coragem.

— E d'ahi por deante, sempre que a razão do senhor Kerlog se punha a pesar prós e contras relativos a miss Astor, intervinham as cellulas abraçadas, collocando na concha dos prós a tara da saudade — e lá se ia a frieza da razão do senhor Kerlog. Pobre razão humana! Pobre hoje, pobre em 2228!... E tanto era assim que logo depois da invasão da sala pelas elvinistas arrependidas commentou o senhor Kerlog o facto nestes termos, dirigindo-se ao ministro da Equidade :

— “Miss Astor sempre se me apresentou aos olhos envolvida em attitudes, bellas, não resta duvida, porque ha sempre belleza em todos os seus movimentos, mas attitudes que me chocavam como falsas. Nem uma só vez a vi ao natural. Foi preciso que o desastre sobreviesse e o terror se apossasse de su'alma para que eu a visse como sempre desejei vel-a : mulher.

E lá comsigo recordava a doçura do seu abraço.

Esse abraço ficou. Os dias se foram passando. Veio a Convenção Branca. Veio a dôr de cabeça. Veio o omeguismo. Nada apagava das cellulas cervicaes do senhor Kerlog a impressão do doce contacto.

Certa vez, reunido o ministerio, perceberam os ministros que o presidente olhava muito amiude para o relógio. O assumpto em debate era o progresso do desencarapinhamento dos negros, materia de especial attenção para o chefe do estado. Especial e demorada — menos naquelle dia. Naquelle dia o presidente atropelava os seus auxiliares, como que desejoso de encerrar mais cedo a reunião.

As informações estatísticas apresentadas pela Dudley Uncurling Company deviam ser bastante favoráveis, a avaliar-se pelo sorriso com que o leader branco as recebera.

— “Estamos no fim, disse elle. Resolveu a sciencia, de facto, o grave problema ethnico — e que magistral solução! Em vez de expatriar o negro ou dividir o paiz...

— “Desencarapinha-o! completou, piscando o olho, o ministro da Selecção.

Todos se entreolharam com certo ar de velhacaria. O da Equidade disse :

— “O binomio racial passa a monomio. Só o aryano é grande e Dudley o seu propheta.

Eu cocei a cabeça num gesto muito lá do escriptorio.

— Mas, então, miss Jane, a solução é mesmo a que eu adivinhei — a equalificação das raças l...

Miss Jane tossiu uma tossezinha de encommenda e desconversou :

— O neologismo está bom, senhor Ayrton. Por mais rica que seja uma lingua, a expressão humana tem sempre necessidade de palavras novas. “Egualificação” — muito bem !

Encolhi-me no fundo da minha poltrona.

— Mas, continuou ella, o relógio do senhor Kerlog, consultado pela decima vez, marcou tres horas. O presidente ergueu-se e deu por finda a reunião. Os ministros sahiram. Na escada disse o da Paz ao da Equidade :

— “Notou a impaciencia de Kerlog ?

— “Notei sim. Estava inquieto...

— “*Cherchez...*

— “Não é necessario. Si ninguem resiste á acção catalytica de miss Evelyn, quem lhe resistirá ao contacto ?

Riram-se, e lá se foram cada qual para o seu lado.

Não erravam os dois ministro. Logo depois parava miss Evelyn Astor em frente da Casa Branca e, agil como as deusas — ou as amorosas, subia as escadas.

Foi introduzida incontinentemente.

— “Bemvinda seja a minha formosa rival ! disse com o mais amavel dos seus sorrisos o presidente flexado.

— “Ex, aliás, presidente Kerlóg ! respondeu com um sorriso que era outra flexa a encantadora Circe.

— “Abandona então a politica ? Não insiste na sua candidatura ?

— Abandono. Perdi a confiança nos meus nervos. Além disso, mudei de juízo a respeito de um homem...

— “Fazia máo juízo delle?”

— “Máo, não. Erroneo apenas. Vejo hoje que esse homem está no seu lugar.

— ‘Obrigado, miss Astor, exclamou o presidente. Recebo a sua alta homenagem como o premio dos premios.

— “Pague-m’a então com outra. Chefe que ainda sou de um partido, creio merecer a confiança do leader branco. Não é justo que conheça o pensamento intimo do governo relativo á questão negra?”

O presidente Kerlog sorriu com affectada diplomacia.

— “Segredos de estado, miss Astor !...”

— “E já houve algum segredo de Estado que não fosse conhecido das... mulheres de estado? retrucou a ex-sabina com vivacidade.

Kerlog, bom esgrimista, tinha fama de ligeiro nas replicas.

— As rainhas, as favoritas de outróra eram, de facto, cofres, lindos cofres de segredos. Hoje, porém, que não ha mais rainhas nem favoritas, só podem conhecer os segredos de estado as...

Parou. Embebeu os olhos nos de miss Astor. Viu nelles o que procurava e concluiu numa gentil mesura :

— “...as presidentas !”

Miss Astor fez ar de desapontada e arrou bico de creança a quem negam doce.

— “Quer dizer que só conhecerei tal segredo quando for eleita presidenta...”

Os olhos de ambos encontraram-se de novo e metteram-se pelas respectivas almas a dentro. Liam-se os dois amorosos como em livros abertos.

— “Crê, então, miss Astor, que só as eleições fazem presidentas?”

Nova cara de desentendida, novo bico de creança. A coitadinha não percebia cousa nenhuma e foi mister que o leader branco dissesse tudo :

— “Esposa de presidente, presidenta é...”

— Novo olhar... ia dizendo eu.

Miss Jane atalhou-me :

— Não. Os olhos ficaram em paz. As mãos de Kerlog é que se estenderam para miss Astor. As de miss Astor foram-lhes ao encontro. Uniram-se no eterno gesto das mãos amorosas que se unem - e... o silencio que diz tudo se fez entre aquelles dois admiraveis typos de gorillas evolucionados.

A minha amiga parou, a olhar-me muito firme nos olhos. Perturbei-me. Quiz espiçar para ella as minhas mãos, como Kerlog, mas não tive animo. A sua superioridade amedrontava-me ainda.

Miss Jane fez uma pausa de alguns segundos - essa pausa de quem espera e não vê

chegar. Por fim disse, como que inconscientemente desapontada :

— Quer que continue ou prefere aqui uma linha de reticencias ?

Eu não queria coisa nenhuma. Eu só queria estender as mãos como Kerlog e embeber meus olhos nos de miss Jane e ficar assim a vida inteira. Mas os musculos me trahiram miseravelmente. Qual ! pensei furioso commigo mesmo, quem nasceu para empregado de Sá, Pato & Cia não chegará nunca a marido da filha do professor Benson...

Miss Jane (pareceu-me) deixou escapar um imperceptivel suspiro de despeito, rematando a historia do duo presidencial com desinteresse evidente.

— O mais o senhor Ayrton imaginará. O anno 2228; em materia de amor, não se distinguia dos anteriores. O dialogo de Adão e Eva é talvez a cousa unica que não soffre grande influencia da evolução. As vezes até involue...

Tocou a campainha.

— Ponha o jantar, disse com seccura para o criado que appareceu. E traga uma aspirina.

— Sente alguma cousa ? indaguei com timidez.

— Um fio de dôr de cabeça, apenas, foi a sua breve resposta.

Que jantar frio e desenhado, aquelle !
Quando me vi fóra do castello desabafei.

— E's um animal de rabo, senhor Ayrton, e bem mereces o desprezo com que o senhor Sá te trata !

E furioso dei varios beliscões nos musculos covardes que me falharam o movimento de mãos talvez mais opportuno da minha vida.

— Asno, asno, asno... fui-me repetindo pelo caminho todo. Estupido ether que não age nem interferido por uma interferencia tão clara...

A semana que se seguiu foi a mais desastrosa da minha vida. Na segunda-feira briguei com varios amigos, atirei com uma chicara de café á cara dum garçon e cheguei a ir parar na policia.

Terça-feira pela manhã bebi duas garrafas de cerveja e, contra todos os meus habitos, fui assim para o escriptorio. O senhor Sá olhou-me de esguelha por varias vezes. Por fim, notando a má vontade com que eu fazia o serviço, piou :

— Comeu cobra ?

Tive impetos de mordel-o. Mas era o patrão e recolhi os dentes. Sá insistiu :

— Comeu cobra, moço ?

— Não comi cousa nenhuma. Eu lá como ?
Quem ama lá come ? respondi de máo modo.

— Hum ! fez elle. Percebo agora. De ha muito venho notando que já não me é o mesmo.

Não me dá atenção ao serviço, atropela-me tudo. O Pato me disse hontem...

Estourei a boiada .

— Importa-me lá o Pato ! O Pato lá diz hontem ! Patão choco é que elle é ! Patíbulo... Patíbulo de fraque !...

O assombro do senhor Sá chegou ao auge. Um empregado tratar assim ao commendador Pato, socio da firma, dono de quinhentas apolices, irmão do Santissimo Sacramento, provedor da Santa Casa... E tamanho foi esse assombro que o pobre homem engasgou.

Continuei no meu estouro :

— Estou farto, sabe ? Isto tudo por cá não passa de uma burrada. Mas a lei Owen rompe ahi qualquer dia e quero ver ! E a lei spartana, tambem ! E outras leis terriveis, leis de dar cabo do canastro, entende ? Selectivas !

O senhor Sá continuava mudo, de boca aberta, num estarecimento de assustar um homem com menos cerveja no estomago. O-lhei para elle, firme, e senti uma impressão comica. Disparei na gargalhada.

— Parece o presidente Kerlog quando soube da victoria do Jim ! Ah ! Ah ! Ah !... Não sabe quem é Jim ? Sabe nada... Era um leader ! O leader negro. Negro descascado. Despigmentado, entende ? Omegado ! Um bicho ! Um...

Não pude continuar. Senti uma revolução no estomago e ignominiosamente deshonrei com um "mico" de marcar epoca nos annaes da firma o austero escriptorio do senhores Sá, Pato & Cia.

Não me lembro de mais nada, a não ser que fui posto no olho da rua violentemente.

Amor! Amor! Amor!

CAPITULO XXIII

A DERROCADA DE UM TITAN

MAS sarei, e o que me curou foi uma fita que andava a empolgar as multidões — “A féra do mar”, por John Barrymore. Havia nella um beijo como nunca no mundo se dera outro equal. Um beijo shakespeareano, um beijo-força-da-natureza.

Eu, como de habito, assistia á fita pensando em miss Jane e ligando todas as scenas ao meu amor. No momento do beijo vi-me a beijal-a e tal foi o meu impeto que cravei as unhas numa coisa gorda que pousara no braço da minha poltrona.

— São bruto ! berrou uma voz.

Olhei. Uma velha matrona de bigodes e verruga no nariz fulminava-me com os olhos.

Ergui-me, numa tontura, e sahi. O ar frio da noite serenou-me. Errei longo tempo pelas ruas desertas, até que em certo ponto me pilhei a monologar em voz alta :

— Mas não me escapa ! Agarro-a e dou-lhe o beijo de John Barrymore ! Quero ver onde vae parar aquella impassibilidade de puro espirito. Interfiro-a e quero ver...

Quarta, quinta, sexta, sabbado... Uff ! como custou a chegar o domingo !

Miss Jane recebeu-me com a serenidade antiga, curada já da sua momentanea fraqueza.

— Um pouco pallido, senhor Ayrton ! Esteve doente ?

— Um fiozinho de nervoso, miss Jane, mas já passou.

— Aborrecimentos lá na firma, com certeza...

— Talvez, miss Jane. Está-me envenenando este negocio de viver os domingos no anno 2228. Não supporto mais a burrice, a cegueira, a sufficiencia destes sapatões que atravancam o mundo com os seus horriveis fraques internos e externos.

Miss Jane consolou-me.

— Paciencia, senhor Ayrton, A vida é cheia de máos pedaços - mas ha bons pedaços para os que sabem esperar...

Passei a lingua pelos beiços, já agitado.

— Jim Roy, por exemplo... continuou ella.

— Ah, sim, o negro... gemi com displi-cencia, como quem se recorda de uma cousa muito distante. Naquelle momento eu estava tão longe de Jim Roy...

Miss Jane, porém, conseguiu recolocar-me no anno 2228.

— Jim Roy, por exemplo, ia ter o seu bom pedaço. Embora não comprehendesse a calma dos brancos e ainda tivesse a tinir na cabeça as palavras crueis de Kerlog, passou a acceitar como facto consumado o seu triumpho. O perigo passara. O perigo era o choque das duas raças, uma embriagada com a victoria, outra offendida no seu orgulho. Para isso contribuiu não só o vigor de Kerlog como tambem o opportunismo da septuagesima terceira invenção de John Dudley. Que maravilhoso derivativo! A furia desencarapinhante dos negros fel-os esquecer completamente a politica. Datava de tres mezes a entrada em scena dos abençoados raios Omega e pelas estatisticas officiaes 97 % da população carapinhenta estava já omegada. Mais uma semana, e os ultimos postos se fechariam por falta de carapinha a alisar. Que magnifico dividendo iria distribuir a Dudley Uncurling Company!

Até Jim se omegara e o seu aspecto impressionava agora mais do que nunca. Tornara-se um admiravel typo de branco artificial, diverso dos brancos nativos apenas pela grossura dos labios, saliencia zigomatica e chateza das narinas.

Jim entretanto não se sentia o mesmo. Diminuirá o seu vigor. Aquelles impulsos

ferozes, a violencia selvagem que tantas vezes deflagrava em sua alma forçando-o a impor-se a mascara do *self-control*, estavam morrendo nelle. Já não era com ardor bellicoso que, derramando o olhar da imaginação sober o rebanho dos cem milhões de negros, sentia em si a possança de um novo Moysés. Cansaço, talvez. No ardor da lucta os musculos operam prodigios de resistencia. O abatimento só vem depois da victoria. Jim sentia o abatimento da victoria, depois de haver gosado o delirio do triumpho até á exasperação.

Ia realizar um ideal. O problema negro da America teria com elle no governo a unica solução justa.

— “A America é nossa, monologava. O branco não quer vida em commum? Dividamol-a. Jim dividirá a America !

Avaliava muito bem os obstaculos tremendos que haviam de embaraçar a sua acção. Mas com pulso forte saberia quebrar todas as resistencias. E que gloria para a raça negra caber a ella o gesto decisivo na eterna questão ! E que victoria o vel-a attestar ao mundo uma capacidade evolutiva e de realizações egual á do branco ! Moço ainda que era, havia de dar-se inteiro á nova republica negra e encaminhal-a aos mais gloriosos destinos.

E Jim sonhava o maior sonho que ainda se sonhou na America.

Na vespera do dia da posse estava elle á noite em sua residencia particular, solitario como sempre e immerso como sempre no seu grande sonho, quando alguem bateu.

O leader negro despertou e franziu a testa. Não esperava ninguem, não marcara encontro com pessoa alguma...

— “Está ahi um homem branco natural, veio dizer-lhe um criado.

— “Que entre, respondeu Jim, ainda com as rugas do “quem será?” na testa.

Breve pausa. De subito a porta do gabinete abriu-se e...

— “O presidente Kerlog !... exclamou Jim, surpreso da inesperada visita.

O leader branco, pallido como no dia da Convenção, entrou. Approximou-se vagorosamente do leader negro e poz-lhe a mão sobre o hombro, num gesto de piedade commovida.

— “Sim, o presidente Kerlog, o branco que vem assassinar-te, Jim...

Aquellas estranhas palavras desnortearam o leader negro, cujos sobrolhos se franziram interrogativamente. Por maior esforço que fizesse não penetrava o sentido da estranha saudação. Mas sorriu e disse :

— “A raça aryana não poderia prestar maior homenagem á raça negra do que elegendo para carrasco de Jim Roy tão nobre chefe. Que arma escolhe para a missão que

traz, presidente Kerlog? Veneno dos Borgias ou lamina de aço?

O tom faceto de Jim Roy não desanuveou o ar sinistro do leader branco, antes o fez ainda mais doloroso.

— “Minha linguagem não é figurada, Jim. Venho de facto assassinar-te, repito.

Jim continuou a sorrir.

— “E eu repito : com o punhal de Brutus ou com o veneno dos Borgias?

Kerlog encarou-o com infinita piedade e disse :

— “Arma peor, Jim. Trago na boca a palavra que mata...

O sorriso que pairava nos labios do negro começou a desaparecer.

— “Ninguem admira mais, proseguiu Kerlog, ninguem respeita mais o leader negro do que eu. Ouso até affirmar que dentro da America branca só eu o justifico e comprehendo de maneira absoluta. Vejo nelle um avatar de Lincoln, o sonhador de um sonho immenso de justiça. O homem que ha em Kerlog rende ao homem que ha em Jim Roy todas as homenagens. Mas o branco que ha em Kerlog vem friamente assassinar com a palavra que mata o negro que ha em Jim Roy...

Tonto pelo imprevisto rumo que ia tomando o duello, nada replicou o leader negro. Limitou-se a verrumar com os olhos o seu antagonista, como para extorquir-lhe o pensa-

mento occulto. A pausa que se fez foi lugubre. Mas logo readquiriu Jim a sua habitual firmeza e disse com ironia dolorosa :

— “Não creio que o presidente Kerlog possua a palavra que mata. O peito de Jim tem couraças por dentro. Quatro seculos de martyrio nas torturas physicas da escravidão e nas torturas moraes do pária enfibram a alma de quem resume cem milhões de irmãos. O peito de Jim traz couraças de rhinoceronte por dentro. Couraças á prova das palavras que matam...

— “Trazia... emendou mansamente o leader louro. O Jim de hoje não é o titan que o presidente Kerlog recebeu na Casa Branca. Quando o corisco fulmina o jequitibá, a arvore solitaria continua de pé, porém morta.

O negro presentiu a verdade daquillo. Recordou-se de que já não era o mesmo. Mas como o adivinhava Kerlog? Como penetrava assim no seu imo? Não confessara a ninguem a subitanea queda da sua força vital e nada^{ra} a definia melhor que a imagem do leader branco : arvore siderada onde a seiva não mais circula...

Jim, entretanto, reagiu ; retesou-se de todas as suas energias em declinio e disse com glacial firmeza :

— “Não importa, presidente Kerlog. A Casa Branca restituirá amanhã a Jim Roy a força que o cansaço da victoria lhe roubou.

O leader louro pousou a mão sobre o hombro do leader negro e disse com profunda piedade :

— “Não subirás os degráos da Casa Branca, Jim...

Deu este um salto de panthera acuada e explodiu :

— “Por que? Acaso conspiram os brancos contra a Constituição? Querem elles o crime?

Seu peito arfava.

— “Nada disso, retrucou suavemente Kerlog. Não penetrarás na Casa Branca porque lá não cabe Sansão de cabellos cortados. Tua presidencia seria inutil. Tudo é inutil quando o futuro já não existe...

O tom mysterioso de Kerlog impacientava o negro, que sentia algo de terrivel prestes a revelar-se.

— “Diga tudo, presidente Kerlog, diga essa palavra que mata ! gritou elle irritado.

O leader branco deixou cahir novas palavras de mysterio e tortura, cortantes como o fio das navalhas :

— “Tua raça foi victima do que chamarás a traição do branco e do que chamarei as razões do branco.

O negro esboçou um rictus de odio.

— “Traição !... E é o presidente Kerlog quem justifica a traição !...

— “Não justifico ; consigno. Não ha traição quando a senha é Vencer.

Jim sorriu com desprezo.

— “A moral branca...

— “Não ha moral entre raças, como não ha moral entre povos. Ha victoria ou derrota. Tua raça morreu, Jim...

O negro immobilizou-se. Suas narinas entraram a tremer. Suas feições se decompuham horrorosamente.

— “Tua raça morreu, Jim, repetiu Kerlog. Com a frieza implacavel do Sangue que nada vê acima de si, o branco poz um ponto final no negro da America.

Jim quedou-se um instante immovel.

— “Os raios Omega ! exclamou afinal, num clarão, agarrando os braços de Kerlog com os dedos crispados.

— “Sim, confirmou Kerlog. Os raios de John Dudley possuem virtude dupla. Ao mesmo tempo que alisam os cabellos...

Os olhos de Jim saltavam das orbitas. Seu transtorno de feições era tamanho que o leader branco vacillou de piedade. A raça cruel, porém, reagiu nelle. E, surda, quasi imperceptivel, aflorou em seus labios a palavra fatal :

— “...esterilizam o homem.

Nem Shakespeare descreveria o aspecto do leader negro no momento em que a palavra assassina lhe espedaçou o coração. Um ter-

remoto d'alma aluiu por terra o titan. Fel-o tombar sobre a poltrona, com esgares de idiota, encolhido como a creança inerme que vê serpente. Breves crispações de musculos pas-searam-lhe pelas faces. Dobrou o corpo sobre a secretária. Immobilizou-se.

O leader branco aproximou-se daquella massa de titan extincto, afagou-lhe a pobre cabeça omegada e disse, com a voz rompida de soluços :

— “Perdoa-me, Jim...

CAPITULO XXIV

CREPUSCULO

— No dia seguinte, a essa noite tragica devia realizar-se a posse do 88º presidente americano, James Roy Wilde, vulgarmente Jim Roy, negro de raça pura nascido em Sonora, aos 23 de Abril de 2188, doutor em sciencias de governo pela Escola Technica de Direcção Social, despigmentado em 2201 e omegado vinte dias depois da sua victoria.

Leader incontestado da raça negra, para a qual sonhava um destino altissimo, merecia ainda dos brancos um respeito semelhante ao que na velha Roma o patriciado conferia aos libertos de valor excepcional. Era Jim um liberto do pigmento.

O choque das raças fôra prevenido, o que valeu por nova victoria da eugenia. A sociedade, livre de tarados, viu-se no momento do embate isenta dos perturbadores ao molde dos rhetoricos e fanaticos cujas palavras outróra

impelliam as multidões aos peiores crimes collectivos. A exasperação branca do primeiro momento breve desapareceu. O bom senso tomou pé e o aryano pode philosophar com a necessaria calmá. A opinião corrente admittia não passar a victoria negra de um curioso incidente na vida americana. Oriunda da scição sexual do grupo aryano, fôra golpeada de morte no proprio dia em que nascera, em virtude da adhesão das sabinas ao *homo*. O proximo pleito restabeleceria o rythmo quebrado e do incidente nada restaria no futuro alem de um pouco mais de pittoresco na historia da America – qualquer cousa como, na serie dos papas, o pontificado da papiza Joanna.

A serenidade dos brancos reforçava-se ainda na confiança que todos depositavam em seus leaders reunidos em convenção. Embora se ignorasse o que os chefes natos haviam decidido no concilio secreto, nem por sombras ninguem admittia que não fosse a idéa lá vencedora a mais efficiente e justa do ponto de vista racial.

Do outro lado os negros, passada a crise de entusiasmo do primeiro momento, e dada a fé que lhes merecia Jim Roy, entraram mais a gosar as delicias do omeguismo do que a deslumbrar-se com uma victoria politica, evidentemente precaria. E assim a mais inesperada surpresa da vida americana não trouxe nenhuma das calamidades publicas que acar-

retaria no tempo que o desprezo pela selecção humana deixava ganglionar-se a sociedade de perigosissimos bubões infecciosos.

Na vespera da posse de Jim, por precaução contra qualquer violencia, Kerlog, de combinação com Abbot, fez irradiar a noticia do novo brinquedo inventado por esse encantador das creanças. Tratava-se de uma nova bonequinha que sabia dançar o tango da moda com perfeição de maravilhar a gente grande e mergulhar em extases de sonho os louros *babies*.

A creança tinha na America de 2228 uma importancia capital. Toda a vida do paiz gyrava em torno della. Era a creança, alem do encanto do presente, o futuro plasmavel como a cera. Os maiores genios da raça se consagravam a estudal-a, para com tão ductil materia prima irem esculpindo a obra unica que apaixonava o americano - o amanhã. E a tal gráo chegou a afinação da Pueriesthetica, a sublime arte definida por John Leland, que uma imaginativa de hoje, desta epoca em que o homem, absorvido nos horrores da lucta pelo pão, quasi lhe *ignora* a existencia, nem de leve póde apprehender o que significava em 2228 a realeza da creança. Realeza sim, como foi na velha França a dos ultimos Luizes divinizados. Em vez, porém, de toda a vida da nação revolultear em roda de um pachá como Luiz 14, gyrava em torno da Aurora. Sua magestade Baby era o Luiz 14 do seculo.

Em virtude disso é que o governo americano combinou com o senhor Abbot o lançamento da sua nova boneca nas vespertas da posse de Jim, como o melhor meio de prevenir a explosão de qualquer residuo anti-social ainda subsistente na alma americana. E foi assim que chegou o dia da posse sem prenuncios da menor tormenta.

Subito, porém, ás primeiras horas da manhã, irradiou pela America uma nova sensacional: Jim Roy amanhecera morto em seu gabinete de trabalho.

Violentissimo foi o abalo, dada a coincidencia de sobrevir essa morte justamente no dia da posse. Os negros viram nisso um golpe de força dos brancos e estes ficaram em suspenso, na duvida si seria um deliberado acto de violencia resolvido pelos convencionaes ou uma das muitas surpresas de que é fertil o acaso. Chegou a haver por parte dos negros um instinctivo movimento de revolta. Implantou-se-lhes no cerebro a convicção do crime e a velha selvageria racial rajou de sangue os olhos da panthera. Foi passageiro, entretanto, esse assomo. Aquella quebreira vital que Roy havia percebido em si ganhara tambem toda a massa negra. O fatalismo ancestral sobrepairou logo á raiva e o immenso corpo sem cabeça, num recuo de instincto, repoz-se no lugar humilde donde o tirara a victoria de Roy.

A rã a que o viviseccador extrahê o cerebro passa a viver uma vida muscular cujos movimentos são apenas reflexos. Assim a população negra americana, a partir do momento em que a morte de Jim Roy lhe arrancou o encephalo. Agitava-se ainda, vivia - mas perdera o órgão coordenador de movimentos para fins definidos.

O segredo quanto á acção esterilizadora dos raios Omega conservava-se absoluto. Alem do ministerio, dos technicos do estado, de John Dudley e de miss Astor, já esposa do presidente Kerlog, ninguem mais o conhecia. Dos negros um só tivera a sua revelação, Jim Roy, mas torrara-o comsigo no forno crematorio.

Procederam-se a novas eleições e foi reeleito Kerlog por 100 milhões de votos. Normalizou-se a vida da America. Sua Majestade Baby reentrou no monopolio de toda a attenção, por um instante desviada pelo choque das raças.

Um facto entretanto fez-se notado. Mezes depois do apparecimento dos raios Omega o indice da natalidade negra cahia de chofre. Março, precisamente o nono mez a datar da abertura dos primeiros postos desencarapinhantes, accusava uma queda de 30 %. Esta porcentagem subia ao dobro em Abril e attingia a 97 % em Maio. Em Junho as estatisticas só registravam 122 negrinhos novos.

Em Agosto fechavam-se os postos e a Dudley Uncurling Company distribuia de dividendos 6 milhões de dollares.

Tornou-se impossivel guardar por mais tempo o segredo de estado – e nem havia razões para isso. O facto cahiu no dominio publico por meio de uma mensagem irradiada pelo presidente Kerlog, o documento que até hoje, na vida da humanidade, mais fundo calou na alma do homem. Dizia essa peça para sempre memoravel :

“O governo americano vem dar conta á America do golpe de força * que foi arrastado em cumprimento da suprema deliberação dos chefes da raça branca, reunidos em palacio no dia 7 de Maio de 2228. Foi approvada nessa assembléa a moção Leland, resumida nestas palavras :

“A convenção da raça branca decide alterar a lei Owen no sentido de incluir entre as taras que implicam a esterilização o pigmento negro camuflado. A raça branca autoriza o governo americano a lançar mãos dos recursos que julgar convenientes para a execução desta sentença suprema e inappellavel”.

Assim autorizado, procurou o governo agir de modo a evitar perturbações na vida nacional; estava em estudos da materia quando John Dudley lhe trouxe a revelação da virtude dupla dos raios Omega. Adoptado esse maravilhoso processo, operou-se a esteri-

lização dos homens pigmentados pelo unico meio, talvez, em condições de não acarretar para o paiz um desastre. O problema negro da America está, pois, resolvido da melhor forma para a raça superior, detentora do sceptro supremo da realeza humana”.

Nem a noticia da victoria eleitoral de Roy, nem a revelação dos raios Omega, nem a nova da morte do leader negro causaram tão profunda impressão como a fria mensagem do presidente reeleito.

Brancos e pretos a receberam com equal assombro – seguido logo de uma sensação de allivio por parte dos primeiros e de uma sensação nova na terra por parte dos segundos.

Pela primeira vez na vida dos povos realizava-se uma operação cirurgica de tamanha envergadura. O frio bisturi de um grupo humano fizera a ablação do futuro de um outro grupo de cento e oito milhões sem que o paciente de nada se apercebesse. A raça branca, affeita á guerra como *ultima ratio* da sua majestade, desviava-se da sua trilha e impunha um manso ponto final ethnico ao grupo que a ajudara a crear a America, mas com o qual não mais desejava viver em commum. Tinha-o como obstaculo ao ideal da Super-Civilização aryana que naquelle territorio começava a desabrochar, e pois não havia render-se a fraquezas de sentimento, nocivas á esplendorosa florescencia do homem loiro.

A raça ferida na fonte vital pendeu sobre o peito a cabeça, como a planta a que o jardineiro estrangula a circulação da seiva. Ia passar. Esteril como a pedra, ver-se-ia extinguir num crepusculo indolor, mas de tragica melancholia.

E passou...

Decennios mais tarde, no maravilhoso jardim americano onde só abrolhavam camelias louras de petalas levemente acobreadas pela força mysteriosa do géo-ambiente, erguia-se, ao alto do monumento de gratidão erigido pelo socio branco em homenagem ao socio negro, o busto do velhinho magico que em 2228 curara a dôr de cabeça historica do 87º presidente...

CAPITULO XXV

O BEIJO DE BARRYMORE

O desfecho do drama racial da America commoveu-me profundamente.

Não ter futuro, acabar... Que torturante a sensação dessa massa de cem milhões de creaturas assim amputadas do seu porvir!

Do outro lado, que maravilhoso surto não ia ter na America o homem branco, a expandir-se, liberrimo, na sua Chanaan prodigiosa!

Si somos, si existimos, si apesar de todos os males da vida tanto nos apegamos a ella, é que no intimo do nosso ser a voz da persistencia da especie nos ampara. A meio da vida de cada creatura já é a prole que lhe dá coragem de a viver até o fim. O celibatario, ser que vale por triste ponto final, sente-se corpo estranho no tumulto biologico-quasi um amaldiçoado. Que dizer de um povo inteiro assim amputado da sua descendencia?

A ver-se envelhecer sem um choro de creança em seu seio, que o faça pensar no amanhã? Dia final. Dia já em crepusculo rapido para uma noite eterna...

Fosse eu um philosopho e tinha alli materia para esmoer o cerebro no imaginar e re-imaginar a infinita maravilha do formidando quadro. Mas não era philosopho. Quem ama não philosopha, apenas suspira — e eu suspirava de commover penedos.

— Jane, Jane, Jane... como se repetia em minha bocca febreata essa palavra e com que extase meus ouvidos a ouviam!

Lembrei-me do romance. Senti que era talvez o caminho mais curto para alcançar o coração da filha do professor Benson. Lançei-me a elle. Comprei uma resma de papel e com furiosa soffreguidão fiz e refiz o primeiro capitulo, enthusiasmado com os periodos redondos e cantantes que me sahiam da penna. Burilei-o, qual um soneto, aprimorei-o de todos os arrebiques de forma, orientado por modelos que me pareceram os melhores. E nunca me hei de esquecer a ansia com que corri ao castello com a minha obra em punho! Ia pelo caminho prelibando a surpresa de miss Jane ante aquella forte revelação dum genio literario que morreria latente si esse meu anjo bom lhe não provocasse o surto.

Encontrei-a á varanda, radiosa de formosura avivada pelo ar fino da manhã. Sem

saudal-a, fui logo gritando de longe, com infantil alegria :

— Já fiz o primeiro, miss Jane ! O primeiro capítulo ! E estou ansioso por ouvir a sua opinião...

— Bravos ! exclamou ella. Não esperei que tão rapidamente puzesse mãos á obra.

Abri o meu pacote de tiras em bello cursivo e entreguei-lh'as, como quem á sua dama entrega a mais preciosa das gemmas. Impossível que após sua leitura miss Jane não me dêsse o seu amor.

Vendo a minha soffreguidão, alli mesmo a joven as leu, enquanto meus olhos avidos acompanhavam em seu rosto o effeito da narrativa.

Mas, ai de mim, tudo sahiu bem ao contrario do esperado... Miss Jane atenuou quanto pode a sua critica, delicada e gentil que era, mas não logrou impedir que de volta á cidade eu rasgasse em mil pedaços a minha obra prima e pela janellinha do vagão, melancholicamente, os lançasse ao vento. Azedei a semana inteira e no proximo domingo reappareci no castello de mãos vazias.

— Não refez, então, o capítulo ? indagou ella logo que entrei.

— Oh, não, miss Jane. Suas palavras abriram-me os olhos. Convenci-me de que não possuo qualidades literarias e não quero insistir, retruquei com ar resentido.

— Pois tem que insistir, foi a sua resposta. Em nome da nossa amizade o exijo, e pelas qualidades que vi em germen no seu primeiro escripto tenho a certeza de que fará a obra como é mister.

— Confesso, miss Jane, que a sua apreciação do ultimo domingo me desalentou, e ainda permaneço sob essa impressão...

— Que vaidosos, os moços! Lembre-se de meu pae. Quantas vezes fazia e refazia a mesma experiencia, com tenacidade de beneditino! Porisso venceu. Lembre-se dos grandes escriptores na phase inicial, lembre-se do esforço incessante de Flaubert para attingir a luminosa clareza que só a sabia simplicidade dá. A emphase, o empolado, o enfeite, o contorcido, o rebuscamento de expressões, tudo isso nada tem com a arte de escrever, porque é artificio e o artificio é a cuscuta da arte. Puros maneirismos que em nada contribuem para o fim supremo: a clara e facil expressão da idéa.

— Sim, miss Jane, mas sem isso fico sem estylo...

Que finura de sorriso, temperado de meiguice, afflorou nos labios da minha amiga!

— Estylo o senhor Ayrton só o terá quando perder em absoluto a preocupação de ter estylo. Que é estylo, afinal?

— Estylo é... ia eu respondendo de prompto; mas logo engasguei, e assim ficaria si

ella muito naturalmente não m'ò definisse de gentil maneira.

— ...é o modo de ser de cada um. Estylo é como o rosto : cada qual possui o que Deus lhe deu. Procurar ter um certo estylo vale tanto como procurar ter uma certa cara. Sahe mascara, fatalmente, essa horrivel cousa que é a mascara...

— Mas o meu modo natural de ser não tem encantos, miss Jane, é bruto, grosseiro inhabil, ingenuo. Quer, então, que escreva desta maneira ?

— Pois certamente ! Seja como é, e tudo quanto lhe parece defeito surgirá como qualidade, visto que será reflexo da cousa unica que tem valor num artista — a personalidade.

Reflecti commigo uns instantes e disse por fim :

— Está bem, miss Jane. Vou tentar mais uma vez. Vou escrever como sahir, sem preocupação de especie nenhuma — nem de grammatica, e verá que horror...

— Isso ! exclamou ella encantada. Acertou. Isso é que é escrever bem. Refaça o primeiro capitulo com esse criterio e traga-m'ò no proximo domingo. Serei franca como o fui na tentativa anterior, e si me parecer que de facto não tem as qualidades precisas, dil-o-ei francamente e não pensaremos mais nisso.

De regresso ao meu quartinho humilde nessa mesma noite dei inicio á obra. O meu

amúo, consequente á vaidade literaria ofendida, não passara de todo, e resolvi escrever mal, de um jacto, com a intenção deliberada de desapontar miss Jane. Ella me condemnaria a segunda tentativa, punhamos um ponto final na literatura e passaríamos a cuidar de outra cousa. Escrevi até madrugada, sem rasuras, sem escolha de palavras, como si estivesse a correr no meu saudoso Ford ao acaso das estradas sem fim. Ao soarem tres horas atirei com a caneta e fui dormir o somno mais pesado da minha vida.

— Aqui está, miss Jane, o horror que me sahiu da penna. Escrevi de accordo com a sua receita e nem coragem tive de reler. Condemne-me de uma vez e passemos a cuidar de outra cousa.

Miss Jane tomou as tiras e logo ao fim da primeira abriu a expressão que eu tanto ansiara por ver na tentativa anterior. E nesse estado de extase soffrego permaneceu até ao fim.

— Optimo! exclamou. O senhor Ayrton acaba de revelar-se-me um verdadeiro escriptor — impetuoso, irregular, incorrecto, ingenuo, mas expressivo, original e forte. Ha aqui verdadeiros achados de expressão. Faça o livro inteiro neste tom que lhe garanto a victoria.

Olhei para a minha amiga quasi com ran-

cor, tão certo estava de que se fazia cruelmente ironica para commigo.

— Tem coragem de ser assim impiedosa com o pobre Ayrton? disse-lhe em tom magoado.

Ella olhou-me nos olhos fixamente, sem dizer palavra, e nos seus lindos olhos azues vi reflectida com tamanha nitidez a pureza de sua alma que logo me envergonhei do meu impeto, filho exclusivo da ignorancia.

— Não, meu amigo, disse-me por fim. Sou incapaz de ironia. O que acabo de dizer é a fiel expressão do meu pensamento. Estas paginas estão cheias de defeitos, mas dos defeitos naturaes ao primeiro jacto de toda obra sincera e expontanea. São as rebarbas que com a lima o fundidor tira. Mas si noto defeitos que a lima tira, não noto nenhum vicio literario, e porisso considero optimo o começo do seu romance. Faça-o todo nesse tom e fará a obra que imagino. O trabalho de rebarba deixe-o commigo. Sou mulher e paciente. Deixe-me o menos e faça o mais. Seja o fundidor apenas, o obreiro que crea o grande bloco e não perde tempo com detalhes subalternos.

Calaram fundo no meu coração aquellas palavras. Vi nellas um interesse mais de amorosa do que de simples amiga — de amorosa que o é sem o saber. Immergida que sempre vivera em suas visões do futuro, e sempre

presa da mais intensa actividade cerebral, miss Jane ignorava-se.

Olhei-a com o coração nos olhos. O puro espirito viu em mim a taça cheia em excesso cuja espuma se derrama — e perturbou-se. Seus olhos baixaram-se. Seu peito offegou.

Era o céo. Atirei-me, como quem se atira á vida, e esmaguei-lhe nos labios o beijo sem fim de John Barrymore. E qual o raio que accende em chammas o tronco impassivel, meu beijo arrancou da gelada filha do professor Benson a ardente mulher que eu sonhara.

— Minha, afinal !...

INDICE

—

CAPITULO I	
O Desastre.....	9
CAPITULO II	
A Minha Aurora.....	23
CAPITULO III	
O Capitão Nemo.....	29
CAPITULO IV	
Miss Jane.....	35
CAPITULO V	
Tudo ether que vibra l.....	41
CAPITULO VI	
O tempo artificial.....	51
CAPITULO VII	
Futuro e Presente.....	65
CAPITULO VIII	
A Luz que se apaga.....	77
CAPITULO IX	
Entre Sá, Pato & Cia. e Miss Jane.....	95
CAPITULO X	
Céo e Purgatorio.....	105

CAPITULO XI	
No Anno 2228.....	119
CAPITULO XII	
A Symbiose desmascarada.....	133
CAPITULO XIII	
Politica de 2228.....	141
CAPITULO XIV	
Efficencia e Eugenia.....	147
CAPITULO XV	
Vesperas do pleito.....	161
CAPITULO XVI	
O Titan apresenta-se.....	173
CAPITULO XVII	
A adhesão das Elvinistas.....	177
CAPITULO XVIII	
O orgulho da Raça.....	191
CAPITULO XIX	
Burrada I.....	203
CAPITULO XX	
A Convenção Branca.....	217

CAPITULO XXI

Uma dôr de cabeça historica..... 225

CAPITULO XXII

Amor ! Amor !..... 237

CAPITULO XXIII

A derrocada de um Titan..... 249

CAPITULO XXIV

Crepusculo..... 259

CAPITULO XXV

Beijo de Barrymore..... 267

HENRY FORD

HOJE E AMANHÃ

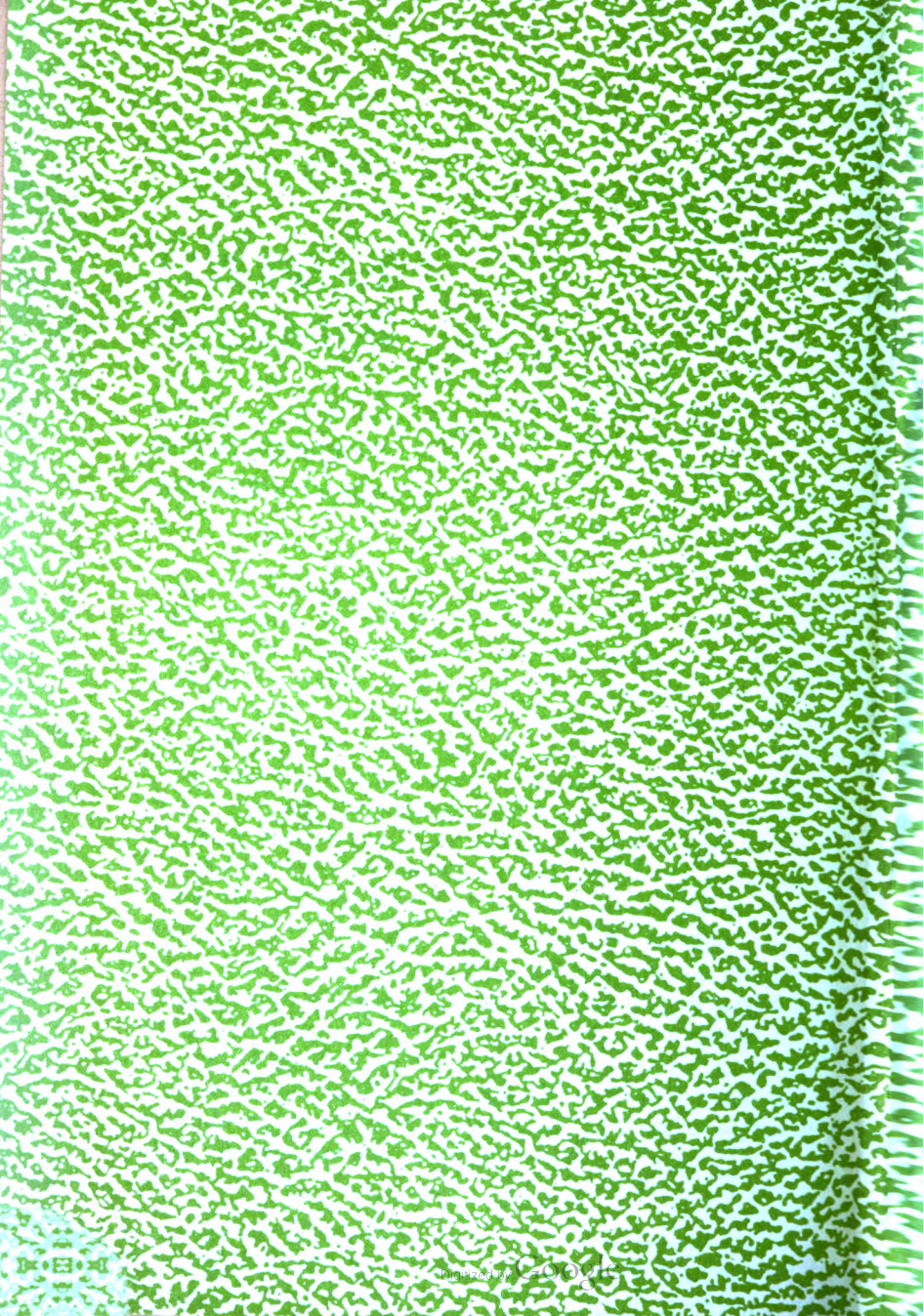
TRADUÇÃO DE
MONTEIRO LOBATO

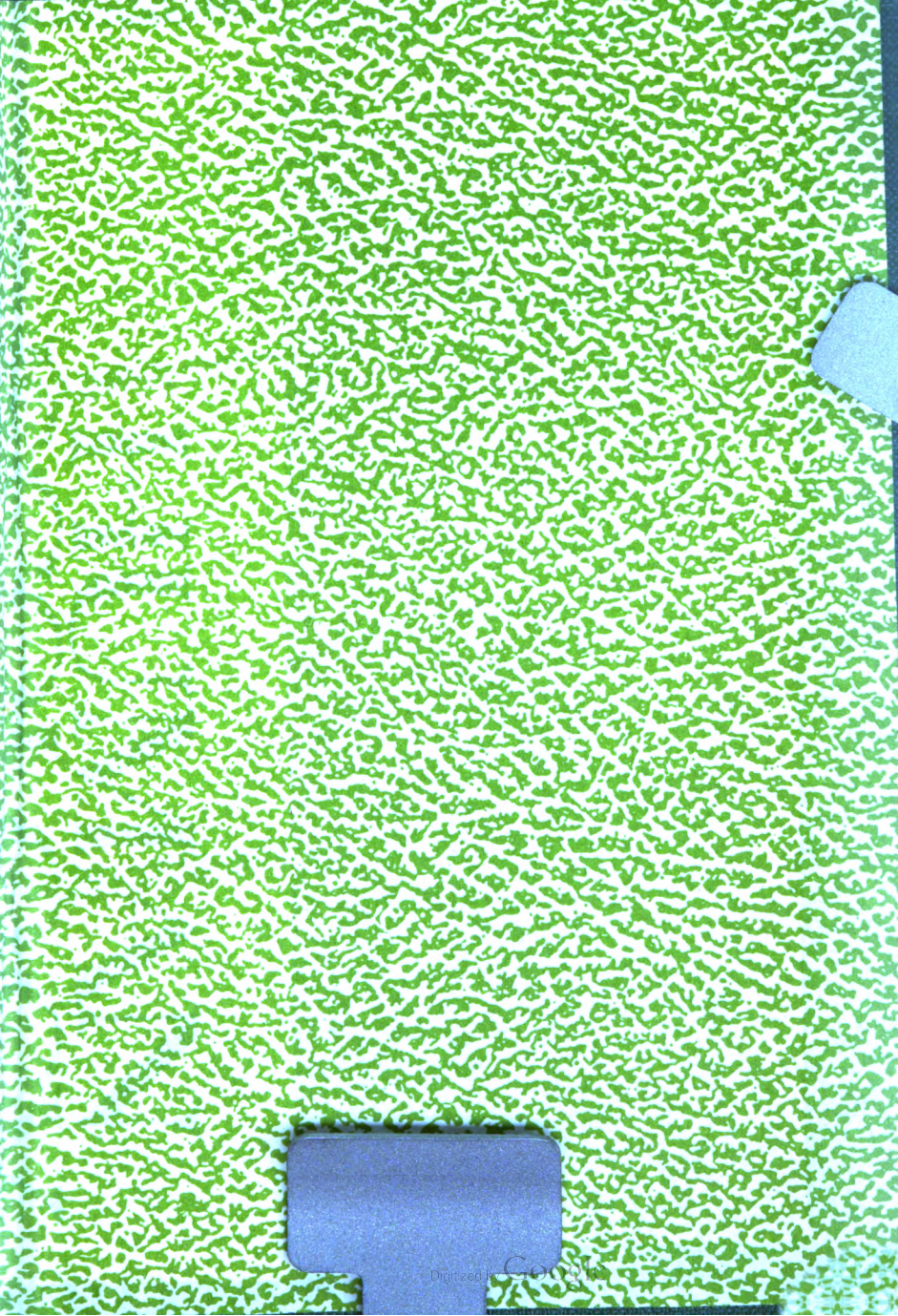
O MARAVILHOSO sucesso que o primeiro livro de Henry Ford obteve no mundo induziu o grande industrial a melhor expor neste os seus geniaes principios, dando ainda a publico a prova experimental da

força de verdade delles. Baste dizer que no intervallo entre "Minha Vida e Minha Obra" e "Hoje e Amanhã" as industrias Ford dobraram de vulto, andando já em 15 milhões de contos o valor da sua produção annual. "Minha Vida" appareceu em 16 linguas e, apesar de não ser uma obra de recreio, das que interessam os 90 % do publico, alcançou uma tiragem de 2 milhões de exemplares, para os quaes contribuimos, num esforço ingente, com 20 mil e foi espanto... A mesma divulgação está tendo "Hoje e Amanhã", verdadeira biblia do homem moderno. Praza aos céos que o Brasil comprehenda que não é lendo o "Livro de S. Cypriano" que se chega ao amanhã!

A Companhia Editora Nacional adquiriu os direitos de publicação em lingua portugueza destas duas grandes obras e tem feito pela expansão dellas o mais que pode, convencida de que melhor serviço não prestará ao paiz que mais necessita de olhar para Henry Ford, já que tão afastado se vê da estrada larga da Efficencia, segredo unico da prosperidade norte-americana.







UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN - UNIV LIBS



3027898186

0 5917 3027898186